



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E CONSERVAÇÃO
DO PATRIMÔNIO

**Estudo arqueológico dos sítios Anauá, Chapada, Santo Antônio e Olho
d'Água do Pau, Mauriti - Ceará.**

Daniel Luna Machado

Recife

2010

Daniel Luna Machado

Título: Estudo arqueológico dos sítios Anauá, Chapada, Santo Antônio e Olho d' Água do Pau - Mauriti-Ceará.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Conservação do Patrimônio, para obtenção do título de Mestre em Arqueologia

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros

CO-ORIENTADORA:

Profa. Dra. Cláudia Alves de Oliveira

Catálogo na fonte
Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4 - 985

M149e Machado, Daniel Luna
Estudo arqueológico dos sítios Anauá, Chapada, Santo Antonio e Olho d'Água do Pau – Mauriti-Ceará / Daniel Luna Machado. – Recife: O autor, 2011.
115 f. : il., 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, 2011.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Arqueologia. 2. Pré-história – Cariri cearense. 3. Ceramistas. 5. Mariti(CE). I. (Orientador) Medeiros, Ricardo Pinto de. II. Título.

930.1 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2011-14)

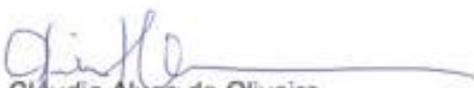


UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO DANIEL LUNA MACHADO

Às 9 horas do dia 31 (trinta e um) de agosto de 2010 (dois mil e dez), no Curso de Mestrado em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **Daniel Luna Machado** intitulada "*Estudo arqueológico dos sítios Anauá, Chapada, Santo Antônio e Olho d'Água do Pau, em Mauriti, Ceará*", sob a orientação do **Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito "**Aprovado**", em resultado à atribuição dos conceitos das professoras: **Cláudia Alves de Oliveira, Viviane Maria Cavalcanti de Castro e Márcia Angelina Alves**. Assinam também a presente ata, o Coordenador, Prof. Ricardo Pinto de Medeiros e a secretária Luciane Costa Borba para os devidos efeitos legais.

Recife, 31 de agosto de 2010


Profa. Dra. Cláudia Alves de Oliveira


Profa. Dra. Viviane Maria Cavalcanti de Castro


Profa. Dra. Márcia Angelina Alves


Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros


Luciane Costa Borba

Agradecimentos

Ao professor Ricardo Medeiros, pela dedicação, paciência e persistência desses dois anos e meio juntos...

À professora Claudia Oliveira, pelas inúmeras explicações e discussões...

À professora Viviane Castro pelas cobranças.

À Monkina e Vivian, minhas adoráveis companheiras que me acolheram no NEA e me iniciaram na arte de analisar cerâmica.

À Iris por me aturar e aturar minhas dúvidas durante um ano no NEA.

À Luci, pelo apoio de todos esses anos, estando presente sempre que eu precisava.

A Marcellus, pelo companheirismo, pelos lógicos...

À Bianca, Moreira, Renata, Kelvia, Tiago e Adriana, pela ajuda durante as análises.

Ao Departamento de História da UECE por ceder o espaço do NEEA durante o tempo que precisei.

A Rafael, Fabinho, Roberto, Edson, João, Lívia e Santiago, companheiros da Arqueologia que tornaram esse trabalho agradável.

À professora Verônica Viana, pelo apoio. A culpa disso é tua!

À dona Maisa Lane, por me apoiar sempre. Obrigado por tudo, mãe!

Resumo

Estudo arqueológico dos sítios Anauá, Chapada, Santo Antônio e Olho d'Água do Pau, em Mauriti, Ceará

Daniel Luna Machado

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros
Co-orientadora: Profa. Dra. Cláudia Alves Oliveira

Os estudos arqueológicos no Cariri cearense têm início no ano de 2005, com a descoberta dos sítios cerâmicos Chapada, Santo Antônio e Anauá, no município de Mauriti, na sub-bacia sedimentar do Araripe; o sítio cerâmico Olho d'Água do Pau foi descoberto no mesmo município no ano de 2008. As atividades desenvolvidas nestas áreas foram de salvamento arqueológico e tiveram fim no ano de 2008. Resultam destas atividades as coleções de material cerâmico e lítico dos referidos sítios. Estes sítios foram associados à ocupação de grupos pré-históricos ceramistas filiados à Tradição Tupiguarani. A partir destes estudos de salvamento resolveu-se iniciar pesquisa acadêmica, tendo como propósito conhecer a tecnologia dos grupos horticultores ceramistas da região do Cariri cearense. Sem trabalhar com a prévia filiação a uma tradição arqueológica, buscou-se conhecer os perfis cerâmicos de cada sítio para compará-los entre si e com os sítios da área pernambucana da Chapada do Araripe, mais precisamente os sítios Aldeia do Capim e Aldeia do Baião, ambos no município de Araripina. Os estudos dos grupos horticultores ceramistas que habitaram áreas do atual município de Araripina tiveram início na década de 1980. A comparação dos sítios cerâmicos do Cariri cearense com os sítios de Araripina contribui para um melhor conhecimento da tecnologia dos grupos ceramistas pré-históricos que ocuparam a região nordeste do Brasil.

Palavras chave: Pré-história - Cariri cearense - Grupos ceramistas - Perfil cerâmico

Abstract

Archeological Study of Anauá, Chapada, Santo Antônio e Olho d'Água do Pau sites in Mauriti, in Ceará

Daniel Luna Machado

Advisor: Prof. Dr. Ricardo Pinto de Medeiros
Co-advisor: Profa. Dra. Cláudia Alves Oliveira

Archaeological studies in Cariri Ceará began in 2005 with the discovery of the ceramic sites Chapada, Santo Antonio and Anauá in the municipality of Mauriti, in the sedimentary Araripe sub-basin; the ceramic site Olho d'Água do Pau was discovered in the same county in 2008. Archaeological survey activities were conducted in these areas and were completed at the end of 2008. These activities resulted in collections of lithic and ceramic material from the referred sites. These sites were associated with settlements of prehistoric pottery-making groups affiliated with the Tupiguarani tradition. Based on these studies we decided to start a research study with a view to understand the technology of horticultural pottery-making groups in the Cariri region in Ceará. Without prior affiliation with an archaeological tradition, we sought to identify the ceramic profiles of each site to compare them with each other and the sites of the area of Chapada do Araripe in Pernambuco, more precisely the sites of Aldeia do Capim and Aldeia do Baião, both in the city of Araripina, Pernambuco. The studies of horticultural pottery-making groups who inhabited areas of the current municipality of Araripina began in the 1980s. The comparison of ceramic sites in Cariri in Ceará with the sites in Araripina in Pernambuco contributes to a better understanding of the technology of prehistoric pottery-making groups that settled in the north-eastern region of Brazil.

Key-words: Pre-history - Cariri in Ceara – Pottery-making groups – Ceramic profile

Índice de Fluxogramas, Gráficos, Imagens, Mapas e Tabelas.

Fluxogramas

Fluxograma 1 - Esquema de construção do perfil técnico cerâmico.	p. 11
Fluxograma 2 - Esquema de construção do Sistema Técnico.	p. 12
Fluxograma 3 - Esquema de construção do estilo tecnológico.	p. 17

Gráficos

Gráfico 01 – Frequência em percentual dos fragmentos cerâmicos analisados.	p. 66
Gráfico 02 – Distribuição das pastas em percentual.	p. 67
Gráfico 03 – Tipos de tratamento de superfície em percentual.	p. 67
Gráfico 04 – Tipos de queima em percentual.	p. 68
Gráfico 05 – frequência das formas em percentual.	p. 70
Gráfico 04 – Proporção do tamanho das vasilhas em percentual.	p. 70
Gráfico 07 – Distribuição das pastas em percentual.	p. 72
Gráfico 08 – Tipos de tratamento de superfície em percentual.	p. 73
Gráfico 09 – Tipos de queima em percentual.	p. 74
Gráfico 10 – Frequência das formas em percentual.	p. 75
Gráfico 11 – Frequência dos tamanhos dos vasilhames.	p. 76
Gráfico 12– Tipos de pastas em percentual.	p. 78
Gráfico 13 – Tipos de tratamento de superfície em percentual.	p. 78
Gráfico 14 – Tipo de queima em percentual.	p. 79
Gráfico 15 – Frequência das formas em percentual.	p. 81
Gráfico 16 – Frequência dos tamanhos das vasilhas em percentual.	p. 81
Gráfico 17 – Tipos de pasta em percentual.	p. 83
Gráfico 18 – Tipos de tratamento de superfície em percentual.	p. 84
Gráfico 19 – Tipos de queima em percentual.	p. 85
Gráfico 20 – Frequência da forma das vasilhas em percentual.	p. 86
Gráfico 21 – Frequência do tamanho das vasilhas em percentual.	p. 87

Imagens

Imagem 01 – Sondagem de 2x1 metros no sítio Chapada.	p. 40
Imagem 01 – Sondagem do sítio Chapada.	p. 41

Imagem 03 – Setor I, escavado, e setor II por trás da área escavada.	p. 43
Imagem 04 – Escavação do sítio Anauá, setor III, em 2008.	p. 43
Imagem 05 – Escavação do sítio OAP.	p. 46
Imagem 06 – Pasta 1 com aditivos de bolo de argila em destaque.	p. 49
Imagem 07 – Pasta 2 areia como antiplástico.	p. 50
Imagem 08 – Pasta 3 bolos de argila e areia em destaque.	p. 50
Imagem 09 – Cerâmica alisada.	p. 52
Imagem 10 – Cerâmica polida.	p. 52
Imagem 11 – Cerâmica brunida.	p. 52
Imagem 12 – Cerâmica acanalada.	p. 53
Imagem 13 – Cerâmica pintada.	p. 54
Imagem 14 – Cerâmica escovada.	p. 54
Imagem 15 – Cerâmica roletada.	p. 55
Imagem 16 – Cerâmica ponteadada.	p. 55
Imagem 17 – Cerâmica com engobo.	p. 56
Imagem 18 – Motivo 1.	p. 59
Imagem 19 – Motivo 2.	p. 59
Imagem 20 – Motivo 3.	p. 59
Imagem 21 – Motivo 4.	p. 59
Imagem 22 – Motivo 5.	p. 59
Imagem 23 – Motivo 6.	p. 60
Imagem 24 – Fuso.	p. 60
Imagem 25 – Vasilha Reconstituição 3D.	p. 61
Imagem 26 – Vasilha elipsóide aberta Reconstituição.	p. 62
Imagem 27 – Vasilha elipsóide fechada Reconstituição.	p. 62
Imagem 28 – Vasilha circular aberta Reconstituição.	p. 63
Imagem 29 – Vasilha ovóide aberta Reconstituição 3D.	p. 63
Imagem 30 – vasilha ovóide fechada Reconstituição 3D.	p. 64
Imagem 31 – Vasilha elipsóide fechada Reconstituição 3D.	p. 64
Imagem 32 - Cerâmica brunida – Sítio Chapada	p. 64

Imagem 33 - Cerâmica pintada – Sítio Santo Antônio	p. 71
Imagem 34 – – Cerâmica roletada – Sítio Olho d'Água do Pau	p.
Imagem 35 – Cerâmicas pintadas dos sítios Chapada e Anauá.	p. 91
Imagem 36 – Fusos do sítio Anauá.	p. 91
Imagem 37 – Fusos da região da Chapada do Araripe.	p. 92
Imagem 38 – Cerâmicas da região da Chapada do Araripe.	p. 93

Mapas

Mapa 01 – Mapa dos enclaves úmidos e sub-úmidos do Nordeste.	p. 32
Mapa 02 - Mapa de localização do Vale do Cariri.	p. 34
Mapa 03 - Mapa de Localização de Mauriti.	p. 37
Mapa 04 - Municípios limítrofes de Mauriti.	p. 38
Mapa 05 - Localização dos sítios.	p. 39
Mapa 06 - Mapa da escavação do sítio Anauá.	p. 45

Tabelas

Tabela 01 – Quantificação dos vestígios cerâmicos.	p. 6
Tabela 02 – Quantificação dos vestígios lítico.	p. 6
Tabela 03 – Atributos analisados.	p. 47-8
Tabela 4 - Comparação das análises.	p. 91

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	2
CAPÍTULO 1. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	9
1.1. Fundamentação teórica.....	9
1.2. Problemas e Hipótese	18
1.3. Metodologia.....	19
CAPÍTULO 2. O CARIRI CEARENSE E SEUS ANTIGOS HABITANTES	23
2.1. Correlações entre Arqueologia e História.....	23
2.2. A distribuição indígena no Ceará	24
2.2. Ocupação indígena no Cariri	29
2.3. O Ambiente úmido da Chapada do Araripe.....	31
2.4. A Bacia Sedimentar do Araripe.....	32
2.5. Localização de Mauriti	35
2.6. Descrição dos sítios	37
CAPÍTULO 3. A TECNOLOGIA CERÂMICA E LÍTICA DO SUL DO CARIRI CEARENSE	47
3.1. Análise da cerâmica.....	47
3.2. Sítio Chapada.....	64
3.3. Sítio Santo Antônio	71
3.4. Sítio Olho d'Água do Pau.....	77
3.5. Sítio Anauá	83
3.6. Resultado das análises.	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	101
ANEXOS	107

APRESENTAÇÃO

O *Estudo arqueológico dos sítios Anauá, Chapada, Santo Antônio e Olho d'Água do Pau, em Mauriti, Ceará* tem como objetivo principal definir as características da tecnologia do grupo produtor dos vestígios encontrados na área cearense da Chapada do Araripe, relacionando-os com os sítios de Araripina, no lado pernambucano da mesma chapada.

A escolha da temática “grupos ceramistas” para o desenvolvimento desse trabalho acadêmico dá-se, em especial, pela ausência de pesquisas que abordem grupos ceramistas no Ceará. Até o presente momento as poucas pesquisas acadêmicas foram voltadas para o estudo dos registros rupestres, sendo essa a primeira na abordagem dos grupos ceramistas.

O trabalho tem seus antecedentes nos estudos de arqueologia de salvamento realizados no ano de 2005 com prospecção arqueológica coordenada pelas arqueólogas Jacionira Coelho e Verônica Viana (COELHO; VIANA, 2005), e com os salvamentos arqueológicos realizados nos anos de 2006 e 2008 pela arqueóloga Verônica Viana (VIANA, 2006; 2008; 2009) onde pude participar, desde a primeira campanha, enquanto estagiário de graduação, dar continuidade durante a monografia de graduação e prosseguimento na atual pesquisa.

Nesse salvamento foram identificados quatro sítios arqueológicos que na ocasião foram classificados como pertencentes à tradição Tupiguarani (COELHO; VIANA, 2005; VIANA, 2006; 2008; LUNA, 2007). Os critérios para a filiação foram, basicamente, a identificação de alguns elementos que o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) utilizou para definir essa tradição, e o caracterizador principal utilizado para tal fim foi a cerâmica, dando-se importância ao tratamento de superfície, à espessura – definindo-se que fragmentos cerâmicos espessos seriam Tupiguarani –, aos tipos de borda – nesse caso as bordas reforçadas também auxiliaram na filiação dos vestígios na referida tradição arqueológica –, e, sobretudo, às decorações com pintura em vermelho, marrom e branco.

No modelo histórico-culturalista aplicado no Brasil pelo PRONAPA, a cerâmica tinha um papel importante para a identificação da tradição cultural (OLIVEIRA, 2001) e caracterizou-se a tradição cultural Tupiguarani por uma cerâmica policrômica em vermelho e/ou preto sobre engobo branco ou vermelho, corrugada, escovada, pelo uso de machados de pedra polida, tembetás, e por enterramentos secundários (OLIVEIRA, 1991). Notamos assim que outros elementos além da cerâmica – sepultamento, material lítico e ornamentos – seriam caracterizadores de tal tradição, embora a cerâmica tenha sido o principal elemento caracterizador. Prous indica outros elementos caracterizadores da tradição Tupiguarani como o padrão de assentamento – os grupos Tupiguarani ocupariam a parte superior das encostas de morros próximos a rios navegáveis e geralmente nas imediações das habitações passaria um córrego ou rio menor que daria água potável ao grupo (PROUS, 1992).

Embora tenha-se levado em conta outros elementos para a caracterização cultural, as diferenças culturais foram assinaladas a partir da cerâmica. Entende-se que a cerâmica é, também, um fator para caracterização de uma tradição cultural, mas não pode ser considerado o único. Para Oliveira

As diferenças do material lítico, entre outras variáveis que poderão ser consideradas e estabelecidas, não apenas a partir das formas de suas peças, mas das técnicas de acabamento, da escolha diferencial das matérias-primas, segundo o tipo de forma e potencialidade de cada instrumento, permitem construir tipologias com grandes possibilidades relacionais com o meio ambiente e com o conjunto de instrumentos desenvolvidos pelo grupo. Tanto o material lítico como o material cerâmico – através de análises extremamente afinadas com rigor e detalhes – além dos outros elementos, tais como a forma de subsistência, os padrões de assentamentos, fornecem dados sobre as características culturais (1991, p.56).

Uma das primeiras críticas ao modelo do PRONAPA parte de José Proenza Brochado que critica o método Ford e a “análise centrada apenas na descrição de antiplástico, de tratamento de superfície e outros aspectos mensuráveis no fragmento cerâmico” (NOELLI, 2008, p.21). As outras críticas para a importância da cerâmica como principal caracterizador da tradição cultural pelo PRONAPA consistem no questionamento dos critérios escolhidos para estabelecer as distinções espaciais e

temporais na evolução dos grupos através da técnica. Consideraram-se, em primeira instância, os aspectos decorativos da cerâmica. Dessa forma a decoração seria o aspecto principal da análise cerâmica para definição das distinções étnicas. Sabe-se que decorações plásticas como o escovado e o corrugado são quase universais e a utilização de pinturas vermelha, preta e branca podem ser percebidos na América e na África (OLIVEIRA, 1991). Em segunda instância considerou-se os aditivos, o que também seria passível de críticas uma vez que é difícil determinar o que seria natural do que seria antrópico, pois alguns elementos definidos como aditivo podem ser elementos da própria constituição das argilas (ALBUQUERQUE, 1984; MARANCA, 1985; SHEPARD, 1961).

Afirmou-se, nas pesquisas de salvamento, que os sítios estariam ligados aos grupos Tupi-Guarani que, possivelmente, teriam ocupado a região num período anterior à colonização do início do século XVIII. Para tal afirmação partiu-se da associação da tradição arqueológica Tupiguarani com os Tupi-Guarani, proposta pelo PRONAPA, embora existisse, na historiografia, uma ausência, ou melhor, informações fugazes e contestadas que tratassem da presença de grupos Tupi na região do Cariri cearense durante o período colonial. Já foi bastante discutida, na literatura arqueológica, a associação feita entre o Tupi-Guarani – termo que designa os falantes do tronco lingüístico macro Tupi – e o Tupiguarani – que designa uma tradição ceramista. Prous (1992) chama atenção para o detalhe de que alguns grupos Tupi-Guarani não produziram cerâmicas e outros grupos Tupi-Guarani fabricaram cerâmicas de forma distinta das Tupiguarani. Martin (1999) levanta a questão de que intercambio cultural, contatos de diversos teores e escambos podem ter levado grupos lingüísticos distintos a adotarem as técnicas de fabrico da cerâmica Tupiguarani.

Os principais argumentos utilizados para correlacionar os Tupi-Guarani lingüísticos com os Tupiguarani arqueológicos são: a semelhança entre as cerâmicas Tupiguarani com as cerâmicas descritas pelos cronistas como pertencentes aos Tupi-Guarani históricos; a área de dispersão da tradição cerâmica Tupiguarani, verificado em pesquisas arqueológicas correspondendo parcialmente à área cultural Tupi-Guarani, descrita em relatos de cronistas e viajantes; a relação espacial entre a divisão étnica dos Tupi costeiros - que ocupavam desde o Trópico de Capricórnio para o norte até o Maranhão – e os Guarani – que ocupavam desde o extremo Tupi no Trópico de

Capricórnio para o sul até o rio da Prata – com a distribuição das subtradições arqueológicas da cerâmica Tupiguarani, onde a subtradição da região Sul ocupava o espaço dos Guarani históricos e a subtradição da região Nordeste e Leste ocupavam a mesma área dos Tupi históricos (BROCHADO, 1980).

Acreditamos que algumas discussões poderiam ser feitas com esses sítios, e tentamos dar início a tais discussões na pesquisa de monografia de graduação apresentada no ano de 2007 (LUNA, 2007) onde questionamos a relação direta entre a tradição arqueológica Tupiguarani – definida como tradição dos sítios cerâmicos de Mauriti - e os grupos falantes do Tupi-Guarani – que supostamente teriam ocupado a região - baseando nossas idéias nas críticas feitas por Prous (1992) e Martin (1999) de que as cerâmicas Tupiguarani não necessariamente estariam relacionadas aos falantes do Tupi-Guarani. Os diversos grupos falantes de outras línguas podem ter incorporado técnicas cerâmicas dos falantes do Tupi-Guarani. Segundo Medeiros, os povos indígenas viviam em processo de redefinição sociocultural, “seja da influência ou troca cultural realizada com povos vizinhos, ou ainda um dinamismo interno àquelas culturas” (2002, p.211).

Ainda nesse nosso estudo de 2007 pudemos constatar que existia uma diversidade de grupos étnicos que ocuparam ou transitaram na região do Cariri cearense no período colonial. Dessa forma pôde-se destacar a diversidade indígena no sertão nordestino, como mostra os estudos de Medeiros (2002), muito embora nessa região do Cariri cearense evidencia-se, até o momento, uma homogeneidade na cultura material (VIANA, 2006).

Resolvemos dar continuidade a essas pesquisas na região do Cariri cearense trabalhando com os elementos disponíveis a partir do salvamento arqueológico mencionado, considerando que os rigores científico, metodológico e mesmo técnico da arqueologia de salvamento não são os mesmos utilizados em pesquisas acadêmicas. Temos, então, como possibilidade de pesquisa o estudo tecnológico dos produtores da cultura material coletada em três escavações (sítio Anauá, em 2006 e 2008, e Olho d'Água do Pau, 2008), e em coletas de superfície em dois sítios (Chapada e Santo Antônio, em 2006).

No geral, os elementos de análise são vestígios cerâmicos e raros líticos (Tabelas 1 e 2). O estudo tecnológico nos possibilitará atingir nosso objetivo, o de definir

as características tecnológicas do grupo produtor dos vestígios encontrados nos sítios Anauá, Santo Antônio, Chapada e Olho d'Água do Pau e comparando com as características tecnológicas dos sítios Aldeia do Baião e Aldeia do Capim, em Araripina.

Quantificação e procedência dos vestígios cerâmicos

Sítio	Nº de vestígios coletados	Nº de vestígios não classificados	Nº de vestígios classificados
Anauá	937	197	740
Olho d'Água do Pau	428	127	301
Santo Antônio	57	11	46
Chapada	56	10	46
Total	1478	345	1133

Tabela 1 – Quantificação dos vestígios cerâmicos

Quantificação, tipologia e procedência dos vestígios cerâmicos

Sítio	Nº de vestígios		Tipologia		Total
	Lascado	Polido	Lascado	Polido	
Anauá	26	09	15 lascas	03 polidores	44
			26 fragmentos		
Olho d'Água do Pau	41	03	10 lascas	05 tembetás	35
			15 fragmentos		
			01 núcleo	04 não identificados	
			03 instrumentos		
Total	67	12	70	12	79

Tabela 2 – Quantificação dos vestígios lítico

A busca da identidade está e esteve sempre presente em arqueologia, todavia a ênfase e os meios de se chegar a ela são distintos, variando de um modelo teórico para outro. A busca de identidade étnica da Escola Indígena de Investigação Arqueológica e da

Arqueologia Social Latino Americana (CAPRILES, 2003), que buscam fortalecer a identidade indígena contemporânea através do passado, difere da tentativa de busca da identidade perseguida pela Arqueologia Nacionalista que domina a disciplina até os anos sessenta, através da Arqueologia Histórico-Cultural, que tinha como principal objetivo identificar - no espaço e no tempo – grupos étnicos a partir da associação direta entre etnia, cultura, cultura-material e a sua distribuição espacial (VALERA, 2008).

A Arqueologia histórico-culturalista buscava identidades arqueológicas, e nesse momento o conceito de cultura arqueológica serviria na busca dessa identidade. Buscavam-se nas culturas arqueológicas os seus autores históricos. Os vestígios materiais similares em um espaço delimitado formariam uma cultura arqueológica e tais vestígios eram vistos como produtos que refletiam as manifestações culturais que expressavam a identidade de um grupo étnico, o que formaria o binômio uma cultura/um povo (VALERA 2008).

As etnias eram referenciadas no espaço a partir da distribuição da cultura material com seus “fósseis diretores” que verificariam as semelhanças e diferenças, as mudanças e as continuidades (CHILDE, 1977). Nessa busca do passado, à medida que se recuava no tempo, mais difícil era a filiação com grupos presentes, mas não se perdia a familiaridade e se identificava o grupo cultural pelo nome da localidade onde o sítio fora encontrado. O método tipológico era utilizado para datar e definir as culturas. Para definir cada cultura eram utilizados os tipos de artefatos característicos – fóssil diretor – pois mudavam vagarosamente enquanto outros objetos, de maior valor utilitário, que estavam mais suscetíveis à cópia e ao comércio seriam ideais para observar as trocas culturais e a cronologia (MARTÍNEZ, 2000).

Considerando que a busca de uma identidade não será possível nesse momento da pesquisa, entendemos que a caracterização da tecnologia desse grupo ceramista seja o primeiro passo para avançarmos em outros aspectos concernente às questões sociais do grupo.

Construímos, então, esse trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, discutimos as mudanças teóricas nos estudos dos grupos pré-históricos ocorridas no Brasil a partir das críticas ao PRONAPA, dando ênfase às mudanças teórico-metodológicas que

surtem no Nordeste a partir das pesquisas de Marcos Albuquerque, Claudia Oliveira, Ana Nascimento e Suely Luna, e detalhando a nossa abordagem teórica e metodológica.

No segundo capítulo, intitulado “A região do Cariri e seus antigos habitantes”, formamos um quadro, a partir da historiografia, da ocupação indígena no Ceará, buscando informações mais detalhadas dos grupos que habitaram o Cariri cearense, e localizando os sítios analisados dentro do Ceará e no contexto ambiental da Chapada do Araripe, descrevendo os sítios estudados e as intervenções arqueológicas realizadas em tais sítios.

No terceiro capítulo, apresentamos as análises dos vestígios materiais dos sítios estudados, os perfis cerâmicos resultantes dessas análises, as comparações entre os sítios Chapada, Santo Antônio, Olho d’Água do Pau e Anauá, e a comparação destes com os sítios Aldeia do Capim e Aldeia do Baião, de Araripina, assim como nossas conclusões.

CAPÍTULO 1. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

1.1. Fundamentação teórica.

O modelo histórico-culturalista no Brasil é representado pelo PRONAPA (1965-1970), um projeto de pesquisas arqueológicas que tinha colaboração da antiga Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) – atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – e a Smithsonian Institution, representada pelos pesquisadores americanos Drs. Clifford Evans e Betty J. Meggers (PROUS, 1992). Outros programas deram continuidade ao modelo, no caso, o Programa de Pesquisas Paleo-indígena (PROPA), desenvolvido entre os anos de 1972 e 1978, e o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA), desenvolvido entre os anos de 1977 e 1983 (DIAS, 2003). Os principais objetivos dessa arqueologia desenvolvida no Brasil eram identificar e mapear sítios arqueológicos em áreas selecionadas do território nacional; segregar as tradições culturais; estabelecer cronologias relativas; indicar contatos e influências entre grupos étnicos e estabelecer seqüências de desenvolvimento utilizadas para identificar os estágios evolutivos e culturais (OLIVEIRA, 1991; NASCIMENTO, 1991). Os resultados gerados por estes programas e por pesquisadores que seguiram suas diretrizes são as datações de centenas de sítios, a identificação de milhares de sítios, três tradições pré-cerâmicas e nove tradições cerâmicas associadas a grupos horticultores.

O modelo trazido por Evans e Meggers dava pouca importância ao estudo de caçadores coletores, privilegiando os estudos de grupos ceramistas. Para esses pesquisadores houve pouca evolução cultural durante esse período. Para eles a evolução só ocorreria de forma mais acelerada com a domesticação de plantas e animais (DIAS, 2003). Somado a isso, tinha-se, na cerâmica, o principal elemento para construções cronológicas, pois, no dizer de Meggers e Evans

a cerâmica é a categoria de material ideal, porque a fragilidade que encerra exige uma produção em larga escala, mas os cacos são suficientemente resistentes para persistir mesmo em condições climáticas adversas; porque foi usada no sítio de habitação e, portanto,

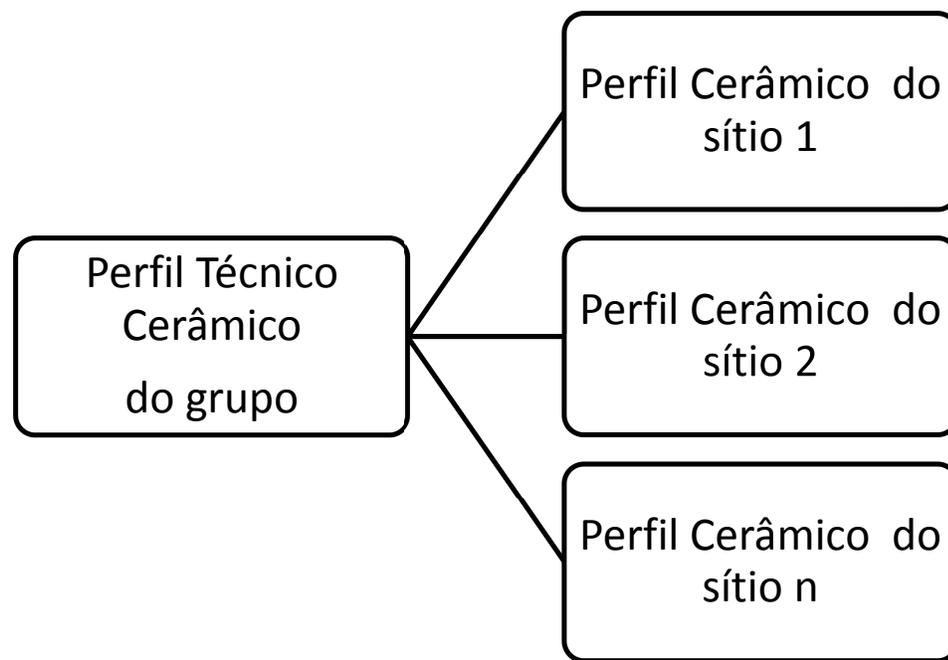
aí deixada em certa quantidade (ao contrario das pontas de projétil, em geral, perdidas ao acaso); e porque uma variedade quase infinita de acabamentos de superfície, decoração e formas de vasilhames é compatível com o preenchimento de sua função de recipiente. Portanto, a análise cerâmica é o principal instrumento do arqueólogo, não porque ele a considera um componente muito importante do extinto inventário cultural, mas por ser um indicador de sensibilidade única para construir cronologias relativas; e cronologia é um pré-requisito para todas as outras espécies de construção e interpretação arqueológica (MEGGER; EVANS, 1970, p. 10).

No Nordeste o modelo do PRONAPA sofreu críticas quanto às abordagens utilizadas para o estudo de grupos produtores de cerâmica. Entre as críticas destacam-se a da supervalorização da cerâmica em detrimento dos demais vestígios arqueológicos; a de que apenas alguns elementos da cerâmica estariam sendo utilizados para determinar as fases; e a utilização de termos vagos para a classificação cerâmica que os tornavam dúbios e de difícil comparação com a análise de outros pesquisadores¹. No Nordeste essas críticas ganham força a partir da década de noventa do século XX com Gabriela Martin, Marcos Albuquerque, Cláudia Oliveira, Ana Nascimento e Suely Luna (OLIVEIRA, 2001). As críticas feitas ao PRONAPA levaram a uma revisão dos estudos de grupos produtores de cerâmica no Brasil e Oliveira (1991; 2000; 2001; 2003; 2008; 2009) propõe algumas mudanças.

A primeira mudança diz respeito à importância demasiada que deram à cerâmica em detrimento aos demais vestígios. Para Oliveira o vestígio cerâmico é uma fonte de dados com o mesmo valor das outras fontes de informação utilizadas para a realização da pesquisa. A visão da sociedade não pode ser fragmentada e não se pode, como quis o PRONAPA, chegar à reconstituição da sociedade através de um único pedaço desta. Nessa perspectiva, trabalha-se como “uma antropologia pré-histórica onde se procura reconstituir nos sistemas culturais o comportamento, as atividades e os modos de organização de cada grupo” (OLIVEIRA, 1991, p. 62).

¹ A utilização de expressões dúbias para descrever as cerâmicas tais como: “parede fina”, “parede grossa”, “cerâmica bem alisada”, “grosseira”, “mal decotada”, “escura”, “bem elaborada”, “mal cozida”, enfim essas expressões impossibilitam qualquer comparação entre especialistas pela ausência de parâmetros objetivos que possibilitassem comparações. (ALBUQUERQUE, 1992). Meggers e Evans, na década de setenta, já alertavam para tais erros e sugeriam claras definições do que fosse denominar de areia grossa, média e fina, bem alisado, ligeiramente polido, bem polido, etc. (MEGGER; EVANS, 1970).

A segunda mudança é referente ao estudo dos elementos característicos da produção e utilização da cerâmica, ao invés dos fragmentos isolados desse contexto. Nessa perspectiva toda sociedade domina um conjunto de procedimentos técnicos para elaboração de diferentes objetos e cada grupo desenvolve um modo diferente de produção dos mesmos. Cada sítio tem um perfil de elaboração de cada elemento: um perfil cerâmico para a cerâmica, um perfil lítico para o lítico, um perfil de habitação para as construções de moradias, etc. O conjunto de perfis comuns, de vários sítios, formaria um perfil técnico, por exemplo, o conjunto de perfil cerâmico de vários sítios de um mesmo grupo formaria o perfil técnico cerâmico de um grupo. O conjunto de perfis técnicos – cerâmico, lítico, gráfico, etc. – formaria um Sistema técnico (OLIVEIRA, 2008). Todo vestígio – lítico, cerâmica, construção de habitação, etc. - possui um perfil técnico e o conjunto de cada técnica irá caracterizar tecnologicamente o sistema técnico estudado.

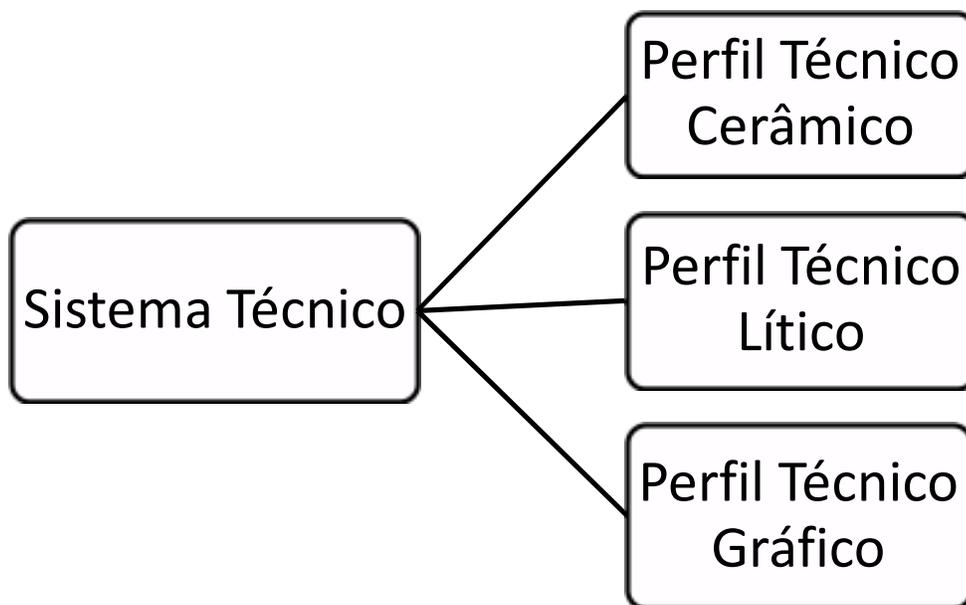


Fluxograma 1 - Esquema de construção do perfil técnico cerâmico.

Para se chegar ao perfil cerâmico, precisa-se caracterizar os elementos técnicos, morfológicos e funcionais e de design organizados segundo regras hierárquicas.

A construção do perfil cerâmico de um conjunto de sítios formará o perfil técnico cerâmico do grupo e o conjunto de perfis técnicos formará o sistema tecnológico.

Dessa forma a fabricação do instrumento, sua função e utilização, os gestos e as técnicas são vistos como elementos sociais e devem ser estudados junto às representações sociais (LEMONNIER, 1983; LEROI-GOUHAN, 1984.). Nessa perspectiva o sistema tecnológico não pode ser visto de forma isolada dos demais elementos sociais (PESSIS, 1993), nem a arqueologia fazer o estudo do artefato e das técnicas como o seu fim último. O sistema tecnológico, nesse caso, faria parte da dinâmica social e cultural de uma sociedade tais como a fala, os mitos, os rituais, os tabus, as relações de gênero, etc.



Fluxograma 2 - Esquema de construção do Sistema Técnico.

Nessa abordagem teórico-metodológica em que se percebe a tecnologia na perspectiva sistêmica em que o sistema técnico é visto como o resultado do arranjo da inter-relação de suas partes deu-se os estudos dos sítios pré-históricos da Bacia Sedimentar do Araripe (BSA).

As pesquisas anteriores apontaram para a filiação a uma tradição arqueológica – seguindo os parâmetros utilizados pelo PRONAPA - ocupando a região, tradição essa que se filiou a uma etnia. O emprego do conceito *tradição e fase*, utilizados pelo PRONAPA têm a função de localizar, espacialmente e temporalmente, os grupos humanos pré-históricos (OLIVEIRA, 2000). De acordo com a proposta pronapiana, as seqüências seriadas semelhantes, em uma mesma região, seriam reunidas em fases e o conjunto de fases formaria as tradições. No Brasil os estudos de grupos produtores de cerâmica recebem influência da escola americana com Clifford Evans e Betty Meggers durante o PRONAPA na década de 60 do século XX. Nesse período o objetivo era estabelecer um esquema cronológico do desenvolvimento cultural no país, através de trabalhos prospectivos de caráter regional e pelas seriações (OLIVEIRA, 2001, p.15). Para classificação da cerâmica consideravam-se as diferenças no antiplástico ou tratamento de superfície, estabelecendo tipologias das fases cerâmicas empregando o método Ford². Para o PRONAPA a cerâmica é um índice sensível de correlação cultural e a identificação das distintas variedades de forma e decoração poderia estabelecer as origens e filiações dos produtores dessa cerâmica. A principal problemática que norteava as pesquisas pronapianas era “reconstituir os movimentos de povos e culturas que pudessem explicar a distribuição de traços físicos, lingüísticos e culturais que foram identificados no Novo Mundo” (Oliveira, 2001, p. 09).

No tocante a utilização dos conceitos de *tradição e fase* pelo PRONAPA é importante entender que esses conceitos foram primeiramente desenvolvidos pela arqueologia histórico-culturalista americana e esquematizados na década de cinquenta do século XX por Willey e Phillips.

Para os autores, os níveis de organização do trabalho arqueológico e as atividades a eles relacionadas estariam de acordo com três etapas. A

² O método Ford é um método de seriação dos vestígios para a elaboração de cronologias. Para se fazer a seriação é necessária a criação dos tipos cerâmicos. Os tipos cerâmicos se constroem a partir de alguns atributos como decoração, forma, manufatura, queima, tipo de argila, e aditivos. Dentre esses atributos deve-se escolher um atributo guia que varia de caso para caso. O tipo cerâmico é definido como uma combinação de atributos cerâmicos utilizados num período curto de tempo e numa região geográfica relativamente pequena. Para se obter uma seriação cerâmica são necessários vários tipos de uma mesma área. É necessário que as coleções tenham pelo menos 50 fragmentos para obter porcentagens úteis. Em cada coleção é feito gráficos dos tipos e busca-se um padrão a partir do crescimento de cada tipo que lhe permitira uma comparação com os outros tipos. (FORD, 1962).

primeira etapa seria o trabalho de campo, que objetiva “observar os produtos materializados do comportamento humano” Os dados obtidos seriam organizados e descritos em uma segunda etapa, chamada pelos autores de integração histórico-cultural, que compreende a elaboração de tipologias, a formulação de unidades arqueológicas e a determinação das dimensões internas e externas destas unidades, definidas em sua relação espaço-temporal. O objetivo principal desta etapa de análise é descrever os acontecimentos e uma unidade cultural específica, em um tempo espaço determinados. A última etapa do trabalho arqueológico corresponderia à interpretação processual, na qual as regularidades apontadas receberiam uma explicação a partir da teoria antropológica (DIAS, 2007, p. 61).

Nessa perspectiva a base para a aplicação da segunda etapa da pesquisa, a integração histórico-cultural, seria a taxonomia e lidaria com os conceitos de *tipo* e de *unidades arqueológicas*, sendo os **Tipos** instrumentos para a classificação dos artefatos associados a um contexto arqueológico e “os indicadores selecionados para a definição de um tipo devem representar uma realidade comportamental, entendida como norma pelas sociedades que produziram o artefato sob análise” (DIAS, 2007, p. 61). A relação espaço-temporal apresentada pelos tipos é expressa pelo conceito de *unidade arqueológica*. A **Unidade arqueológica** é definida pela combinação de seu conteúdo formal, duração no tempo e distribuição geográfica. Dessa forma as unidades arqueológicas poderiam ser *unidades arqueológicas básicas* e *unidades arqueológicas integrativas*.

As **Unidades arqueológicas básicas** são representadas pelos conceitos de *componente* e *fase*. Um *componente* “é uma manifestação de um dado foco arqueológico num sítio específico, não podendo ser considerado propriamente como uma unidade taxonômica” (DIAS, 2007, p. 61). As **fases** são definidas em função de uma seqüencia de ocupação regional e é descrita como

Uma unidade arqueológica que possui traços suficientemente característicos para distingui-la de todas as outras unidades similarmente concebidas, seja da mesma ou de outras culturas ou civilizações, especialmente limitada pela magnitude de uma localidade ou região e cronologicamente limitada a um intervalo de tempo relativamente breve (KIDDER apud DIAS, 2007, p. 61).

As **unidades arqueológicas integrativas** são representadas pelos conceitos de horizonte e tradição, “responsáveis por efetivar a integração histórico-cultural das unidades arqueológicas básicas (componentes e fases) em uma escala geográfica maior que a regional” (DIAS, 2007, p. 62). O **Horizonte** é uma continuidade espacial, representada principalmente por traços ou conjuntos de traços culturais, cuja natureza e modo de ocorrência permitem a suposição de uma vasta e rápida dispersão. A **Tradição** é uma continuidade temporal representada por configurações persistentes em tecnologias únicas ou outros sistemas de formas relacionadas, ou seja, um conjunto de fases persistentes no tempo.

Pelo método proposto por Willey e Phillips, a etapa de integração histórico-cultural relacionaria as unidades arqueológicas básicas (fase e componente) com as unidades arqueológicas integrativas (horizonte e tradição) que consistiriam em ferramentas metodológicas que possibilitariam a sistematização das informações descritas no nível de integração histórico-cultural para serem interpretadas pelas teorias antropológicas, que os autores denominaram de interpretação processual.

Os conceitos de fase e tradição implantados na arqueologia Brasileira por Betty Meggers e Clifford Evans foram adaptações simplificadas das propostas de Willey e Phillips (NOELLI, 2008). O modelo histórico-culturalista empregado no Brasil pelo PRONAPA ignorou os três momentos de pesquisa propostos por Willey e Phillips (Trabalho de campo, integração histórico-cultural e interpretação processual), além disso, os conceitos de *tradição* e *fase* foram colocados como finalidade última das pesquisas, ao invés de considerá-los como um meio para sistematização e descrição de dados com a finalidade de interpretá-los com as teorias antropológicas. Nesse caso, as *fases*, definidas em termos de seqüências seriadas, eram correlacionadas a comunidades autônomas ou semi-autônomas; e as *tradições*, definidas em termos de fases que compartilham um conjunto de elementos, representavam entidades tribais ou lingüísticas. Para a Arqueologia Histórico-Cultural as interpretações de diferenças e semelhanças nos padrões dos artefatos possuem uma conotação étnica e as mudanças nesses padrões seriam explicadas através da difusão e migração (DIAS, 2007).

Nessa perspectiva decidimos não nos utilizar dos conceitos e classificações elaboradas pelo PRONAPA, mas trabalhar com a perspectiva de identidade tecnológica³ através do perfil técnico cerâmico onde “as representações culturais das técnicas e sua classificação por um dado grupo contribuem para firmar seu caráter sistêmico e ao mesmo tempo reafirmar as identidades culturais nele representadas” (DIAS, 2007, p. 66).

Dessa forma a identificação de um grupo, que possa se chegar nessa pesquisa, não será a nível cultural, mas tecnológico. Na proposta elaborada por Oliveira (2000) o conceito **tradição cultural**, que tem um significado amplo, relacionado a um grupo cultural, foi substituído pelo conceito de **estilo tecnológico**, que designa uma identidade tecnológica na associação e escolha das técnicas. A autora definiu estilo tecnológico:

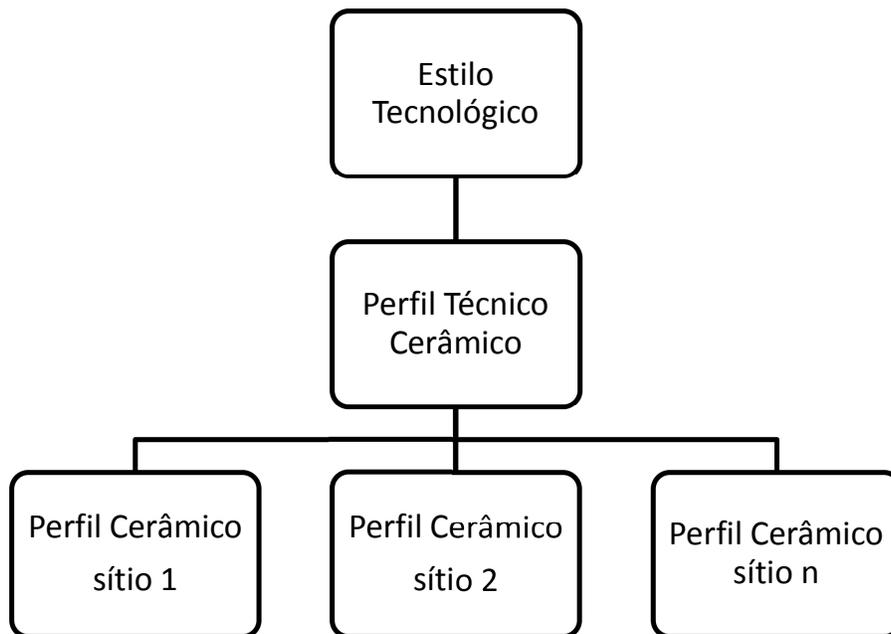
no sentido de traços culturais, a maneira como as diferentes técnicas foram utilizadas e como elas estão organizadas, o que caracteriza as escolhas, a composição das técnicas e forma de apresentação (o qual faz parte do sistema de apresentação) (OLIVEIRA, 2000, p. 110).

O estilo se refere ao modo de construção levando-se em conta as escolhas feitas pelo artesão, em meio às alternativas, sendo estas escolhas conscientes ou inconscientes, e próprias de um determinado tempo e lugar (DIAS, 2007).

Os estilos tecnológicos estão representados nestas escolhas, que se refletem na seleção das matérias primas, nas técnicas e seqüências de produção escolhidas e nos resultados materiais destas escolhas, representados pelas diferentes categorias de artefatos produzidos (DIAS, 2007, p. 65).

³ Nessa perspectiva a tecnologia é um produto social e as escolhas tecnológicas são estratégias dinâmicas que diferenciam grupos. “As técnicas são produções sociais que expressam e definem identidades, auxiliando a reafirmar, representar e dar sentido a um mundo socialmente construído de possibilidades e limites. De acordo com esta lógica, grupos vizinhos, em geral, têm plena consciência das suas escolhas técnicas mútuas e a ausência de um dado traço tecnológico em um dos sistemas pode representar uma estratégia consciente de demarcação de diferenciação social” (DIAS, 2007, p. 65).

Esse conceito de estilo deriva da escola isocréstica liderada por Sackett. Durante algum tempo houve discussões em torno deste conceito. Por um lado a chamada escola iconológica liderado por Lewis Binford e com as bases no modelo teórico do processualismo, que viu o estilo como um elemento simbólico contido em elementos que não possuíam valor utilitário (DIAS, 2003; FAGUNDES 2004). Esse conceito foi amplamente trabalhado por arqueólogos da chamada Sociologia cerâmica (LAMAZARES; SLAVUTSKY, 1990). Em oposição à escola iconológica liderada por Binford, o modelo isocréstico, defendido por Sackett entendia o estilo como uma forma peculiar de produção, específico de um tempo e de um lugar, e que estaria contido em todo o processo produtivo da cultura material, dentro da cadeia operatória, utilização do objeto e descarte do mesmo. O estilo, nessa perspectiva seria um elemento diagnóstico de etnicidade a partir das escolhas definidas pelo autor para o fabrico, uso e forma de descarte.



Fluxograma 3 - Esquema de construção do estilo tecnológico.

1.2. Problemas e Hipótese

A perspectiva de reconstituição do perfil cerâmico de sítios pré-históricos foi realizada no sítio Aldeia do Baião, por Ana Nascimento (NASCIMENTO, 1990) e no sítio Aldeia do Capim por Claudia Oliveira (OLIVEIRA, 1988). Esses sítios estão localizados na cidade de Araripina, no lado pernambucano da Bacia Sedimentar do Araripe (BSA). Esses sítios têm características semelhantes aos sítios em estudo. A diferença principal entre os ambientes é a ausência de água no lado pernambucano, pois, pela posição geográfica, a parte cearense da Bacia Sedimentar do Araripe apresenta um maior número de nascentes, além de tanques com acúmulos de água e olhos d'água, o que não ocorre em Araripina.

Os sítios de Araripina também foram objetos de estudos de Albuquerque que, ao se deparar com sítios classificados por ele de Tupiguarani no semi-árido, questionou o modelo de cultura de floresta tropical (ALBUQUERQUE, 1985). Segundo esse modelo os grupos Tupiguarani⁴, horticultores ceramistas, ocupariam apenas florestas úmidas e o ambiente semi-árido seria ocupado por grupos caçadores coletores. Em cima dessa descoberta Albuquerque e Lucena (1991) criaram duas hipóteses:

- A primeira sugere a não contemporaneidade dessa ocupação com as condições de semi-aridez atualmente presentes na área;

⁴ O conceito de *tradição* empregado pelo Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica (PRONAPA) designa uma unidade cultural definida num limite espacial e temporal (OLIVEIRA, 1991, p. 35). A *tradição* seria formada por um conjunto de unidades menores denominadas de *fases* (NOELLI, 2008). *Fase*, segundo o PRONAPA, seria o conjunto de seqüências seriadas semelhantes numa mesma região (DIAS, 2007, p. 59). Para Dias o conceito de *tradição* utilizado pelo PRONAPA difere do conceito histórico-culturalista empregado nos Estados Unidos. Segundo a autora *tradição* seria “uma série de unidades arqueológicas básicas (fases) relacionadas entre si que são socialmente transmissíveis e persistentes no tempo” (DIAS, 2007, p. 62). Na terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica a Tradição Tupiguarani é definida por uma tradição cultural caracterizada por cerâmica policrômica, corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida, e uso de tembetás (NOELLI, 2008). Martin chama a tradição cultural Tupiguarani de tradição cerâmica Tupiguarani e a caracteriza com uma cerâmica confeccionada com técnica acordelada, paredes grossas em relação ao tamanho do vasilhame, cozimento com queima incompleta, e aditivos formados por cacos moídos e areia (MARTIN, 1999).

- A segunda hipótese sugere uma ocupação do ambiente semi-árido e uma adaptação desses grupos a esse ambiente.

Ao adotarem a segunda hipótese os autores consideram os ceramistas de Araripina adaptados ao ambiente semi-árido.

A partir das questões levantadas por Albuquerque e Lucena, de grupos pré-históricos ceramistas adaptados ao semi-árido, fizemos o seguinte questionamento: os perfis cerâmicos dos sítios da região úmida do lado cearense da Chapada do Araripe são semelhantes aos perfis cerâmicos de Araripina?

Levantamos esse problema a partir da diferença ambiental entre o lado pernambucano e cearense da Chapada do Araripe, pois o lado cearense possui uma maior disponibilidade de água pela maior quantidade de fontes de água, olhos d'água e caldeirões.

Diante dessa questão levantamos a seguinte hipótese:

- Os sítios Anauá, Chapada, Santo Antônio, Olho d'Água do Pau apresentam um perfil cerâmico similar aos perfis cerâmicos dos sítios Aldeia do Capim e Aldeia do Baião, existindo assim uma uniformidade na tecnologia cerâmica nos sítios identificados na região da Chapada do Araripe.

1.3. Metodologia

Como forma de contrastarmos nossas hipóteses, construímos o perfil cerâmico de cada um dos quatro sítios de Mauriti para compará-los entre si e perceber se há, de fato, um perfil técnico cerâmico dos sítios. O perfil técnico caracteriza “o conjunto de elementos organizados de forma hierárquica, o que implica em definir as escolhas

priorizadas por cada grupo” (OLIVEIRA, 2008, p.154). Um perfil técnico nada mais é que um padrão da cadeia operatória da produção dos artefatos. Para a construção do perfil técnico é necessário a construção do perfil cerâmico de cada sítio.

Para construir o perfil cerâmico de cada sítio trabalharemos com os seguintes elementos:

elementos técnicos – matérias primas (argila, antiplástico, pigmentos, resinas), instrumentos utilizados (deduzidos a partir dos efeitos e sinais deixados), as técnicas de elaboração (preparação das matérias primas, técnica de manufatura, técnica de queima, técnicas de tratamento de superfície);

elementos morfológicos – trabalharemos com duas classes:

a - classe dos objetos – a partir das reconstituições parciais, totais e hipotéticas verificando forma e volume⁵.

b - classe dos fragmentos – a partir da morfologia das bordas, bases, bojo, e bojo/base.

elementos funcionais – a partir de classes dos tipos de objetos (classe dos vasilhames e classe dos fusos).

elementos de “design”⁶ – a partir das escolhas feitas para a produção dos objetos.

⁵ Como não há vasilhas inteiras nos sítios estudados e nosso universo cerâmico é composto por fragmentos buscamos a reconstituição a partir do encaixe e colagem dos fragmentos para que tenhamos maior segurança na recomposição desses objetos. A recomposição é feita em vasilhas de boca circular calculando a partir da curvatura do fragmento da boca o diâmetro da boca da vasilha. A partir do diâmetro da boca pode-se projetar a vasilha e fazer uma reconstituição podendo ser ou não uma reconstituição hipotética dependendo dos elementos disponíveis.

Como o objetivo é perceber um padrão nas relações, os objetos não foram analisados de forma isolada, mas trabalhados em conjuntos de fragmentos cerâmicos⁷. Os conjuntos de fragmentos foram criados em cada sítio a partir da combinação de dois elementos: pasta e tratamento de superfície. O produto desse agrupamento gerou as unidades que variam em número de sítio para sítio. Para formar as unidades utilizou-se elementos da cerâmica que não apresentam ambigüidade na avaliação, ou apresentam pouca ambigüidade. Dentro das unidades formaram-se grupos a partir das variações do tratamento de superfície criando, quando possível, subdivisões dentro de cada tratamento de superfície.

Os fragmentos que não trouxeram informações relativas ao tratamento de superfície ou da morfologia dos fragmentos entraram na classe “não classificado” e foram somente quantificados.

Para estabelecer as características do perfil cerâmico do sítio trabalhamos com as unidades e com os objetos. As unidades forneceram os dados relacionados aos elementos técnicos, pois nesse momento verificamos os demais atributos do conjunto de fragmentos – queima, dureza, manufatura, tamanho, espessura, etc. - e os objetos, elementos relacionados à sua forma e função.

Para a construção do perfil cerâmico dos sítios Chapada, Santo Antônio, Anauá e Olho d’Água do Pau, buscamos perceber os elementos técnicos, morfológicos, funcionais (OLIVEIRA, 2000; 2003; 2007), levando em consideração as seqüências e a forma de aplicação das técnicas para compor as características gerais do modo de construção da cerâmica (LUNA, 2001). Foram selecionados alguns atributos que permitissem o resgate das seqüências e formas de aplicação das técnicas de produção da

⁶ O design está relacionado com a seleção dos elementos técnicos e morfológicos em meio as possibilidades de utilização. Segundo Oliveira o design “são as técnicas decorativas, os motivos, a associação das técnicas, a qualidade de pigmento, a combinação de cores, tec.”. (OLIVEIRA, 2003, p. 64).

⁷ Essa perspectiva de análise pode ser verificada em outras pesquisas que buscam perceber a produção da cerâmica e sua cadeia operatória como ações sociais aplicadas à matéria. Como exemplo podemos citar o estudo de Otero (2006) em que se trabalho com a Família de Fragmentos (FF) que formariam a mesma vasilha, ao invés de estudar os fragmentos isolados.

cerâmica dos sítios estudados que possibilitassem uma comparação com alguns trabalhos desenvolvidos no Nordeste.

Iniciamos a análise dos fragmentos separando-os em duas categorias: os fragmentos que serão classificados e os fragmentos que não serão classificados. Como foi dito antes, a categoria fragmentos não classificados é composta por aqueles fragmentos que não dão informações da morfologia do fragmento ou do tratamento de superfície.

Os atributos utilizados nas análises foram: pasta, tratamento de superfície, técnica de manufatura, queima, motivos de pintura, tipos de objetos, formas de objetos, tamanho do objeto. Dois desses atributos serviram para segregação de unidades, com o fim de agrupar fragmentos com características comuns. Os atributos utilizados para a formação das unidades foram a pasta e o tratamento de superfície, e suas escolhas deram-se por serem esses fornecedores de um menor grau de ambigüidade durante a análise (LUNA, 2001).

CAPÍTULO 2. O CARIRI CEARENSE E SEUS ANTIGOS HABITANTES

2.1. Correlações entre Arqueologia e História

Na história da arqueologia brasileira, há um enorme número de trabalhos que buscaram fazer associação entre os vestígios arqueológicos pré-históricos e os grupos étnicos conhecidos pela etnografia ou pela etnohistória. Essa prática se acentua no Brasil, e de certo modo na América do Sul, com a influência teórico-metodológica da corrente histórico-culturalista empregada pelo PRONAPA, e por programas semelhantes nos países vizinhos (CAPRILES, 2003; EREMITES DE OLIVEIRA, 2006). Os casos mais clássicos dessa associação são as correlações entre os chamados vestígios Tupiguarani com os Tupi-Guarani lingüísticos (BROCHADO, 1980).

Portanto, a primeira coisa que considerarei aqui é que a arqueologia do leste da América do Sul deve ser vista como a pré-história das populações indígenas históricas e atuais. Se não forem estabelecidas relações entre as manifestações arqueológicas e as populações que as produziram, o mais importante terá se perdido. Assim as conotações etnográficas das tradições e estilos cerâmicos não devem ser evitadas, mas, pelo contrário, deliberadamente perseguidas. (BROCHADO apud EREMITES DE OLIVEIRA, 2006, p31).

As pesquisas antecedentes buscaram essa associação, construindo um laço entre a cultura material identificada nos sítios em estudo e os denominados Tupi-Guarani. Esse conceito de Tupi, que conhecemos desde os primeiros relatos na documentação colonial, é por demais generalizante e está longe da realidade. Somado a isso, temos o caráter fragmentário da arqueologia e da documentação colonial, que se acentua na região do Cariri pelas poucas fontes com potencial informativo, se comparadas aos do litoral, pela colonização tardia da região em apressa (século XVIII) e pelos estudos arqueológicos ainda insipientes.

Apesar disso, a datação do Sítio Anauá (640±40) aponta para uma proximidade temporal de pelo menos 450 anos entre a ocupação arqueológica e o início da colonização da região. Por essa razão buscamos, através dos estudos historiográficos da região, identificar os grupos historicamente conhecidos que ocuparam o Cariri cearense, todavia sem buscarmos uma analogia.

2.2. A distribuição indígena no Ceará

Na ocasião da chegada dos colonizadores europeus ao Brasil buscou-se, dentro da diversidade cultural e lingüística dos índios que aqui habitavam, construir, na perspectiva ocidental, “um quadro minimamente compreensível” (MONTEIRO, 1992, p. 121) da presença dos indígenas na região. Durante o século XVI determinou-se que ao longo da costa havia povos que compartilhavam características culturais comuns, sendo a língua um dos elementos que os ligava culturalmente. Esse conjunto de povos ficou conhecido, genericamente, como Tupi, e a sua língua conhecida como “língua geral”. Nessa perspectiva todos os demais grupos que não compartilhavam das mesmas características dos Tupi, ou seja, os não-tupí, precisaram entrar em outra classificação, definida, a partir de uma contraposição aos Tupi, como Tapuia. A denominação “tapuia representava uma tentativa de classificar os povos de uma cultural material mais simples, além de outras características que os separavam nitidamente dos Tupi” (MONTEIRO, 1992, p. 122).

O médico francês, Dr. Pedro Théberge descreve bem essa idéia em sua obra de 1869 intitulada *Esboço histórico sobre a província do Ceará*, que fazia, aos moldes da época, descrições de fatos da história do Ceará. A obra trazia em suas páginas informações gerais das ocupações indígenas no Ceará. Dizia ele que

Na ocasião da chegada dos Europeus às praias do Ceará, notou-se um fato observado em toda a extensão das Américas: que o país era habitado por duas raças de índios, a saber: uns chamados *Tapuias* que foram os antigos habitantes deste continente.

Eles falavam inumeráveis dialetos, todos diferentes uns dos outros e por este motivo eram também denominados *índios de língua travada*.

Os outros invadiram o país numa época indeterminada, mas que não parece muito remota, pois ainda se achou tradição deste acontecimento entre aqueles que existiam na ocasião da descoberta.

Esses são denominados *Tupis*, e falavam todos a mesma língua, com leves diferenças: por isso são chamados *índios da língua geral* (THEBERGE, 1973, p. 17).

Na distribuição dos índios no Ceará, organizada por Theberge, estariam os Tapuia espalhados por quase todo o território do Ceará, e os Tupi na Serra da Ibiapaba (Tabajara), no litoral, perto de Fortaleza (Potiguara, Parangaba, Parnamirim, Caucaia e Paupina), no maciço de Baturité (Pirangi e Choró), no Vale do Jaguaribe (Pitaguara e Paiani), nas proximidades da serra de Baturité e entre os rios Pirangí e Choró (Paiacú⁸) e no Cariri, nas proximidades do riacho dos Porcos (Chocó⁹) (THEBERGE, 1973).

Durante muito tempo alguns autores apontaram erros da obra de Théberge, destacando-se Studart Filho e Pompeu Sobrinho. Numa reedição desta obra, em 1973, comentada por Mozart Soriano Aderaldo, que ao longo da obra esclarecia o leitor em notas sobre os erros de Théberge. Dizia Mozart Soriano que Théberge havia se enganado, entre tantas outras coisas, a respeito da presença Tupi no Jaguaribe, “pois o vale do Jaguaribe era todo ocupado por tapuias, inclusive os Cariris, que eram considerados tapuias no tempo em que Théberge escreveu a obra” (THEBERGE, 1973, p. 19). Também dizia ele, em suas notas, não haver índios Parangaba, Parnamirin e Paupina. E por fim dizia Mozart Soriano Aderaldo serem os Chocó Tapuia.

A opinião de Mozart Soriano nessas questões é a mesma de dois outros historiadores cearenses das primeiras décadas do século XX, Carlos Studart Filho e Thomas Pompeu sobrinho, ambos historiadores da escola positivista, que como bem

⁸ Théberge não se mostra confiante quanto aos Paiacú serem tupi e argumenta que os filia entre os índios da “língua geral” pois foram aldeados com os Pitaguaras, e isso pode indicar que ambos eram Tupi (Théberge, 1973).

⁹ Grafamos aqui Choco com “CH” porque assim o faz Theberge, todavia encontramos em Studart Filho Xocó grafado com “X”, e assim o citaremos quando nos referirmos a esse grupo citado por Studart Filho, mas acreditando, a partir de sua localização, serem esses os mesmos.

sabemos primava pela valorização das fontes documentais, ao contrario de Théberge que trabalhava com base na tradição popular (MENEZES, 2001, p. 78). Esses dois historiadores, que dedicaram muitos estudos aos índios do Ceará e destacaram-se na historia indígena por romperem com um discurso de homogeneização, conseguindo iniciar uma divisão dos grupos Tapuia no estado, são ainda hoje referências no que diz respeito à história indígena cearense e quiçá do Nordeste.

Com relação às tentativas de classificação dos povos indígenas do Nordeste, destacaram-se, na pesquisa, os trabalhos de Estevão Pinto, Tomás Pompeu Sobrinho, Carlos F. Ott, Carlos Studart Filho, Olavo de Medeiros Filho e José Elias Borges (MEDEIROS, 2002, p. 219).

Para os dois historiadores, a distribuição dos índios no Ceará era similar ao esquema de Théberge, onde o domínio do território cearense era dos Tapuia. Todavia, divergiam quanto à presença Tupi no Estado, pois afirmavam-na apenas na Ibiapaba, que era ocupada pelos Tabajara, e uma parte do litoral, ocupado pelos Potiguara.¹⁰ Esse esquema de ocupação indígena difere do de Théberge quanto às ocupações Tupi, que ao ver do médico francês eram mais amplas. Não obstante os seus escritos, ficaram para historiografia cearense os argumentos de Studart Filho e Pompeu Sobrinho.

Representavam o grupo tupi, no Ceará, apenas dois agregados nativos: os Tobajaras e os Potiguares, chamados, ainda, Potiguaras, Potiuaras, Potigaras, Pitigares, Pitigoares, ou Pitiguaras. Integrantes da grande família Tupinambá, senhoreavam o baixo Jaguaribe e possivelmente, outros pontos da costa (STUDART FILHO, 1962, p. 26).

Na distribuição dos índios no Ceará organizada por Studart Filho, classificou-se os Tapuia do Ceará - antes homogeneizados - em Cariri, Tremembé, Tarairiú e Jê. Dessa forma estaria o estado ocupado por grupos indígenas que faziam parte dessas

¹⁰ Pompeu Sobrinho (POMPEU SOBRINHO, 1928), afirma em artigo da Revista do Instituto do Ceará, serem os Cariri Tupi. Todavia em edições seguintes o autor desfaz seu erro, abandonando essa teoria.

famílias indígenas junto aos grupos Tupi. A distribuição da família **Cariri** dava-se da seguinte forma: os Isú, os Inhamum, os Corema, que viviam no Piancó – Paraíba - mas visitavam com constância o Cariri cearense; os Cariuanê, os Cariri e os Cariú. Faziam parte dos **Tarairiú** os Canidé, os Crateú, os Jenipapo, os Acarisú, os Acoançú, os Paiacú e os Acriú. Os **Tremembé** viviam entre as margens do rio Curu, no Ceará, e o Maranhão. Os **Jê** estavam distribuídos entre os Aruá. Os **Tupi** estariam distribuídos no território cearense no litoral desde o Rio Ceará para oeste com os Potiguara, que também ocuparam, por pouco tempo, o baixo Jaguaribe, e a Ibiapaba com os Tabajara, que viviam na serra e, eventualmente, desciam à praia.

Fora esses grupos que Studart Filho dividiu a partir de informações lingüísticas e etnográficas, outros não entraram na classificação pelas poucas informações sobre eles. Seriam eles os Acimi, os Acoci, os Aconguaçu, os Acriú, os Anapuru, os Apujaré, os Calabaça, os Chibata, os Icó, os Icozinho, os Jaguaribara, os Jaguaruana, os Jucá, os Anacé, os Vidaé, os Xocó entre outros. (STUDART FILHO, 1962)

Nesse esquema a presença indígena no Ceará apresentada por Studart Filho (1963) era da seguinte maneira:

No litoral...

Os **Paiacú** (Baiacú ou Pacajú) eram tapuias que habitavam o litoral.

Os **Jaguariguara** (Jagoarigora, Iguariguara, Jagureguara ou Jaguarigoari) eram tapuias que habitavam próximo ao litoral entre o rio Choró, o rio Mundaú e a serra de Baturité.

Os **Anacé** (Wanacé, Ganacé ou Guanacé), os **Guanaceguaçu** e os **Guanacemirim** eram tapuias que habitavam do litoral à serra de Uruburetama.

Os **Açanacéguaçu** e os **Jaguaruana** (Jaguarurana ou Jaguararana) eram tapuias que habitavam o litoral do rio Acaraú ao rio Curú.

Os **Tremembé** (Teremembé, Taramambé ou Tramaambé) eram tapuias e viviam no litoral a oeste do rio Mundaú.

Os **Potiguare** (Petiguara) eram índios que habitavam o extremo leste do litoral cearense.

No sertão...

Os **Tabajara**¹¹ (Tobajara) eram tupis que habitavam a Ibiapaba.

Os **Acarisú** e os **Acoançú** (Acahamacú, Camacú, Aconguaçú, Coaçú ou Acoamaçú), os **Anaperú** (Anapurú), os **Tacarijú** (Cararijú), os **Carati**¹², os **Vidaé**, e os **Acimi** eram tapuias que habitavam a Ibiapaba.

Os **Quitaiaiu** e os **Ocongá** eram tapuias e habitavam os sertões próximos à Ibiapaba.

Os **Acriú** (Aperiú, Arariú, Areurú, Reriú, Aleriú, Irariú ou Irarijú) eram tapuias que habitavam as terras altas da bacia do rio Acaraú.

Os **Icó** e os **Icozinhos** eram tapuias que habitavam na região do rio Salgado ao rio dos Peixes, na Paraíba.

Os **Quixelô** eram tapuias que habitavam nas proximidades da barra do rio Truçú.

Os **Canindé** e os **Jenipapo** eram tapuias e habitavam entre a cabeceira do rio Curú e as ribeiras dos rios Quixeramobim e Banabuiu.

Os **Apujaré** eram tapuias e habitavam onde hoje é a cidade de Canindé.

Os **Aruá**, que viviam entre os rios Itaim e Jaguaribe.

Os **Crateú** (Carateú, Caratiú ou Quitaiaiu) eram tapuias e habitavam a bacia do rio Poti.

¹¹ Segundo Studart Filho (1963) esses Tabajara eram Tupiniquim que se estabeleceram na região antes da conquista do Ceará.

¹² Para Pompeu Sobrinho os Carati seriam os mesmos Crateú e seriam Tarairiú (STUDART FILHO, 1963).

Os **Tocoiú** eram tapuias e habitavam da ribeira do rio Salgado a atual cidade do Icó.

Os **Acoci** e os **Chibata** eram tapuias e habitavam a bacia do riacho Basteões.

Os **Calabaça** eram tapuias e habitavam as margens do rio Salgado.

Os **Isú** eram tapuias que habitavam a nascente do rio Salgado.

Os **Cariú** eram tapuias e habitavam ao longo da ribeira do rio Cariús.

Os **Cariri** eram tapuias que habitavam a região de mesmo nome.

Os **Cariuanê** eram tapuias que habitavam o sertão do Cariri.

Os **Jucá** eram tapuias e habitavam a região dos Inhamuns.

Os **Xocó**, os **Pipipão** e os **Umão** eram tapuias que habitavam no extremo meridional do Ceará.

2.2. Ocupação indígena no Cariri

A partir do discurso historiográfico de Studart Filho e Pompeu Sobrinho, percebe-se a ausência Tupi no Cariri cearense. Esse discurso é constituído de leituras de documentos oficiais, que para os positivistas era a principal, e às vezes única, fonte histórica confiável.

No dizer desses, o Cariri cearense estaria ocupado pelos Cariri e alguns outros grupos não Tupi, para os quais Studart Filho não conseguiu filiação¹³. Os Icó e os Icozinho, da margem direita do rio Salgado ao rio do Peixe na Paraíba; também no Salgado os Calabaça; Os Cariú ao longo da ribeira do Rio Cariús; os Cariuanê, no sertão

¹³ Vale lembrar a imprecisão das localizações dos grupos indígenas pois “nem todas as hordas que aqui habitavam tinham vida sedentária e agricultavam. A maioria, ao que parece, levava existência irrequieta e nômade, embora se deslocassem, quase sempre, dentro de uma área territorial definida” (STUDART FILHO, 1963, p. 154).

do Cariri; os Pipipão e os Umão; os Isú, na Cabeceira do rio salgado e os Xocó, na cabeceira do Piancó e visitando com freqüência o Cariri cearense.

Os Cariri:

Esses índios possuíam uma agricultura¹⁴ bem desenvolvida com base no milho, mandioca e feijão (PINTO, 1938). Usavam o tear, faziam redes e fabricavam uma cerâmica rudimentar. Faziam pinturas com urucu e genipapo, ornamentavam-se com botoques nos lábios e nas orelhas, utilizavam-se do arco para a caça, possuíam habitações feitas de barro e habitavam em aldeias (STUDART FILHO, 1963).

São considerados como das mais instruídas tribos do Brasil; dados a agricultura, hábeis no tecer do algodão, no que empregavam um fuso (poponghi) e um tear (Wonkuró) primitivo com tramas de diferentes classes (BRINGTON APUD SOBRINHO, 1950, p. 319).

Os icó, também conhecidos como Curema e Piancó, habitavam as imediações do rio Salgado e estendiam seus domínios até o rio Piancó, na Paraíba. Foram aldeados na Paraíba no século XVIII.

Os Icozinho habitavam a região do rio Salgado e foram aldeados na Aldeia do Miranda, onde é hoje a atual cidade do Crato. Também no Miranda foram aldeados os Calabaça.

Os Cariú viviam ao longo da ribeira do rio Cariús, e é sabido que praticavam a agricultura. Por essa razão foram filiados aos Cariri por Pompeu Sobrinho. Os Cariú foram aldeados na Missão do Miranda, onde hoje é a cidade de Arneiroz (STUDART FILHO, 1963).

¹⁴ Bernardo de Nantes, em sua obra *Catecismo Índico da Língua Kariris*, de 1709, dedicado a catequese dos índios Cariri que habitavam o São Francisco, faz alusão à prática da agricultura e da caça pelos Cariri quando diz “lembrastesvos de Deus N. Senhor em vossos caminhos? estando em vossas roças? caminhando pelos matos? assistindo em vossos ranchos? fizesteslhe oração? pedistelhe que vos deparaste caça?” (NANTES, 1709, p. 128)

Os Xocó, que viviam na região do Piancó e Cariri Novos foram aldeados no Pão de Açúcar, na região do Penedo.

2.3. O Ambiente úmido da Chapada do Araripe

O Nordeste abrange uma área de 1.556.000 Km² sendo 48% dessa região caracterizada como semi-árida com uma área de 7888 Km² e o contexto ecológico do semi-árido é representado pela caatinga.

Em meio a essa mancha seca ocorrem ambientes de exceção que configuram verdadeiros enclaves úmidos e sub-úmidos, como mostra o mapa 1.

Esses ambientes são, no geral, de superfícies topograficamente elevadas com relevos serranos de dimensões variadas e que são submetidos às influências de mesoclima de altitude. A denominação desses espaços apresentam variações como “serras úmidas”, “brejos”, “matas”, etc. (SOUSA; OLIVEIRA, 2006).

Os mesoclimas representam uma unidade climática intermediária com um significado bem restrito enquanto os macroclimas representam grandes unidades climáticas regionais. Os enclaves úmidos e sub-úmidos, em geral, concentram melhores condições ambientais e mais recursos naturais no plano climático. Articulando-se com os sertões semi-áridos que normalmente os circundam, os enclaves são considerados seleiros dos espaços sertanejos com uma maior disponibilidade de recursos hídricos. “Nos enclaves úmidos de modo genérico, o balanço hídrico apresenta condições de excesso hídrico durante uma parte significativa do ano – pelo menos quatro meses” (SOUSA; OLIVEIRA, 2006, p. 87).

Nesses enclaves o regime térmico é modificado pela altitude ou pela própria condensação do vapor d’água presente no ar. Isso provoca um considerável aumento da nebulosidade reduzindo a insolação e a temperatura. Por conseqüência, há a diminuição da evapotranspiração potencial, que traduz a demanda total de água pelas plantas. Também há nos enclaves um aumento das chuvas que são mais regulares e impõe maior permanência ao escoamento fluvial.



Mapa 1 – Mapa dos enclaves úmidos e sub-úmidos do Nordeste. Fonte: (SOUSA; OLIVEIRA, 2006)

2.4. A Bacia Sedimentar do Araripe

Um desses enclaves do semi-árido nordestino está representado pela Bacia Sedimentar do Araripe (BSA) - considerada a maior bacia sedimentar do interior do nordeste brasileiro na região semi-árida do Nordeste (SARAIVA, 2008) -, numa área de depressão sertaneja denominada Depressão do Cariri ou Vale do Cariri (Mapa 2). O Vale

do Cariri tem um desnível de 300 m com relação à Chapada do Araripe que atinge altitudes superiores a 900 metros. Ocorrem na região inúmeras nascentes dando origem a Brejos de Pé de Serra.

A BSA tem uma área aproximada de 12.000 Km² e extensão de 230 Km de leste a oeste, e 70 Km de norte a Sul, e está delimitada aproximadamente pelas coordenadas geográficas 38°30'00" de longitude oeste e 7°10'00" de latitude sul, englobando territorialmente parte dos estados do Ceará, Pernambuco e Piauí, constituindo-se *um divisor de águas das bacias hidrográficas dos rios Jaguaribe (CE) ao norte, São Francisco (PE) ao sul e Parnaíba (PI) a oeste.* (MARTINS, 2007, p. 343). A BSA é formada pela Chapada do Araripe e pelo Vale do Cariri. A Chapada tem formação sedimentar constituída por camadas superpostas distribuídas da seguinte maneira: **Formação Exu** (arenito argilosos grosseiros a conglomeráticos vermelho e amarelo bem estratificado); **Formação Arajara** (siltitos, argilitos e arenitos finos); **Formação Santana** (folhelhos calcíferos, gipsita e margas fossilíferos); **Formação Batateira** (arenitos médios a grosseiros); **Formação Missão Velha** (arenitos grosseiros); **Formação Brejo Santo** (arenitos finos, siltitos, argilitos e folhelhos) e **Formação Mauriti**¹⁵ (arenitos quartzosos, grosseiros a médios).

A BSA apresenta uma diversidade litológica caracterizada por seqüências alternadas de arenitos, siltitos, calcários, argilitos e folhetos, alcançando uma espessura total de 1.600 metros. Sobre a BSA encontra-se a Chapada do Araripe que tem os arenitos cretáceos da formação Exu como mantenedor do relevo e sua drenagem é de caráter intermitente, rica em recursos hídricos subterrâneos, e essa drenagem é a principal responsável pelo abastecimento da Bacia Hidrográfica do Rio Salgado¹⁶ (SANTANA, 2009).

¹⁵ Também chamada de Formação Cariri, pertence a Era Paleozóica do Siluro-Devoniano. *São camadas de arenitos parcialmente silicificados com estratificações cruzadas* (HERZOG, 2008, p. 33). Os arenitos dessa formação contem sítios arqueológicos com registro rupestre localizados nas cidades de Mauriti e Missão Velha.

¹⁶ O rio Salgado é formado pela confluência dos riachos dos Porcos e Rio das Batateiras, e é o principal afluente da margem direita do Jaguaribe. A sub-bacia do Salgado compreende 24 municípios: Abaiara, Aurora, Baixio, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririaçu, Cedro, Crato, Granjeiro, Icó, Ipaumirim, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Penaforte, Porteiras, Umari, Varzea Alegre e pequena parte do município de Orós.



Mapa 2 - Mapa de localização do Vale do Cariri. Fonte (HERZOG, 2008).

O Nordeste caracteriza-se como uma região com poucas chuvas, concentradas num período de três a cinco meses no ano. No Ceará as rochas cristalinas ocupam 75% do território com propriedade mínima para armazenamento de água. No entanto, A BSA constitui-se na maior e mais importante bacia hidrogeológica do Estado, com as melhores unidades armazenadoras de água subterrânea (SILVA; SANTIAGO; FRISCHKORN; FILHO; VERISSIMO, 2007). A água oriunda das chuvas na Chapada do Araripe infiltra-se nas camadas areníticas para surgir nas encostas. Num total de 307 nascentes na BSA jorram, na área cearense, 256 fontes de água formando um percentual de 83,8% do total dessas fontes que surgem no complexo sedimentar do Araripe. A área pernambucana possui 14% do total das fontes da BSA e a piauiense tem 8,2%. Nas baixas vertentes, a partir das áreas de ressurgências hídricas, os solos são medianamente profundos e revestidos pela mata subperenifólia ou por caatinga arbórea¹⁷ (SOUSA, 2007).

A paisagem da BSA não é a mesma encontrada no ambiente semi-árido que predomina no Ceará onde a semi-aridez apresenta um caráter acentuado com déficits

¹⁷ A Chapada do Araripe tem uma cobertura vegetal composta por cerradão no seu reverso, mata úmida nas suas bordas voltadas ao *front* de seu relevo e por uma mata seca em sua encosta (SILVA; PEREIRA, 2007).

hídricos, como nos inhamuns, Irauçuba e médio-Jaguaribe. A BSA é uma mancha úmida na paisagem cearense com um total pluviométrico superior a 900 mm que assegura um teor de umidade superior a 7 meses (SOUSA, 2007). Segundo Menezes o Cariri cearense “é um verde vale, área de exceção no interior do semi-árido do Nordeste, resultante da formação edáfica, do relevo e das fontes que jorram das cabeceiras da Chapada do Araripe” (MENEZES, 2007, p. 341).

2.5. Localização de Mauriti

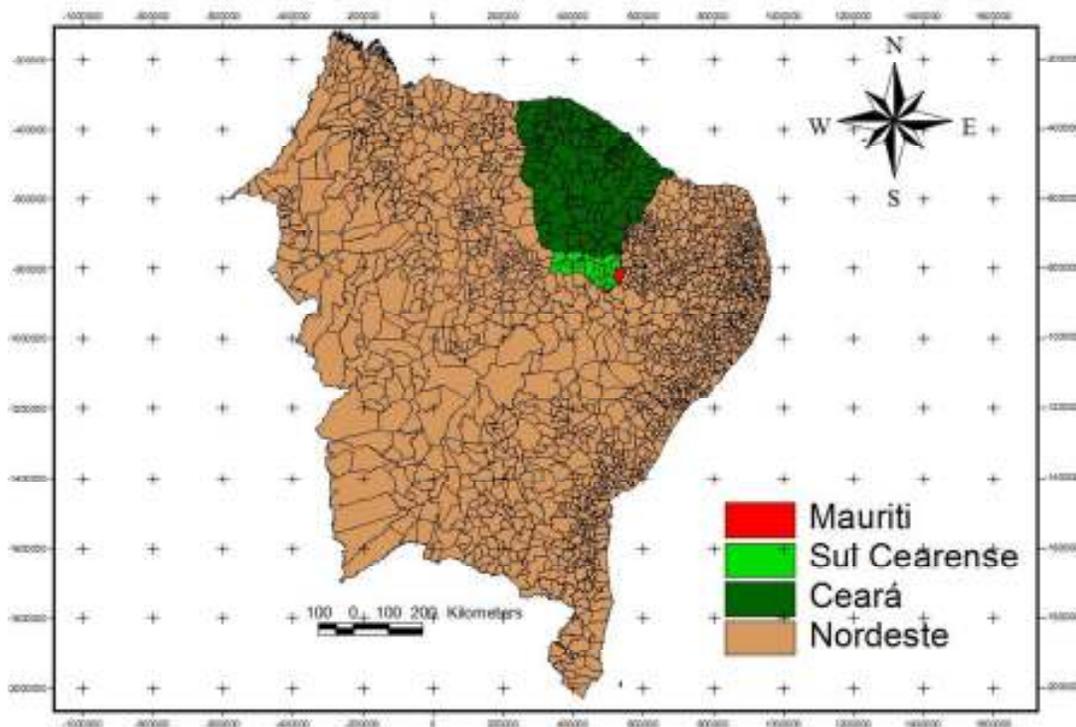
Os sítios em estudo estão localizados no município de Mauriti, distante 491 Km de Fortaleza¹⁸, situado na latitude 7°23'21" sul e longitude 38°46'28" leste, no Nordeste Central do Brasil, no extremo sul do Estado do Ceará (Mapa 3), na porção oriental do Cariri cearense¹⁹, na macrorregião Cariri-centro-sul, na mesorregião Sul Cearense, na microrregião Barro.

Mauriti faz limite a norte com o município de Barro – CE e os municípios paraibanos de Monte Horebe e Bonito de Santa Fé, a sul os limites são os municípios de Brejo Santo-CE, São José do Belmonte-PE e Santa Inês-PB, a leste os municípios limítrofes são Bonito de Santa Fé - PB, Conceição – PB e Santa Inês- PB, a oeste os municípios de Milagres - CE e Brejo Santo – CE (Mapa 4).

¹⁸ A distancia em linha reta de Mauriti para a capital cearense é de 406Km (IPLANCE, 2004).

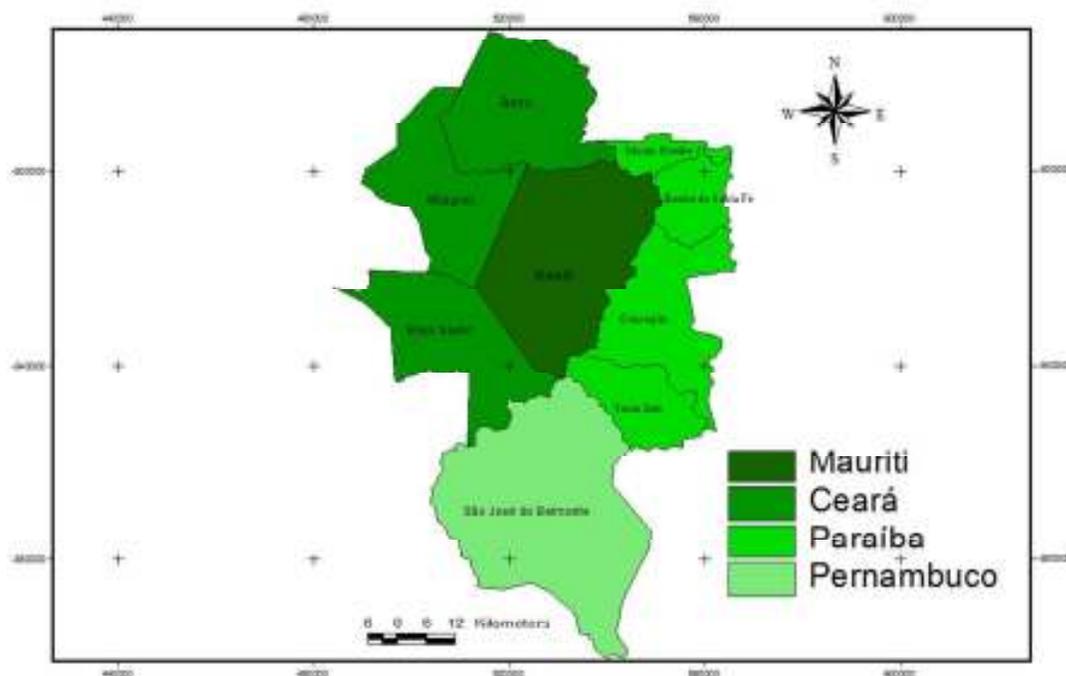
¹⁹ Há uma dificuldade para a delimitação da região denominada Cariri. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divide o sul do Ceará em quatro micro-regiões homogêneas e micro-regiões geográficas, sendo a micro-região homogênea do Cariri formada por cinco municípios: Barbalha, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte e Missão Velha. A Fundação Instituto de Planejamento do Ceará (IPLANCE), por sua vez, define o Cariri como uma região geo-econômica situada ao sul do Ceará, formada por 28 municípios. Nesse trabalho chamaremos de Cariri cearense, conforme Menezes (2007), os municípios da Sub-Bacia Sedimentar do Araripe. Tal escolha dá-se pela similaridade entre o Cariri definido por Menezes e o que se denominou Cariri Novos nos séculos pretéritos – diferenciando-se do Cariri Velho ou Cariri paraibano – o que possibilita uma relação do que denominamos Cariri cearense com o que antes foi denominado de Cariri Novos. Os municípios que formam o chamado Cariri Novos são Abaiara, Altaneira, Araripe, Assaré, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi e Santana do Cariri (MACÉDO, 1978). Para nos os municípios que formam o Cariri cearense são: Abaiara, Altaneira, Araripe, Assaré, Barbalha, Brejo Santo, Crato, Farias Brito, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi e Santana do Cariri, totalizando vinte e um municípios.

Suas medidas territoriais são de 111,86 km² (IPLANCE, 2004), e tem como característica ambiental uma Floresta Caducifólia Espinhosa e Floresta Subcaducifólia Tropical Pluvial. O seu relevo compreende a Depressão Sertaneja na sub-bacia sedimentar do Araripe, o clima é Tropical Quente Semi-árido com pluviosidade média anual de 872,3 milímetros por ano e temperatura média variando entre 24° e 26°C com período chuvoso de fevereiro a abril (IPLANCE, 2004). A área em apreço está inserida na Formação Cariri e é constituída por arenitos conglomeráticos cinza-esbranquiçado a avermelhado (BEURLIN, 1963). Mauriti é um dos municípios que compõem a região do Cariri cearense. O Cariri cearense, localizado em zona limítrofe entre os estados da Paraíba, Piauí e Pernambuco, destaca-se na paisagem cearense pela presença significativa de recursos naturais, tal como a Floresta Nacional do Araripe (FLONA)²⁰ e fontes perenes de água advindas da formação geomorfológica da Chapada do Araripe que abriga as diversas fontes do sistema hídrico que alimenta o rio Jaguaribe, principal artéria hídrica do Estado do Ceará.



Mapa 3 - Mapa de Localização de Mauriti.

²⁰ A FLONA é a primeira Floresta Nacional do Brasil, foi criada em 1946, no Governo Dutra, possui 38.262 hectares e abrange parte dos municípios de Crato, Jardim, Santana do Cariri e Barbalha (GONÇALVES, 2006). A FLONA apresenta uma floresta com Mata Atlântica, Caatinga e Serrado.



Mapa 4 - Municípios limítrofes de Mauriti. (Mapa: LUNA, 2010)

2.6. Descrição dos sítios

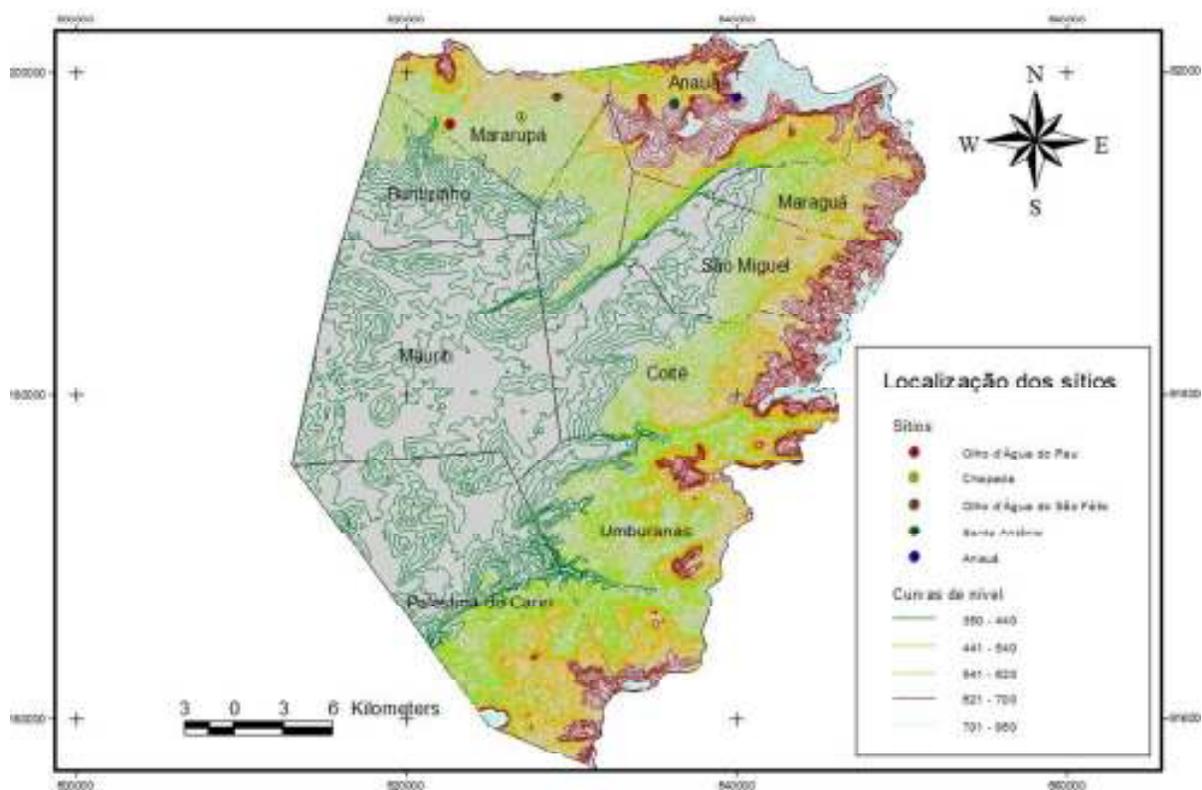
Os trabalhos de salvamento foram iniciados no ano de 2005 com prospecção ao longo da linha de transmissão de energia elétrica **LT 230 KV Milagres-CE/Coremas-PB** da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), que sai de Milagres, no Ceará, até Coremas, na Paraíba, e passa pelos municípios de Milagres, Barro e Mauriti, no Ceará, Monte Horebe, São José de Piranhas, Aguiar, Iguaracy, São João da Lagoa Tapada e Coremas, na Paraíba, passando pelo vale do Piranhas e vale do Piancó, ambos na Paraíba. Sítios históricos foram encontrados ao longo de toda a linha, mas os sítios pré-históricos só começam a surgir no Cariri cearense (COELHO; VIANA, 2005). No ano de 2006 executaram-se os salvamentos arqueológicos com duração de dois meses, com salvamento de quatro sítios pré-histórico localizados no município de Mauriti (Mapa 5). O salvamento consistiu em coleta de superfície, e sondagem de 1x2 metros em cada sítio, além da escavação de 376 m² do sítio Anauá.

Os sítios pré-históricos salvos foram os sítios **Chapada** (CHA), **Santo Antônio** (SAN), **Anauá** (ANA) (VIANA, 2006). Em fevereiro de 2008 uma nova campanha foi realizada no sítio Anauá, para o salvamento nos espaços onde seriam implantadas as torres de transmissão de energia (VIANA, 2008). Em novembro de 2008, durante o acompanhamento da obra da linha de transmissão foi identificado e executado atividades de salvamento no sítio **Olho d'Água do Pau** (OAP) (VIANA, 2008)²¹. As intervenções realizadas nos sítios Chapada e Santo Antônio foram similares às intervenções praticadas pelo PRONAPA²², onde foram feitas coletas de superfície, privilegiando as cerâmicas “mais características”²³ e pequenas sondagens – de dois metros por um metro - que não excederam os cinquenta centímetros de profundidade. Os locais de coleta desses sítios foram, somente, as áreas que seriam impactadas pela obra da linha de transmissão de energia, perdendo-se assim um espaço mais amplo que possibilitaria uma melhor leitura do contexto arqueológico.

²¹ Durante o período em que a equipe de arqueologia fazia os salvamentos arqueológicos nos sítios mencionados, moradores relataram a existência de um sítio (Olho d'Água do São Félix - OSF) que estava sendo impactado durante a terraplanagem de um campo de futebol amador. Os vestígios cerâmicos desse sítio, que havia sofrido grande impacto, foram coletados, e demos início a análise desses vestígios para a presente pesquisa. Todavia, para cumprimos o prazo dessa pesquisa resolvemos não dar seguimentos a essa análise, e excluímos o sítio OSF desse estudo.

²² Segundo Oliveira os métodos de campo utilizados pelo PRONAPA privilegiavam “as prospecções arqueológicas ao invés de escavações intensivas de grandes trincheiras ou escavações totais dos sítios. Assim, para fornecer uma idéia dos diversos sítios da região, seria simplesmente necessário realizar um ou dois cortes-estratigráficos nos sítios que o permitissem, e uma coleta sistemática de amostragem de superfície” (1991, p. 29). No modelo do PRONAPA escolha de pequenas sondagens tinha a finalidade de conseguir o número necessário de fragmentos para se fazer uma seriação. Quando a quantidade desejável de fragmentos não era alcançada no corte, esse corte poderia ser ampliado ou outro poderia ser aberto (MEGGERS; EVANS, 1970).

²³ Embora o modelo construído por Meggers e Evans condene as escolhas seletivas das amostras, não é raro em Arqueologia o fetiche pelas cerâmicas mais características de uma “suposta” tradição.



Mapa 5 - Localização dos sítios

A quantidade de fragmentos cerâmico coletados em cada um desses sítios é mínima, sendo o sítio Chapada composto por 56 fragmentos cerâmicos e o sítio Santo Antônio composto por 57 fragmentos cerâmicos. Apenas nos sítios Olho d'Água do Pau e Anauá foram realizadas escavações sistemáticas, e o sítio Anauá foi dividido em setores onde foram realizadas duas escavações em setores distintos. Dessas escavações sistemáticas resultaram uma coleção maior que mil fragmentos cerâmicos sendo que no sítio Anauá foram encontrados 937 fragmentos cerâmicos, e no sítio Olho d'Água do Pau encontro-se 428 fragmentos cerâmicos, uma quantidade superior a cinquenta líticos e uma datação (a partir do carvão de uma fogueira do sítio Anauá através do método do C^{14}) de 640 ± 40 AP. (BETA/233908).

O Sítio Chapada está localizado no distrito de Mararupá, no município de Mauriti numa área de agricultura de subsistência onde as principais culturas são o milho e o feijão. No entorno observam-se exemplares da Caatinga arbórea e a área é representada

por uma planície de inundação, coberta por sedimentos aluvionares e areno-argilosos de coloração cinza a cinza escuro. O solo é caracterizado como Podzólico vermelho a marrom, com pouca matéria orgânica em superfície, representado por vegetações típicas do semi-árido como jurema preta, oiticica e vegetação rasteira como cordão de São Francisco e Pinheirinho (VIANA, 2006).

As atividades realizadas nesse sítio foram coletas de superfície e duas sondagens de 2x1 metros com profundidade de 50 cm, onde pôde-se verificar vestígios cerâmicos até os 20 cm de profundidade (Imagem 1). Destas atividades resulta uma coleção de 56 fragmentos cerâmicos e um vestígio lítico lascado.



Imagem 1 – Sondagem de 2x1 metros no sítio Chapada (Fonte Viana, 2006)

O sítio Santo Antônio está localizado no distrito de Anauá e, como o sítio Chapada, assente numa área de agricultura de subsistência com predomínio das culturas do milho e feijão. Também possui exemplares de Caatinga arbórea no seu entorno e sua área é representada por uma planície de inundação, coberta por sedimentos aluvionares e areno-argilosos de coloração cinza a cinza escuro. O solo também é caracterizado como Podzólico vermelho a marrom, com pouca matéria orgânica em superfície, representado por vegetações típicas do semi-árido como jurema preta, oiticica e vegetação rasteira como cordão de São Francisco e pinheirinho (VIANA, 2006).

As atividades realizadas nesse sítio foram coletas de superfície e uma sondagem de 2x1 metros com profundidade de 50 cm, onde pôde-se verificar vestígios cerâmicos até os 20 cm de profundidade (Imagem 2). Destas atividades resulta uma coleção de 57 fragmentos cerâmicos.



Imagem 2 – Sondagem do sítio Chapada. (Fonte – Viana, 2006).

O sítio Anauá, localizado no distrito de mesmo nome, assente em uma área utilizada para agricultura de subsistência, em especial para as culturas do milho e feijão, e em alguns períodos do ano utilizada como pasto.

A área é representada por uma planície de inundação, coberta por sedimentos aluvionares, areno-argilosos de coloração cinza a cinza escuro. A morfologia evidencia mudanças paleomorfológicas, quando ao desenvolvimento de vale, sendo precedido ao sul, por serrote composto por arenitos conglomeráticos, fácies de leque aluvial, representante da Formação Mauriti, e ao norte, após o Circuito 1 da Linha de Transmissão Milagres/CE à Coremas/PB, pela mesma litologia deixando um vale em U, onde se verifica pequeno curso d'água, o riacho das Baixas, assoreado devido ao alto índice de erosão, transporte e sedimentação para o vale (VIANA,2006, p. 16).

O sítio é cortado pelo Riacho das Baixas, que é alimentado por um olho d'água. Para otimizar o espaço de trabalho o sítio foi dividido em setores sendo o setor I e II na margem direita do sítio e o setor III na margem esquerda. As atividades desenvolvidas nas pesquisas foram coleta de superfície (setor I, II e II) e escavações realizadas durante duas campanhas, uma em 2006 numa área de 400 m² do setor I (Imagem 3 e Mapa 6) e três sondagens de 2x1 metros no setor II, e outra escavação em 2008 com uma área de 60 m² escavada no setor III (Imagem 4), o que totaliza uma área de 466 m² escavados no sítio Anauá. Dessas atividades resultou uma coleção de 937 fragmentos cerâmicos.



Imagem 3 – Setor I, escavado, e setor II por trás da área escavada. (Fonte – Viana 2006)



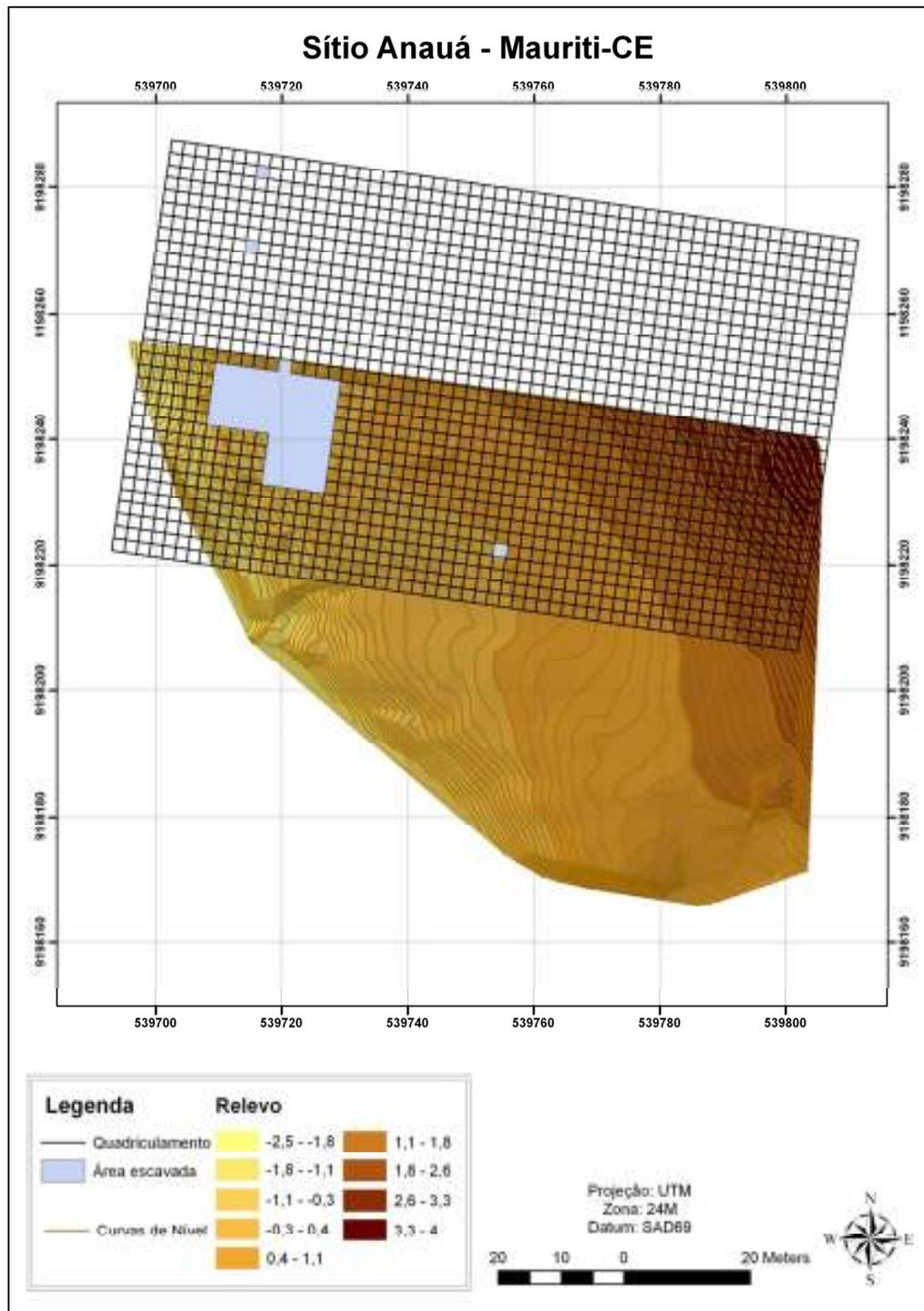
Imagem 4 – Escavação do sítio Anauá, setor III, em 2008.

Segundo Viana (2006;2009) buscou-se realizar nos sítios escavações de superfície ampla com controle estratigráfico artificial de 10 em 10 centímetros.

O sítio OAP está situado na localidade de Olho d'Água do Pau, que também recebe a designação Serra Branca, localizada no distrito de Mararupá em Mauriti, a cerca de 20 quilômetros da sede deste município, sob as coordenadas 0522673/9196744 (UTM – SAD 69). O sítio está situado em meio a uma vegetação de caatinga de médio e baixo porte, entre árvores e arbustos e

Como ocorre com outros sítios localizados na depressão do Cariri, o OAP está nas proximidades de importantes recursos hídricos, como vazantes e olhos d'água que originários da parte mais alta da chapada do Araripe despejam suas águas nesta área mais baixa que equivale ao trecho onde estão localizados municípios como Milagres e Mauriti, deixando certos terrenos brejados. A população local noticia pelo menos a presença de 3 olhos d'água nas imediações do sítio (VIANA, 2009, p. 20).

As atividades realizadas no sítio Olho d'Água do Pau foram coleta de superfície e escavação de uma área de 80 m² (Imagem 5) evidenciando vestígios arqueológicos a cerca de 25 centímetros de profundidade. Dessas atividades resultou uma coleção de 428 fragmentos cerâmicos.



Mapa 6 - Mapa da escavação do sítio Anauá (FONTE: VIANA, 2006)



Imagem 5 – Escavação do sítio OAP.

CAPÍTULO 3. A TECNOLOGIA CERÂMICA E LÍTICA DO SUL DO CARIRI CEARENSE

3.1. Análise da cerâmica

A cerâmica constitui apenas um dos elementos de reconstituição do sistema tecnológico de um grupo. Para a construção desse sistema seriam necessários outros elementos, como o lítico, que são escassos nos sítios trabalhados. Por essa razão focamos nossa atenção nos vestígios cerâmicos com a construção do perfil cerâmico de cada sítio para a verificação de um perfil técnico cerâmico na região sul da Sub-bacia Sedimentar do Araripe, e na sua comparação com o perfil cerâmico do Sítio Aldeia do Baião em Araripina, todavia não excluimos das análises o material lítico, muito embora, não tenhamos construído um perfil lítico dos sítios.

Atributos Analisados	Tipos
Pasta	Pasta 1. Aditivo bolo de argila e/ou cacos de cerâmica moídos. Pasta 2. Aditivo areia. Pasta 3. Aditivo areia + bolo de argila e/ou cacos de cerâmica moídos.
Tratamento de superfície	Alisado; Pintado; Polido; Escovado; Brunido; Inciso; Engobado; Acanalado;

	<p>Ponteadado;</p> <p>Roletado;</p> <p>Escovado associado ao pintado;</p> <p>Polido associado ao pintado.</p>
Técnica de Manufatura	Acordelada.
Motivos de pintura	<p>Motivo 1. Linhas retas.</p> <p>Motivo 2. Linhas curvas.</p> <p>Motivo 3. Associação de linhas retas e linhas curvas.</p> <p>Motivo 4. Associação de linhas retas e grafismos preenchidos.</p> <p>Motivo 5. Associação de linhas curvas e grafismos preenchidos.</p> <p>Motivo 6. Associação de linhas retas, linhas curvas e grafismos preenchidos.</p>
Tipos de objetos	<p>Vasilhas;</p> <p>Fusos.</p>
Formas de objetos	<p>Forma 1. Elipsóide Aberta.</p> <p>Forma 2. Elipsóide Fechada.</p> <p>Forma 3. Circular Aberta.</p> <p>Forma 4. Ovóide Aberta.</p> <p>Forma 5. Ovóide Fechada.</p> <p>Forma 6. Elipsóide Fechada com altura maior que metade do diâmetro da boca.</p>
Tamanho do Objeto	<p>Tamanho Pequeno < 1dm³</p> <p>Tamanho Médio 1dm³ e < 4dm³</p> <p>Tamanho Grande 4dm³ e < 16dm³</p>

Tabela 3 – Atributos analisados.

Pasta

Para a definição da pasta tentamos uma mínima padronização com a pesquisa desenvolvida no sítio Aldeia do Baião que definiu as pastas pela presença e os tipos de antiplástico (aditivo ou tempero) (NASCIMENTO, 1990; 1991).

Verificamos, dentro de cada unidade cerâmica, a presença e os tipos de aditivos, que tecnicamente, poderiam servir para melhorar a manuseabilidade da argila, aumentar ou diminuir a sua porosidade e permeabilidade como também de aumentar a resistência do objeto depois da queima (NASCIMENTO, 1990, p. 47).

As pastas utilizadas por Nascimento foram: 1) com aditivos de cacos de cerâmica triturados; 2) com aditivos de bolos de argila; 3) com aditivos de areia; 4) argila sem a presença de aditivos. Entendemos que o antiplástico “cacos de cerâmica triturados” e “bolo de argila” são necessariamente adicionados à argila por ação antrópica. Por outro lado o antiplástico denominado “areia” pode ser oriundo de ação natural, pois as fontes de argila podem conter areia, dependendo da sua formação (ALBUQUERQUE, 1984) como podem ser de ação antrópica. Dessa forma esquematizamos as pastas tomando como referência a presença e o tipo de aditivo, conforme Nascimento (1990), mas separamos esses por aditivo (quando é antrópico), e antiplástico, quando não podemos certificar se é natural ou antrópico.

Apesar de utilizarmos o modelo de pasta usado nas pesquisas de Araripina, em que a pasta esta relacionada somente ao tipo de antiplastico, entendemos que a idéia de pasta está mais relacionada com a textura, como propõe Brochado e La Salvia (1989). Na perspectiva da textura de Brochado e La Silva a combinação quantitativa e qualitativa do antiplástico estaria relacionada, pelos ceramistas, com os objetos que queiram construir. Utilizamos a idéia de pasta utilizada nas pesquisas anteriores para facilitar a comparação entre os sítios.

Dessa forma trabalhamos com as seguintes pastas:

PASTA 1 – Apresenta o bolo de argila e/ou cacos de cerâmica moídos como aditivo. Segundo Nascimento (1990) essa pasta requer um maior trabalho do ceramista que tem que moer os cacos para usá-los como aditivo.



Imagem 6 – Pasta 1 com aditivos de bolo de argila em destaque Foto: Moreira Cavalcante, 2009.

PASTA 2 – Apresenta areia como antiplástico. Algumas vezes pudemos observar fraturas nos grãos de quartzos, o que pode sugerir que houve um tratamento no aditivo e seria colocado intencionalmente. Segundo LUNA (1991, 2001) o aditivo “areia” traz uma maior porosidade à cerâmica, o que a torna ideal para conservar líquidos, todavia causa rachaduras que podem por em risco a peça.

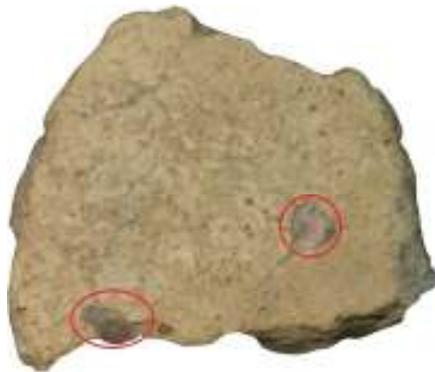


Imagem 7 – Pasta 2 areia como antiplástico Foto: Moreira Cavalcante, 2009.

PASTA 3 - Apresenta o bolo de argila e/ou cacos de cerâmica moídos como antiplástico e areia.

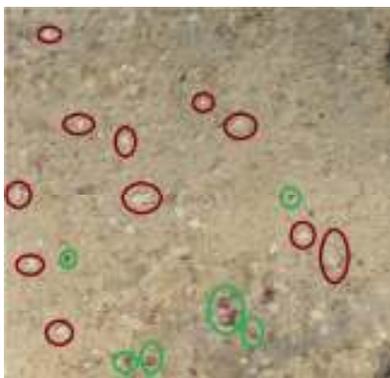


Imagem 8 – Pasta 3 bolos de argila e areia em destaque Foto: Moreira Cavalcante, 2009.

O atributo “pasta” está relacionado com a aquisição da matéria-prima implicando “na descoberta de fontes, e escolha adequada do material para a finalidade produtiva e o seu transporte para o local de manufatura” (LUNA, 2001: 149). O antiplástico, elemento fundamental na classificação das pastas, tem a função de melhorar a manuseabilidade, diminuir a plasticidade da argila, aumentar ou diminuir a permeabilidade ou porosidade, e dar uma maior resistência à cerâmica após a queima (LUNA, 2001).

Tratamento de Superfície.

O tratamento de Superfície se constitui em diversas técnicas que podem ser relacionadas a qualidades técnicas. São basicamente os processos de acabamento dos objetos. Consideramos a etapa final do acabamento de superfície como caracterizadora do

tratamento de superfície. Esse tratamento de superfície pode ter, muitas vezes, funcionalidade, não se tratando apenas de acabamento estético. Os tratamentos de superfície identificados nas cerâmicas analisadas foram:

Alisado: Segundo a *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica* (1966), o alisamento é o processo de nivelamento da superfície da cerâmica. O alisamento é executado após a confecção do vaso com a argila ainda úmida, utilizando-se de instrumentos como seixos rolados, sabugos de milho, taquaras ou as mãos (MARANCA, 1985: 241). Identificamos possíveis alisadores nos sítios, feitos a partir de seixos e de fragmentos cerâmicos.



Imagem 9 – Cerâmica alisada Foto: LUNA, 2009.

Polido: O polimento é dado após a secagem do objeto (ao sol, durante curto período) e dá aparência brilhosa na cerâmica (MARANCA, 1985).



Imagem 10 – cerâmica polida Foto: LUNA, 2009.

Brunido: nesse tipo de tratamento a cerâmica é alisada, polida no período de secagem, impregnada por algum tipo de vegetal após a queima, e aquecida novamente recebendo um banho de fumaça até atingir a cor preta e lustrosa (LUNA, 2001).



Imagem 11 – cerâmica brunida Foto: LUNA, 2009.

Acanalado: Tipo de decoração que consiste em marcar a superfície da cerâmica com os dedos, o que forma sulcos alongados (TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA BRASILEIRA PARA A CERAMICA, 1966: 120).



Imagem 12 – cerâmica acanalada Foto: Bianca Araujo, 2009.

Pintado: Tipo de decoração executada na cerâmica (antes ou depois da queima) utilizando-se de pigmentos minerais ou vegetais de diferentes cores (TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA BRASILEIRA PARA A CERAMICA, 1966: 129). As cores identificadas nos sítios são o branco, vermelho, marrom, preto e cinza.



Imagem 13 – cerâmica pintada Foto: Bianca Araujo, 2009.

Escovado: consiste em passar pela superfície da cerâmica, ainda úmida, um instrumento com pontas múltiplas que deixam sulcos bem visíveis que guardam entre si certo paralelismo.



Imagem 14 – Cerâmica escovada Foto: Bianca Araujo, 2009.

Roletado: o tratamento de superfície roletado é a utilização dos roletes da manufatura como tratamento de superfície, onde se alisa a parte interna permanecendo a aparência dos roletes na parte externa (LUNA, 2001).



Imagem 15 – Cerâmica roletada Foto: LUNA, 2009.

Pontado: decoração feita com pontas, deixando marcas independentes (TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA BRASILEIRA PARA A CERAMICA, 1966, p. 129).



Imagem 16 – cerâmica pontada Foto: LUNA, 2009.

Engobado: Tratamento de superfície que consiste em aplicar (antes da queima) uma camada de barro na superfície da vasilha. Costuma-se confundir o banho com o engobo, mas o engobo é uma camada mais espessa que o banho (TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA BRASILEIRA PARA A CERAMICA, 1966, p. 130). Nos sítios estudados encontramos camadas de engobo de até 0,7cm.



Imagem 17 – cerâmica com engobo Foto: LUNA, 2009.

Inciso: tipo de decoração feito com incisões (com a extremidade de variados instrumentos) na superfície da vasilha, antes da queima (TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA BRASILEIRA PARA A CERAMICA, 1966, p. 129).

Escovado associado ao pintado: uma associação, na mesma peça, do tratamento escovado com o tratamento pintado.

Polido associado ao pintado: uma associação, na mesma peça, do tratamento polido com o tratamento pintado.

Técnica de manufatura

Para a verificação das **técnicas de manufatura** foram observados os tipos de fraturas e as marcas possíveis deixadas nas cerâmicas. Os tipos de manufaturas conhecidas são:

MODELADO: é uma técnica de confecção de cerâmica *que consiste em dar a forma do vaso a partir de um bloco de argila utilizando para isso as mãos* (MARANCA, 1985, p. 240).

ACORDELADO ou ROLETADO: técnica que consiste na confecção de roletes de argila que são sobrepostos uns aos outros em espiral.

MOLDADO: técnica de confecção da cerâmica que utiliza-se de moldes para dar-lhe forma (TERMINOLOGIA ARQUEOLÓGICA BRASILEIRA PARA A CERAMICA, 1966) segundo Maranca (1985) essa técnica pode apresentar duas formas:

Molde Côncavo: utiliza-se um vaso partido ao meio e uma folha de argila é colocada e pressionada dentro de cada molde;

Molde Convexo: o molde tem a forma de um prato, aplicando-se sobre ele uma folha de argila e pressionando. Geralmente esse molde é utilizado para confecção de vasos abertos.

TORNEADO: faz-se com o uso de uma roda de torno (roda de oleiro). Segundo Gordon Childe “com a roda pode fazer-se em poucos minutos um vaso que, feito à mão, levaria horas: a roda de oleiro permitiu assim a produção em massa de mercadorias baratas” (CHILDE, 1977, p. 129).

Em todas as cerâmicas analisadas a única técnica de manufatura percebida foi a acordelada. Para verificação dessa técnica tentou-se perceber, nas quebras, a presença de negativos ou positivos dos roletes nos fragmentos cerâmicos.

Queima

A queima é um dos atributos mais difíceis de observar de forma direta. Definimos, da forma mais simples, os tipos de queima como completa (quando apresenta a coloração do núcleo homogênea) e incompleta (quando apresenta diversidade na coloração do núcleo da cerâmica). Uma análise possível para verificação do tipo de queima é a Difração de Raios X, que identifica a temperatura máxima que a cerâmica atingiu no momento da queima (LUNA, 2001).

Motivos de pintura

Quando há tratamento de superfície pintado tentamos identificar os motivos das pinturas, quando possível, seguindo o modelo proposto por Scatamacchia (1991, 2004) em que se classificam as pinturas em: 1) composição de linhas retas, 2) composição de linhas curvas, 3) composição de linhas retas e curvas. Acrescentamos a esses motivos outro elemento, os grafismos preenchidos, por acharmos que esses grafismos não se tratam de linhas retas e nem de linhas curvas. Desta forma acrescentamos aos motivos já existentes três outros motivos, que apareceram nos sítios: motivo 4) associação de linhas retas e grafismos preenchidos, 5) associação de linhas curvas e grafismos preenchidos, e 6) associação de linhas retas, linhas curvas e grafismos preenchidos.



Imagem 18 – Motivo 1. Foto: LUNA, 2009.



Imagem 19 – Motivo 2. Foto: LUNA, 2009.



Imagem 20 – Motivo 3. Foto: LUNA, 2009.



Imagem 21 – Motivo 4. Foto: LUNA, 2009.



Imagem 22 – Motivo 5. Foto: LUNA, 2009.



Imagem 23 – Motivo 6. Foto: LUNA, 2009.

Tipo de Objeto

A frequência do tipo de objeto também foi utilizada como parâmetro para identificar o perfil cerâmico. Para definir os tipos de objetos levou-se em conta as reconstituições feitas destes objetos. Os objetos identificados nos sítios em estudo foram fusos e vasilhas.



Imagem 24 – Fuso Foto: LUNA, 2009.



Imagem 25 – Vasilha Reconstituição 3D LUNA, 2010.

As formas dos objetos

Para reconstituição das vasilhas buscamos o contorno geral da forma a partir das bordas bases e bojos das mesmas unidades. Algumas vasilhas reconstituídas foram consideradas hipotéticas, pois apresentavam apenas $\frac{1}{4}$ da borda e do bojo, não apresentando nenhuma parte da base (LUNA, 1990).

Para definição das formas das vasilhas utilizamos como parâmetro o modelo utilizado por Oliveira (2000) que é uma relação da forma geométrica, o diâmetro da boca e a altura da vasilha. Dessa maneira definimos, dentro dos sítios estudados, as seguintes formas.

Forma 1. Elipsóide Aberta – Vasilhame simétrico, raso, altura menor que a metade do diâmetro da boca, forma elipsóide horizontal, boca ampliada.



Imagem 26 – Vasilha elipsóide aberta Reconstituição 3D LUNA, 2010.

Forma 2. Elipsóide fechada - vasilhame simétrico, altura menor que a metade do diâmetro da boca, forma elipsóide, boca constricta.



Imagem 27 – Vasilha elipsóide fechada Reconstituição LUNA, 2010.

Forma 3. Circular aberto – vasilhame simétrico, altura menor que a metade do diâmetro da boca, forma circular, boca ampliada.



Imagem 28 – Vasilha circular aberta Reconstituição 3D LUNA, 2010.

Forma 4. Ovóide aberta – Vasilhame simétrico, altura menor que a metade do diâmetro da boca, forma oval, boca ampliada.



Imagem 29 – Vasilha ovóide aberta Reconstituição 3D LUNA, 2010.

Forma 5. Ovóide fechada – Vasilhame simétrico, altura menor do que a metade do diâmetro da boca, forma oval, boca constricta.



Imagem 30 – vasilha ovóide fechada Reconstituição 3D LUNA, 2010.

Forma 6. Elipsóide fechada – Vasilha simétrica, altura maior do que a metade do diâmetro da boca, forma elíptica, boca constricta. Difere da forma 2 pela relação altura/diâmetro da boca.



Imagem 31 – Vasilha elipsóide fechada Reconstituição 3D LUNA, 2010.

Tamanho do objeto

O tamanho das vasilhas foi calculado, seguindo a proposta apresentada por Oliveira (2000), a partir do volume do objeto onde foi elaborado o desenho do perfil de cada vasilha e o volume calculado através do programa Auto-Cad. As classes de tamanho desenvolvidas por Oliveira foram: Tamanho Pequeno (menor que 1dm^3 ²⁴), Tamanho Médio (de $1\text{dm}^3 < 4\text{dm}^3$), Tamanho Grande (de $4\text{dm}^3 < 16\text{dm}^3$), Tamanho Extra Grande (de $16\text{dm}^3 < 50\text{dm}^3$). Utilizamos apenas os tamanhos Pequeno, Médio e Grande, pois não havia vasilhas do tamanho Extra Grande nos sítios estudados.

3.2. Sítio Chapada



Imagem 32 – Cerâmica brunida – Sítio Chapada (Foto – Luna, 2010).

²⁴ Utilizamos o dm^3 (equivalente à 1 litro) como unidade de medida de volume.

O sítio Chapada está localizado no distrito de Mararupá, no município de Mauriti. Nesse sítio foi realizada uma coleta de superfície e coletou-se 56 fragmentos cerâmicos. Dos fragmentos cerâmicos provenientes do sítio Chapada, 10 não forneceram o mínimo de informações necessárias para a construção do perfil cerâmico (tratamento de superfície ou morfologia da peça), e entraram na categoria “não classificado”. Dos 56 fragmentos apenas 46 foram contabilizados para as análises e divididos em unidades, a partir da pasta e do tratamento de superfície, e divididos em grupos a partir das variações no tratamento de superfície.

Não trabalhamos com a perspectiva de um sítio com poucos vestígios, que o diferenciaria dos sítios ANA e OAP, pois, ao que parece, não foi feita a coleta de todo o material.

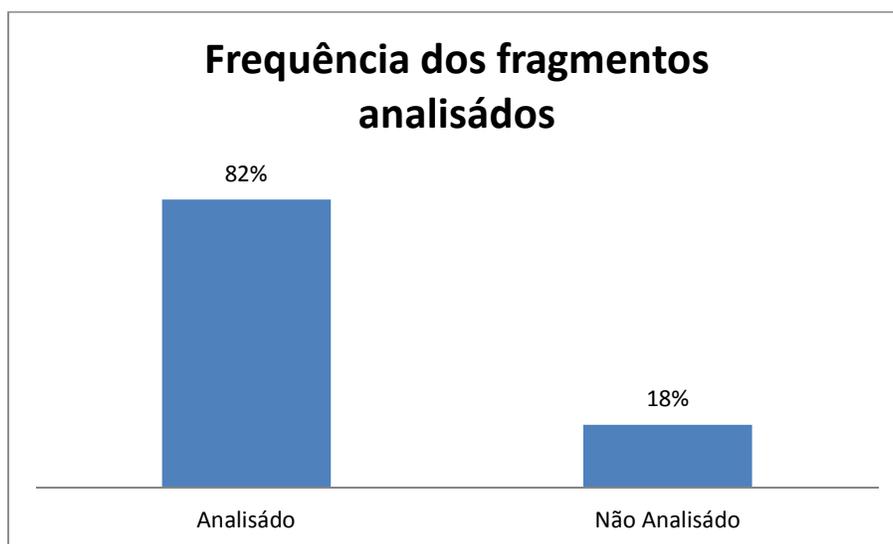


Gráfico 1 – Frequência em percentual dos fragmentos cerâmicos analisados.

Unidades cerâmicas

As unidades identificadas no sítio Chapada foram um total de 6. Buscamos, dentro de cada unidade, perceber, além dos atributos analisados e descritos anteriormente, detalhes que poderiam auxiliar na identificação das técnicas de fabrico, forma dos objetos e prováveis funções dos objetos.

Tipos de pasta

Os tipos de pasta identificados no sítio Chapada foram as pastas 1, 2 e 3. Nota-se o predomínio da pasta 3 (antiplástico com bolo de argila e/ou cacos de cerâmica moídos e areia) sobre as demais pastas.

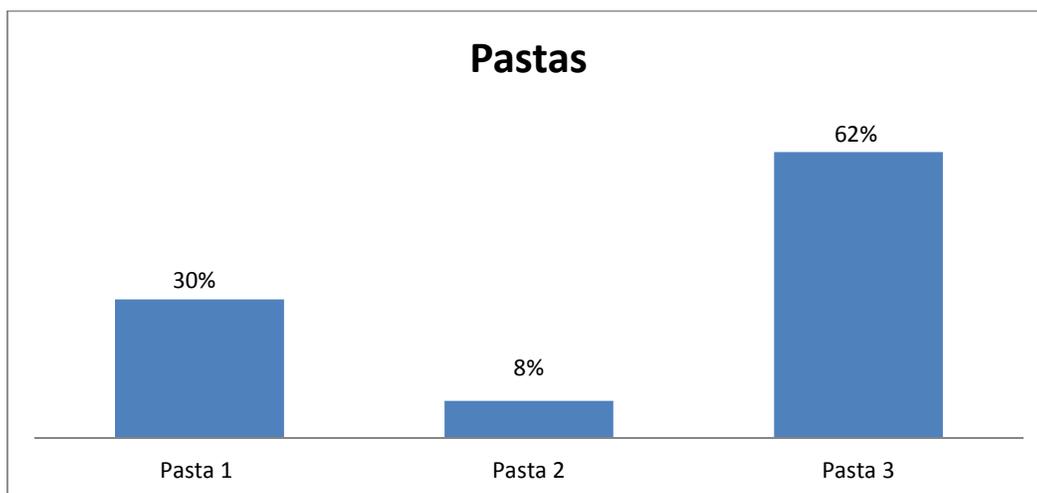


Gráfico 2 – Distribuição das pastas em percentual.

Tratamentos de superfície

No sítio Chapada os tratamentos de superfície são apenas o brunido, pintado e alisado, sendo o alisado em maior proporção.

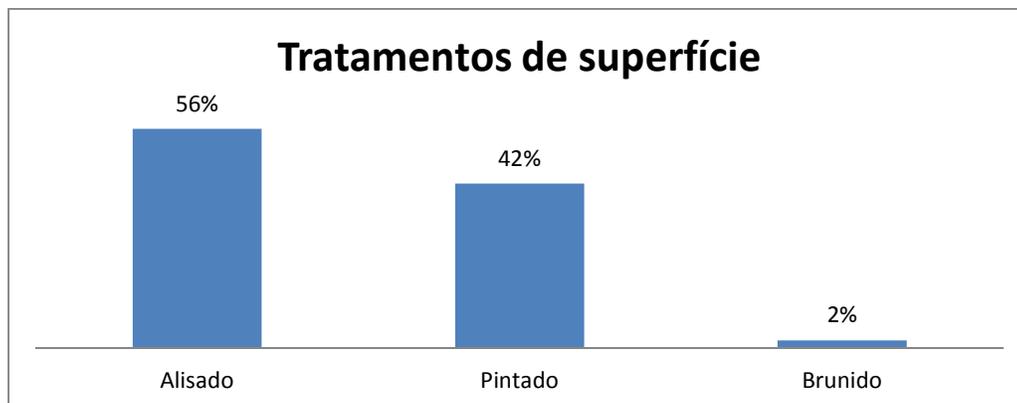


Gráfico 3 – Tipos de tratamento de superfície em percentual.

Técnica de manufatura

Todos os fragmentos analisados no conjunto recolhido neste sítio foram confeccionados pela técnica de manufatura acordelada ou roletada. Todavia, a análise simples, observando as fraturas dos roletes, não nos trás uma total confiabilidade. A técnica de Raios X poderia ser utilizada para a verificação da técnica de manufatura, todavia essas análises são bastante onerosas, o que impossibilita a sua utilização nesse momento.

Tipo de queima

Os tipos de queima variam entre completa (Queima 1) e incompleta (Queima 2), conforme mostra o gráfico abaixo.

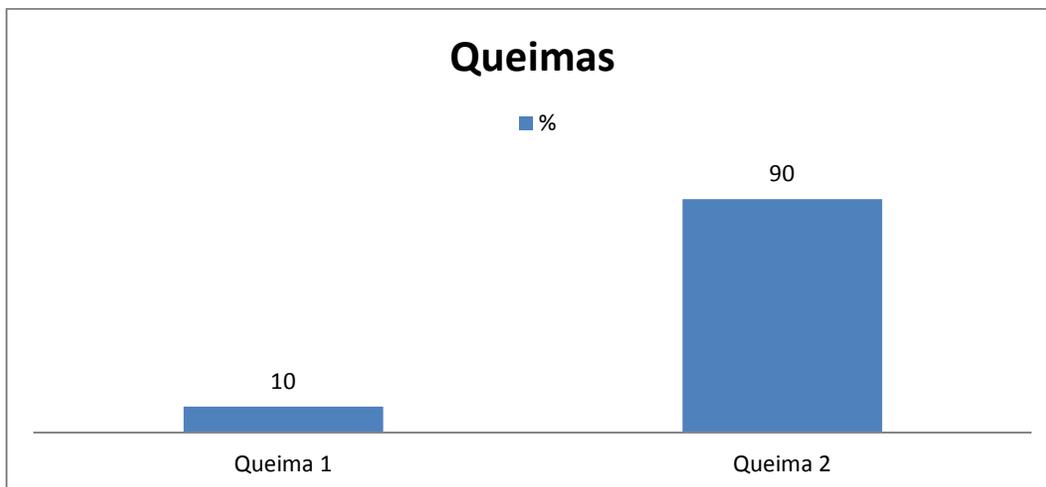


Gráfico 4 – Tipos de queima em percentual.

Morfologia dos fragmentos

As bordas desses sítios são Reforçadas externamente, Extrovertidas, Diretas, Reforçadas Internamente e Externamente e Introvertidas. Os lábios são arredondados, pontilhados e apontados. As bases são planas e semi-planas. Aparecem poucos bojos carenados em meio de vários bojos que não pudemos identificar.

Objetos reconstituídos

Dos 46 fragmentos cerâmicos analisados pôde-se reconstituir, a partir da colagem de alguns fragmentos, reconstituição do diâmetro das bocas de vasilhas circulares e da observação da relação base/bojo/borda que havia dentro de cada unidade, oito vasilhames cerâmicos com boca circular. Todas as oito reconstituições são consideradas hipotéticas por não apresentarem o conjunto mínimo de bojo/base/borda.

Formas reconstituídas

Dentro das 8 vasilhas reconstituídas a forma que mais aparece é a forma 1 (Elipsóide Aberta) com cinco vasilhas reconstituídas, seguido da forma 4 (Ovóide Aberta), com duas vasilhas e a forma 6 (Elipsóide Fechada).

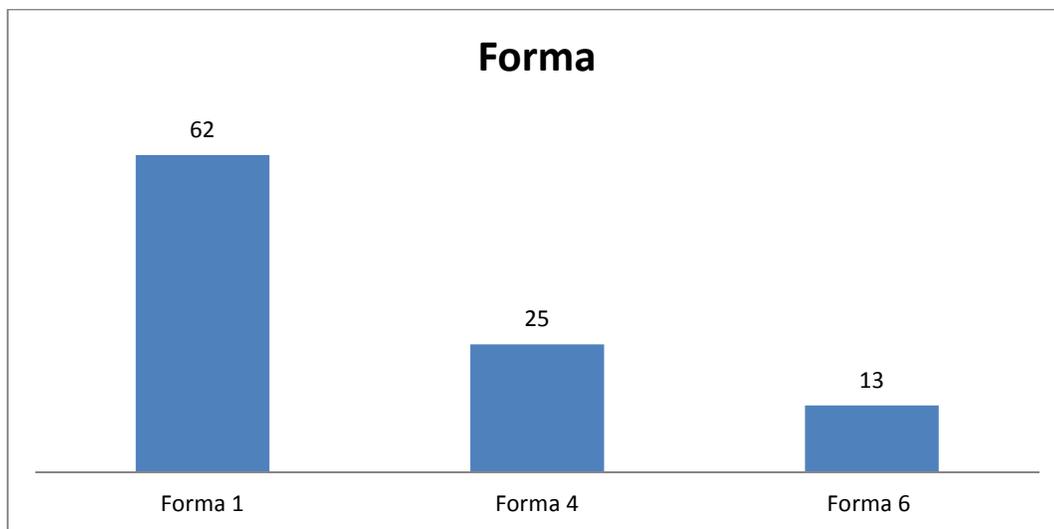


Gráfico 5 – frequência das formas em percentual.

Tamanho das vasilhas

Os volumes das vasilhas variam entre 0,04 dm³ e 5,2 dm³ ocorrendo vasilhas pequenas em maior número seguido das vasilhas grandes e médias.

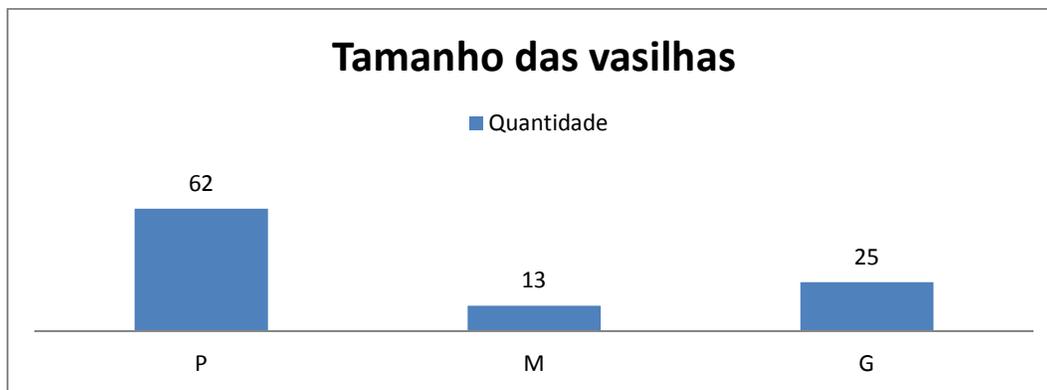


Gráfico 4 – Proporção do tamanho das vasilhas em percentual.

Perfil Cerâmico

As características do perfil cerâmico do sítio Chapada são as seguintes:

Na produção da cerâmica era prioritário o uso do bolo de argila e/ou cacos triturados associados à areia. Ocorriam também objetos com antiplástico com bolo e/ou cacos de triturados, e raramente objetos com areia como único antiplástico.

Há uma predominância de objetos alisados no sítio Chapada, todavia com um percentual muito próximo ao pintado. O Tratamento brunido também ocorre no sítio.

Os motivos de decoração são de rara percepção pelo desgaste das pinturas mas pode-se identificar motivos com linhas retas e motivos com linhas curvas. Os pigmentos aparecem nas cores branca, vermelha e marrom. Aparece constantemente mica em pó misturado ao pigmento branco.

Predominam vasilhas pequenas e a tigela elipsóide aberta é a mais comum, ocorrendo também pratos ou assadores. As bocas das vasilhas são todas circulares.

3.3. Sítio Santo Antônio



Imagem 33 – Cerâmica pintada – Sítio Santo Antônio (Foto Luna, 2010).

O sítio Santo Antônio está localizado no distrito de Anauá, em Mauriti. Foi realizada uma coleta de superfície no sítio Santo Antônio, onde foram coletados 57 fragmentos cerâmicos e dos quais 11 fragmentos não forneceram o mínimo de informações necessárias para a construção do perfil cerâmico (tratamento de superfície ou morfologia da peça), e entraram na categoria “não classificado”. Dos 57 fragmentos, 46 foram contabilizados para as análises.

Não afirmamos que o sítio Santo Antônio seja pequeno (com relação a quantidade de peças), se comparado aos sítios OAP e ANA, pela mesma razão relatada no sítio CHA.

Unidades cerâmicas

Foram ao todo 10 unidades cerâmicas dentro do sítio Santo Antônio.

Tipos de pasta

Nos fragmentos cerâmicos puderam-se identificar as Pastas 1, Pasta 2 e Pasta 3, sendo a Pasta 3 a de maior ocorrência.

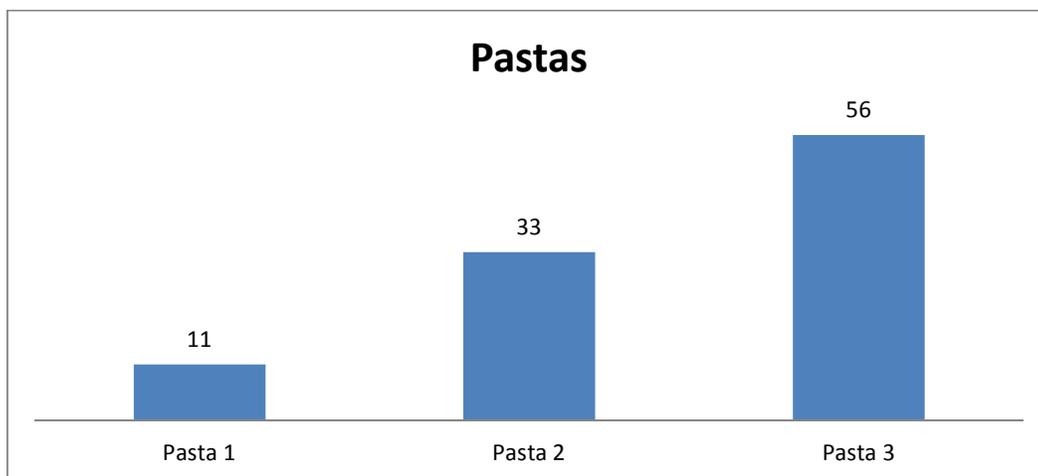


Gráfico 7 – distribuição das pastas em percentual.

Tratamentos de Superfície

Os tratamentos de superfície encontrados nas cerâmicas do sítio foram Alisado, Pintado, Engobado, Polido, Escovado e Escovado Associado ao Pintado, sendo o tratamento Pintado o mais freqüente.

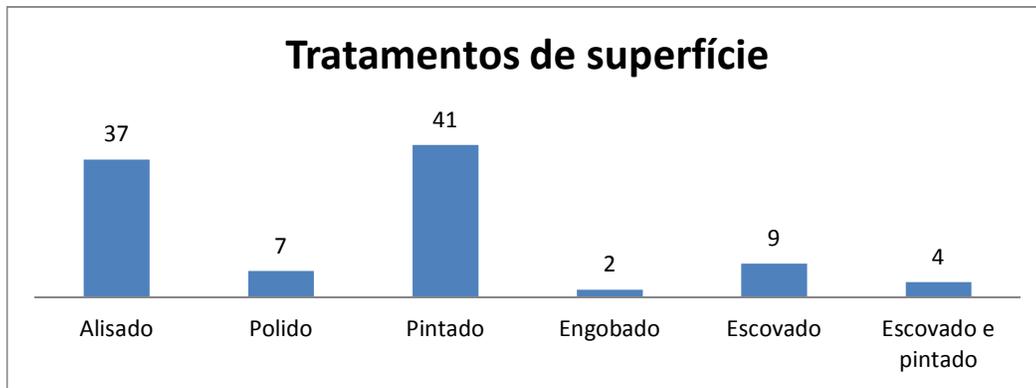


Gráfico 8 – Tipos de tratamento de superfície em percentual.

Técnica de manufatura

O acordelado ou roletado foi a única técnica de manufatura identificada no sítio.

Queima

As queimas 1 e 2 foram identificadas dentro do sítio, sendo a Queima 2 a mais freqüente nos fragmentos cerâmicos.

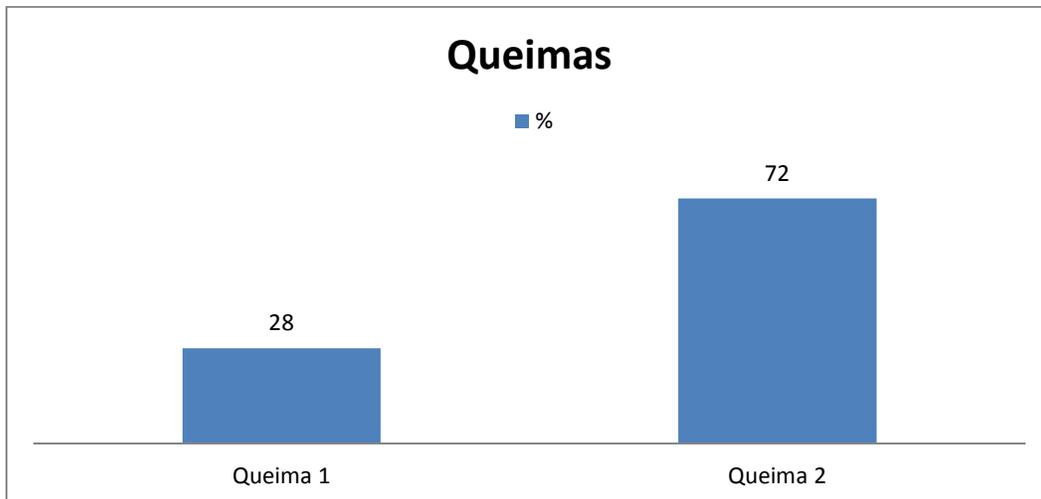


Gráfico 9 – Tipos de queima em percentual.

Morfologia dos Fragmentos

As bordas desses sítios são Reforçadas externamente, Extrovertidas e Diretas. Os lábios são Arredondados, Planos e Serrilhados. As bases são Planas e Semi-planas. Aparecem poucos bojos Carenado e Reforçado em meio de vários bojos que não pudemos identificar.

Objetos reconstituídos

Dos 47 fragmentos cerâmicos analisados pôde-se reconstituir, a partir da colagem de alguns fragmentos, reconstituição do diâmetro das bocas de vasilhas circulares e da observação da relação base/bojo/borda que havia dentro de cada unidade, dez vasilhames cerâmicos com boca circular. Todas as oito reconstituições são consideradas hipotéticas por não apresentarem o conjunto mínimo de base/bojo/borda. Em uma das bordas encontradas pôde-se perceber que o vasilhame era quadrangular.

Formas de objetos

As formas identificadas no sítio Santo Antônio foram as formas 1, 2, 5 e 6, sendo a forma 1 a de maior frequência.

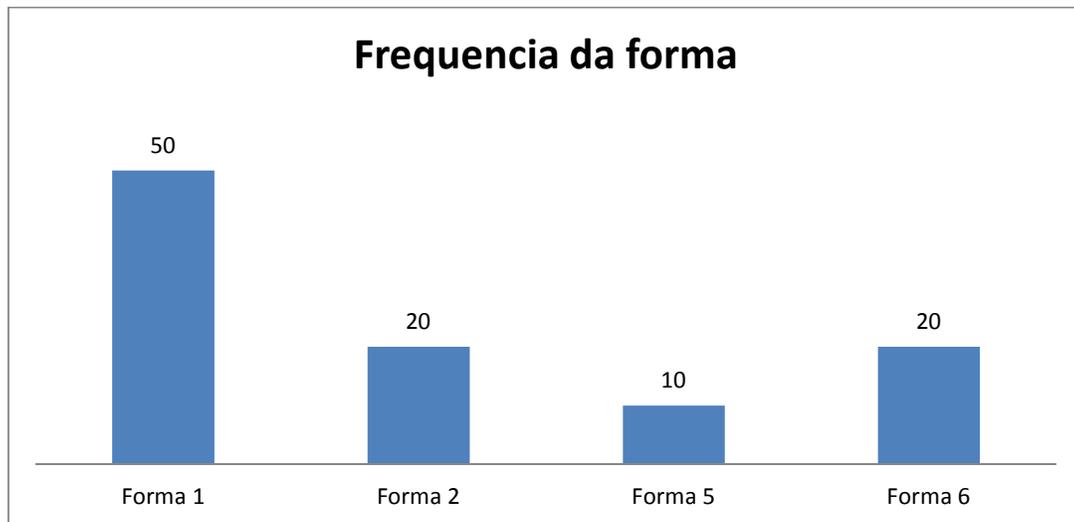


Gráfico 10 – frequência das formas em percentual.

Tamanho dos objetos

O tamanho das vasilhas varia de 0,3 dm³ a 8,2 dm³ sendo a maior frequência de vasilhas grandes.

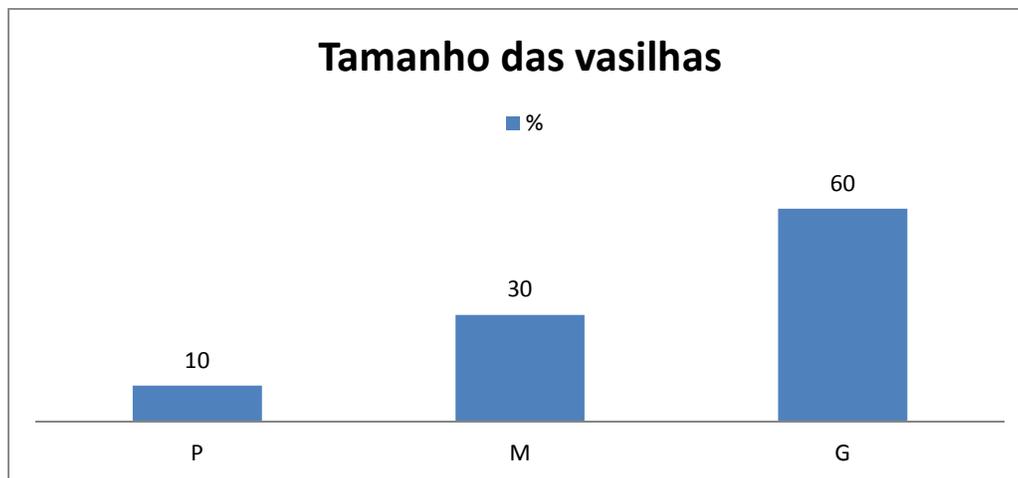


Gráfico 11 – Frequência dos tamanhos dos vasilhames.

Perfil cerâmico

As características do perfil cerâmico do sítio Santo Antônio são as seguintes:

Na produção da cerâmica eram prioritários o uso do bolo de argila e/ou cacos triturados associados à areia. Ocorriam também objetos com antiplástico com areia e poucos objetos com somente bolo e/ou cacos triturados como antiplástico.

Há uma predominância de objetos Pintados no sítio, todavia com um percentual muito próximo ao Alisado. Os Tratamentos escovado, pintado associado ao escovado, engobado e polido também ocorrem no sítio.

Os motivos de decoração são de rara percepção pelo desgaste das pinturas, mas pôde-se identificar motivos com linhas retas e motivos com associação de grafismos puros e linhas curvas. Os pigmentos aparecem nas cores brancas e vermelhas. Aparece constantemente mica em pó misturado ao pigmento branco.

Predominam vasilhas grandes com uma maior quantidade de tigelas e poucas panelas e pratos. As bocas das vasilhas reconstituídas são todas circulares, porem identifica-se cacos de vasilha com boca quadrangular entre as bordas.

3.4. Sítio Olho d'Água do Pau



Imagem 34 – Cerâmica roletada – Sítio Olho d'Água do Pau (Foto, Luna 2010).

O sítio está localizado no distrito de Mararupá, no município de Mauriti. Foram realizadas coleta de superfície e escavação nesse sítio, o que resultou numa coleção de 428 fragmentos cerâmicos, dos quais apenas 301 serviram para análise, sendo que 127 fragmentos não apresentaram os elementos básicos para análise (tratamento de superfície ou morfologia) e foram colocados na categoria “não classificado”.

Unidades cerâmicas

As unidades identificadas no sítio OAP foram um total de 12. Buscamos, dentro de cada unidade, perceber, além dos atributos analisados e descritos anteriormente, detalhes que poderiam auxiliar na identificação das técnicas de fabrico, forma dos objetos e prováveis funções dos objetos.

Pasta

As pastas encontradas no sítio Olho d'Água do Pau são a Pasta 1, Pasta 2 e Pasta 3, sendo a Pasta 3 (Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moído) a mais freqüente, seguido da Pasta 2, e com a Pasta 1 sendo a de menor freqüência no sítio.

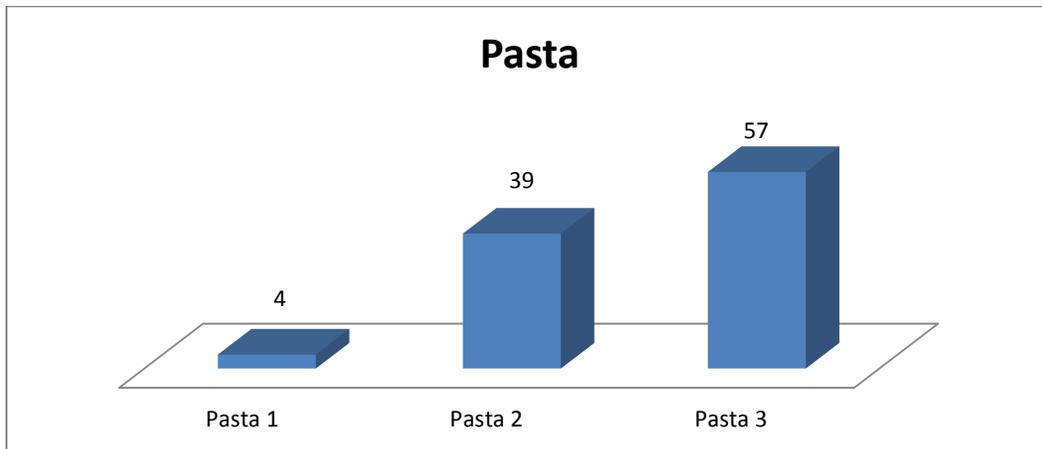


Gráfico 12– Tipos de pastas em percentual.

Tratamento de Superfície

Os tratamentos de superfície identificados nesse sítio são: Alisado, Pintado, Brunido, Polido, Brunido associado ao Pintado e o Engobado. Desses o tratamento alisado é o de maior freqüência.

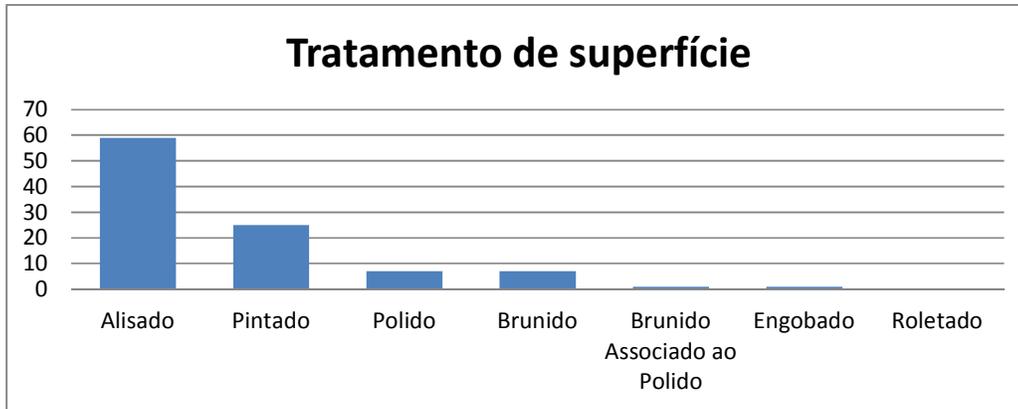


Gráfico 13 – Tipos de tratamento de superfície em percentual.

Técnica de Manufatura

A técnica Acordelada, ou roletada foi a única identificada dentro do sítio Olho d'Água do Pau.

Queima

As queimas identificadas no sítio são a queima 1 (Completa) e Queima 2 (Incompleta) tendo uma maior frequência da queima 2.

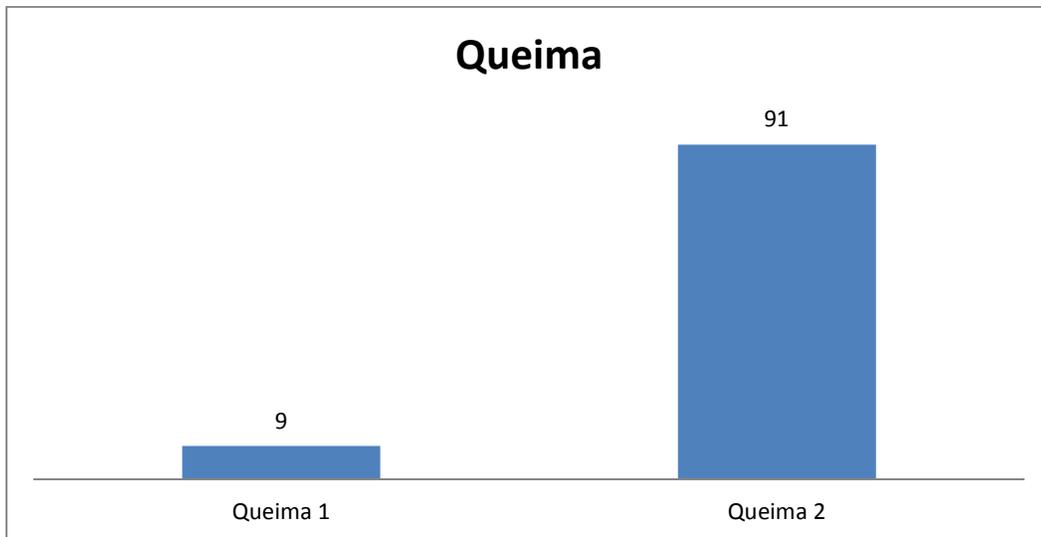


Gráfico 14 – Tipo de queima em percentual.

Morfologia dos Fragmentos

As bordas desses sítios são Reforçadas externamente, Extrovertidas, Reforçada Internamente e Externamente, Introvertidas, e Diretas. Os lábios são Arredondados, Pontilhados, Serrilhado/Ungulados, Apontados, Digitado/Ungulados e Serrilhados. As bases são Planas e Semi-planas. Aparecem poucos bojos Carenado em meio de vários bojos que não pudemos identificar.

Objetos reconstituídos

Dos 301 fragmentos cerâmicos analisados pôde-se reconstituir, a partir da colagem de alguns fragmentos, reconstituição do diâmetro das bocas de vasilhas circulares e da observação da relação base/bojo/borda que havia dentro de cada unidade, dezessete vasilhames cerâmicos com boca circular. Quatorze dessas reconstituições são consideradas hipotéticas por não apresentarem o conjunto mínimo de bojo/base/borda.

Reutilização

Foram identificados entre os fragmentos cerâmicos dois fragmentos arredondados que provavelmente serviram de polidores. Também identificou-se nesse sítio cerâmica com furo na lateral do bojo, o que provavelmente tenha sido um concerto no objeto.

Formas de objetos

As formas identificadas no sítio foram as formas 1, 2, 3 e 5, sendo a forma 1 a de maior frequência.

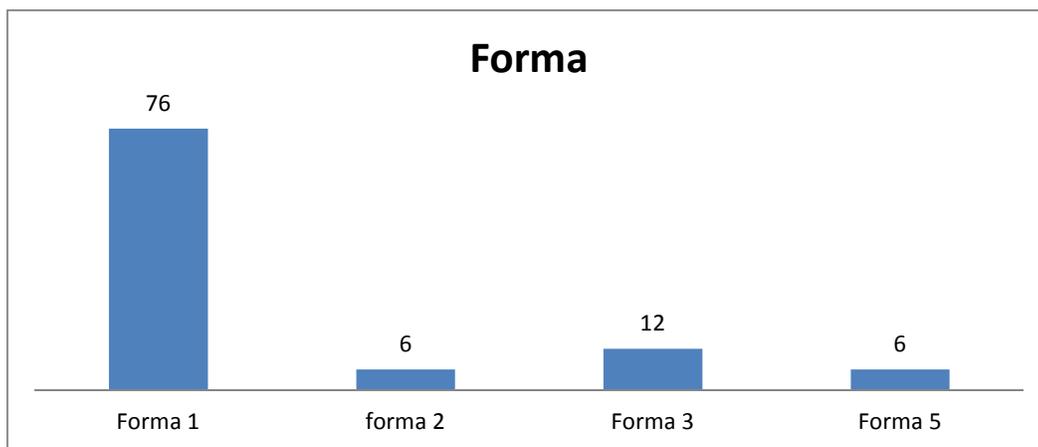


Gráfico 15 – Frequência das formas em percentual.

Tamanho dos objetos

Os tamanhos das vasilhas variam de 0,04 dm³ a 6,2 dm³ sendo a maior frequência de vasilhas pequenas.

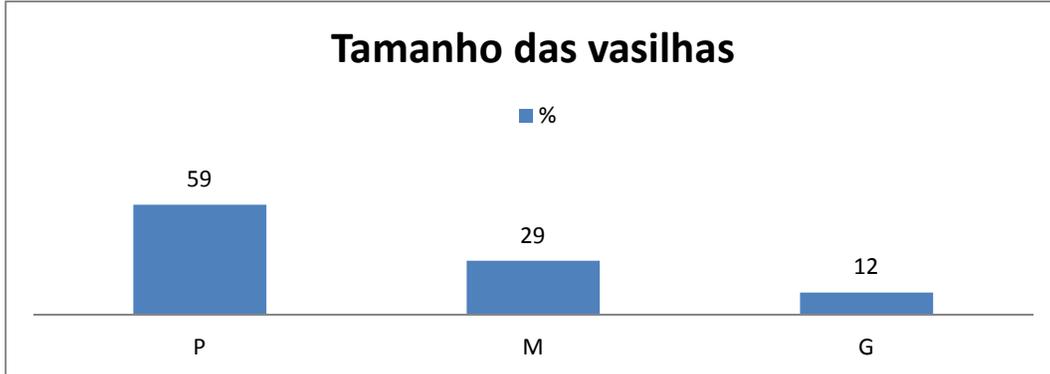


Gráfico 16 – Frequência dos tamanhos das vasilhas em percentual.

Perfil cerâmico

As características do perfil cerâmico do sítio Santo Antônio são as seguintes:

Na produção da cerâmica eram prioritários o uso do bolo de argila e/ou cacos triturados associados a areia. Ocorriam também objetos com antiplástico com areia e poucos objetos com bolo e/ou cacos de triturados como antiplástico.

Há uma predominância do tratamento alisado no sítio, sendo que o tratamento pintado ocorre com uma frequência bem menor que o alisado, todavia, maior que os demais tratamentos de superfície. Os tratamentos brunido, brunido associado ao polido, polido engobado e roletado também ocorrem no sítio.

Os motivos de decoração são de rara percepção pelo desgaste das pinturas, mas pode-se identificar motivos com linhas retas e motivos com linhas curvas. Os pigmentos aparecem nas cores branca e vermelha. Aparece constantemente mica em pó misturado ao pigmento branco.

Predominam vasilhas pequenas e médias com uma maior quantidade de tigelas e pratos, e sem nenhuma panela. As bocas das vasilhas reconstituídas são todas circulares.

Os lábios serrilhados estão sempre associados à borda direta.

Descrição do Material Lítico

O sítio Olho d'Água do Pau possui 44 materiais líticos sendo 41 lascados e 3 polidos.

Os três materiais polidos encontrados no OAP são prováveis polidores utilizados para os acabamentos cerâmicos. A matéria-prima desses objetos é o arenito.

Dos 41 materiais lascados são 26 fragmentos e 15 lascas. A matéria-prima utilizada na confecção desses objetos foram o silexito, o argilito e o quartzito.

3.5 Sítio Anauá



Imagem 35 - bordas - Sítio Anauá (Foto, Luna 2010).

O sítio Anauá está localizado no distrito de Anauá, no município de Mauriti. Nesse sítio foram realizadas coletas de superfície, escavação de uma área de 466 m² e dessas atividades resultou uma coleção de 937 fragmentos cerâmicos, sendo que desses apenas 740 serviram para análise, pois 197 fragmentos não apresentaram os elementos necessários à análise (tratamento de superfície ou morfologia) e entraram na classe dos “não classificados”.

Pastas

Os tipos de pasta identificados no sítio Anauá foram a Pasta 1, Pasta 2 e Pasta 3, sendo a Pasta 3 a de maior frequência.

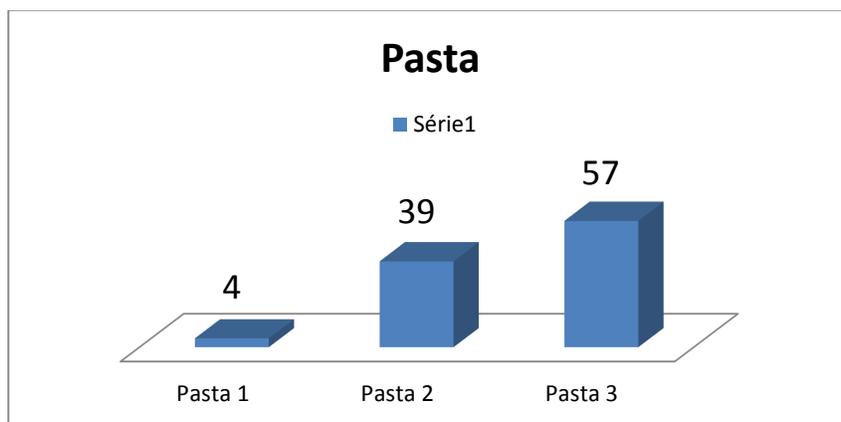


Gráfico 17 – Tipos de pasta em percentual.

Tratamento de superfície

Os tratamentos de superfície identificados no sítio Anauá foram: Alisado, Pintado, Polido, Escovado, Polido associado ao Pintado, Acanalado, Brunido, Brunido

associado ao Pintado, Roletado, Ponteadado, Engobado associado ao Pintado e Inciso associado ao Pintado. Destes o tratamento de superfície que se apresentou com a maior frequência foi o Pintado, seguido do Alisado.

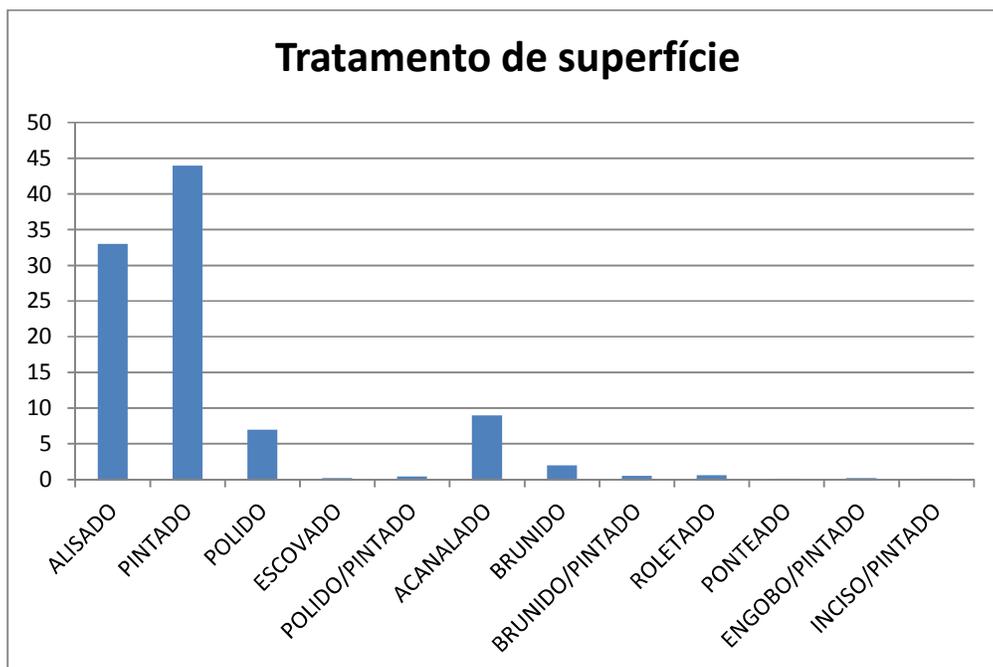


Gráfico 18 – Tipos de tratamento de superfície em percentual.

Técnica de manufatura

A única técnica de manufatura identificada no sítio Anauá foi o acordelado, ou roletado.

Queima

As queimas identificadas no sítio Anauá são a queima 1 (completa) e queima 2 (incompleta), sendo a queima 2 a de maior frequência.

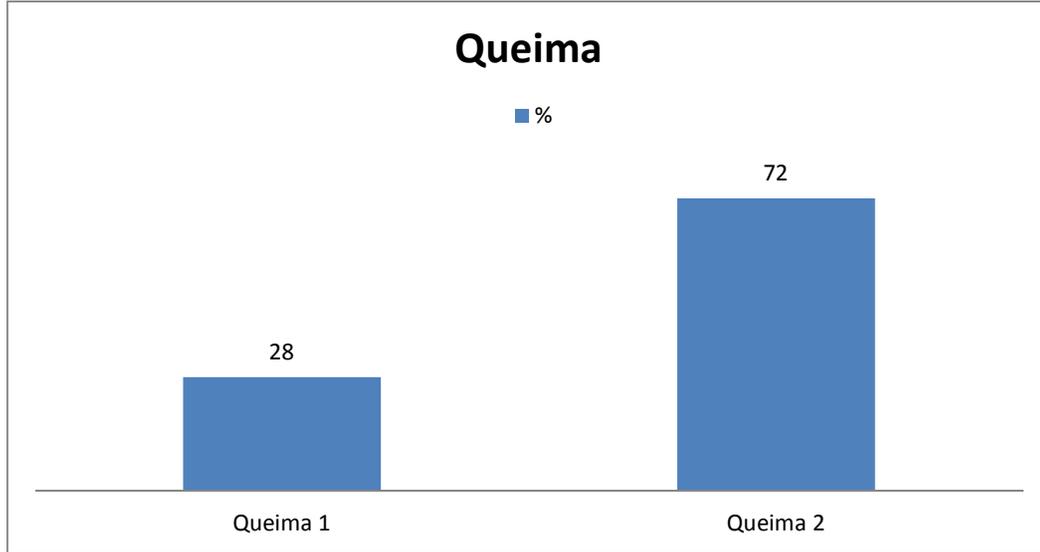


Gráfico 19 – Tipos de queima em percentual.

Morfologia dos Fragmentos

As bordas desses sítios são Reforçadas externamente, Reforçadas internamente, Extrovertidas, Reforçadas Internamente e Externamente, Introvertidas, e Diretas. Os lábios são Arredondados, Pontilhados, Serrilhado/Ungulados, Apontados, Digitado/Ungulados, Planos, Irregulares, e Serrilhados. As bases são Planas e Semi-planas. Não aparecem bojos Carenados embora haja vários bojos que não pudemos identificar.

Objetos reconstituídos

Dos 740 fragmentos cerâmicos analisados pôde-se reconstituir, a partir da colagem de alguns fragmentos, reconstituição do diâmetro das bocas de vasilhas

circulares e da observação da relação base/bojo/borda que havia dentro de cada unidade, 33 vasilhames cerâmicos com boca circular. Vinte e sete dessas reconstituições são consideradas hipotéticas por não apresentarem o conjunto mínimo de bojo/base/borda. Percebeu-se nos fragmentos uma borda de uma vasilha com boca quadrangular, e uma borda de uma vasilha com boca elipsóide (Imagem 32).



Imagem 36 – Cerâmica de boca elipsóide – Sítio Anauá (Foto Luna, 2010).

Entre os objetos reconstituídos há três fusos circulares sendo um deles polido e dois pintados de vermelho.

Formas de objetos

As formas identificadas no sítio foram as formas 1 e 3, sendo a forma 1 a de maior frequência.

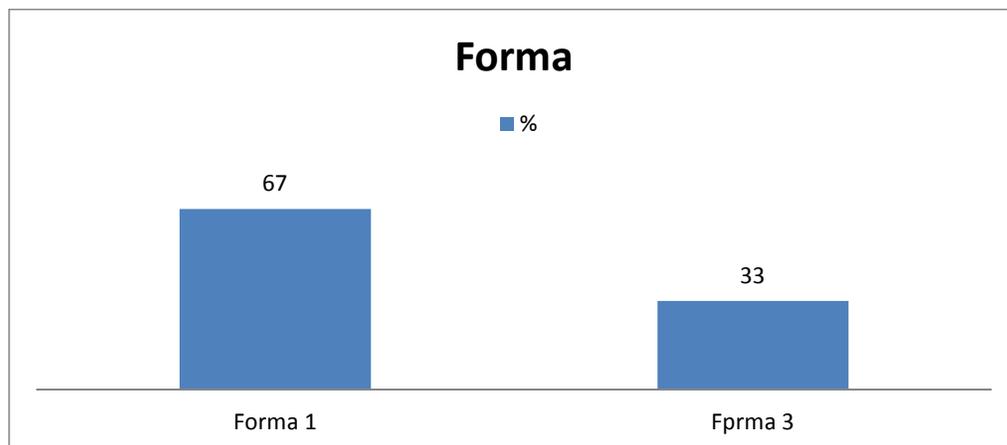


Gráfico 20 – Frequência da forma das vasilhas em percentual.

Tamanho dos objetos

O tamanho das vasilhas varia de 0,04 dm³ a 6,2 dm³ sendo a maior frequência de vasilhas pequenas.

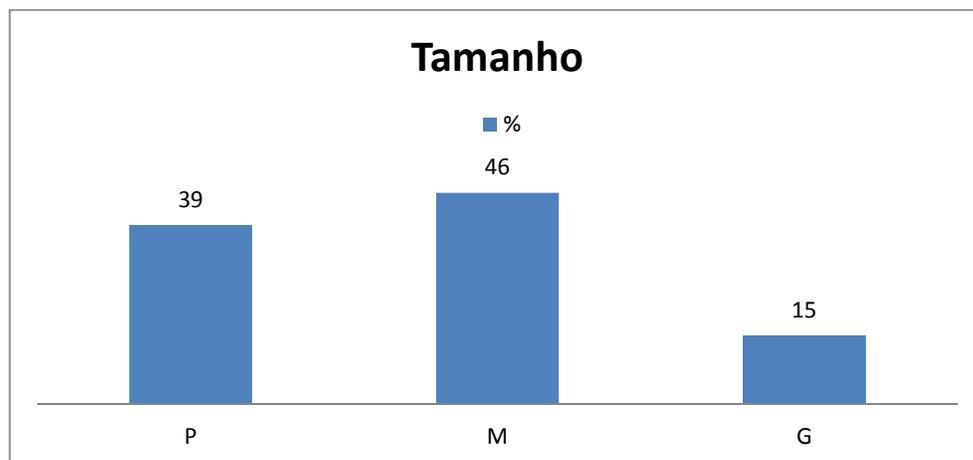


Gráfico 21 – Frequência do tamanho das vasilhas em percentual.

Perfil cerâmico

As características do perfil cerâmico do sítio Anauá são as seguintes:

Na produção da cerâmica eram prioritários o uso do bolo de argila e/ou cacos triturados associados a areia. Ocorriam também objetos com antiplástico com areia e poucos objetos somente com bolo e/ou cacos triturados como antiplástico.

Há uma predominância do tratamento de superfície pintado no sítio sendo que o tratamento alisado ocorre com uma frequência muito próxima ao pintado. Os tratamentos polido, polido associado ao pintado, brunido, brunido associado ao pintado, escovado, acanalado, roletado, engobado associado ao pintado, inciso associado ao pintado e ponteadado também ocorrem no sítio em uma frequência bem menor.

Os motivos de decoração são de rara percepção pelo desgaste das pinturas, mas pôde-se identificar motivos com linhas retas, com linhas curvas, com linhas retas e curvas, com linhas curvas e grafismos preenchidos, com linhas retas e grafismos preenchidos e motivos com linhas retas, linhas curvas e grafismos preenchidos. Os pigmentos aparecem nas cores branca, vermelha, marrom e cinza. Aparece constantemente mica em pó misturado ao pigmento branco.

Predominam vasilhas pequenas e médias com uma maior quantidade de tigelas e pratos, e com poucas panelas. As bocas das vasilhas reconstituídas são todas circulares, mas há vasilhas com boca quadrangular e elipsóide que não puderam ser reconstituídas.

As vasilhas com bordas reforçadas possuem algum tipo de pintura ou banho das diversas cores e com os diversos motivos de pintura.

Descrição do Material lítico

O sítio Anauá possui 35 materiais líticos sendo 26 lascados e 9 polidos.

Os 9 materiais polidos encontrados no sítio Anauá são cinco Tembetás, sendo 3 confeccionados com a matéria-prima amazonita e dois com a gipsita. Os quatro outros vestígios não foram identificados.

Dos 26 materiais lascados são 11 fragmentos, sendo 8 confeccionados com a matéria-prima silixito e três confeccionados com o quartzo. As lascas contabilizadas foram 11, e as matérias-primas utilizadas nesses lascamentos foram o silixito, 10 lascas, e o quartzo, uma lasca. Foram identificados três instrumentos, provavelmente com a função de cortar, e as matérias-primas utilizadas foram o quartzo, o quartzito e o silixito. Havia também um núcleo em silixito no sítio.

3.6. Resultado das análises.

Para melhor percebermos os aspectos tecnológicos dos grupos ceramistas que ocuparam a região do Cariri cearense procuramos construir os perfis cerâmicos dos sítios Chapada, Santo Antônio, Olho d'Água do Pau e Anauá para podermos comparar os perfis entre si e respondermos a questão por nós levantada sobre uma unidade tecnológica na região.

O acervo dos sítios Chapada e Santo Antônio não representam o universo de vestígios dos sítios, pois nas atividades de salvamento arqueológico não objetivou-se a coleta total do sítio, mas só a coleta no espaço que iria ser afetado pelas obras. Dessa forma temos nesses sítios um número pequeno de cerâmica que não condiz com a realidade do sítio. Ainda assim conseguimos na reconstituição de algumas vasilhas levantarmos os elementos morfológicos e funcionais para somarmos às informações dos elementos técnicos observados nos fragmentos e construirmos minimamente os perfis cerâmicos para compará-los com os perfis do sítio Anauá e Olhos d'Água do Pau.

Sítio	Pasta predominante	Tratamento de superfície predominante	Forma dos objetos	Tamanho predominante dos objetos
ANA	3	Pintado	1 e 3	M
OAP	3	Alisado	1, 2, 3 e 5	P
CHA	3	Alisado	1, 4, 6	P
SAN	3	Pintado	1, 2, 5 e 6	G

Tabela 4 - Comparação das análises.

Com a comparação dos perfis percebemos uma homogeneidade tecnológica entre os quatro sítios. Uma das características comuns entre os sítios é a predominância da pasta 3 nos quatro sítios estudados. O Antiplástico bolo de argila e/ou cacos de cerâmica moídos junto com areia é a pasta de maior constância entre os sítios. Para o uso da areia como antiplástico é necessário um conhecimento tecnológico pois há situações em que as fraturas dos grãos de areia dentro da cerâmica durante a queima pode danificar a cerâmica.

O antiplástico bolo de argila e o antiplástico caco de cerâmica moída nos dão a certeza da intencionalidade de adicionar elementos à argila para conseguir uma textura desejada. Segundo Nascimento (1991), a utilização desses antiplástico requer um pouco mais de trabalho do ceramista, pois terá que moer esses antiplástico.

Segundo Ray (1981) os artesões para produzir uma ampla variedade de cerâmicas capazes de cumprir funções distintas teriam três possibilidades. A primeira era a aplicação de diferentes materiais com diferentes procedimentos de queima para cada tipo de vasilha. A segunda seria a utilização de materiais mais apropriada para cada tipo de vasilha, sendo as escolhas de matéria prima uma escolha tecnológica (essa possibilidade se enquadraria a nossa realidade). A terceira seria a utilização das mesmas matérias-primas e mesma queima para todos os tipos de vasilhas, elegendo aquela situação que oferecem melhor resultado para todos os tipos de vasilha com as mais diferentes funções.

Percebemos a partir das vasilhas reconstituídas que todas as vasilhas de tamanho grande (maiores que 4dm^3) têm como antiplástico bolo de argila e/ou cacos de cerâmica moídos junto com areia, ou seja, são da pasta 3. Essa informação nos faz pensar que há uma relação das escolhas dos antiplástico e os tipos de objetos.

Nos tratamentos de superfície percebemos uma semelhança quantitativa na utilização do tratamento pintado e alisado, sempre em maior proporção em relação aos demais tratamentos de superfície. As variações qualitativas não são grandes entre os sítios Anauá e Olho d'Água do Pau, todavia o sítio Chapada possui poucas variedades de tratamentos de superfície, se comparado aos outros dois sítios. Essa situação pode ser explicada pela fragmentação dos sítios que não foram coletados em sua totalidade.

Nas cerâmicas pintadas há um predomínio da cor vermelha e da cor branca nos quatro sítios, embora apareçam as cores marrom e cinza em alguns dos sítios. Nota-se a presença de micaxisto no pigmento branco nos sítios, o que pode indicar ser a mesma forma de produção do pigmento branco nos quatro sítios.

Os motivos de pinturas com linhas retas aparecem em todos os sítios às vezes aparecendo com muitas linhas finas, as vezes com traços grossos e poucas linhas (Figura 36).

As formas de vasilhas que mais aparecem nos sítios são a forma 1, com a maior frequência em todos os sítios e a forma 3, que são constantes nos sítios Anauá e Olho d'Água do Pau, todavia não aparecem nos sítios Chapada e Santo Antônio. As vasilhas de tamanho grande quase não aparecem nos sítios. As panelas são uma ausência nos sítios ocorrendo raramente na região. Os pratos e as tigelas são os mais comuns.

Percebe-se que em nenhum dos sítios há vasilhas que excedam 8 dm^3 de volume, o que nos faz levantar a questão de estarmos trabalhando com horticultores ceramistas, uma vez que não identificamos vasilhames com capacidade de armazenamento para grandes produções.

Todavia esses vasilhames com o volume máximo de 8 dm^3 , se utilizados para armazenar água seriam considerados impróprio, não fosse a proximidade que os sítios tem de olho d'água, ou mesmo de um riacho, como é o caso de Anauá, que é cortado pelo Riacho das Baixas.

Nos sítios Anauá e Olho d'Água do Pau foram identificados alguns apêndices, o que seria mais uma característica comum dessa tecnologia.

Apenas no sítio Anauá foram encontrados fusos (Figura 33), o que pode ser explicado pelo tamanho da escavação realizada no sítio que é superior ao que foi escavado no OAP.

Outra característica dos sítios são as cerâmicas com furos no bojo, o que pode ser uma tentativa de conserto da vasilha danificada.

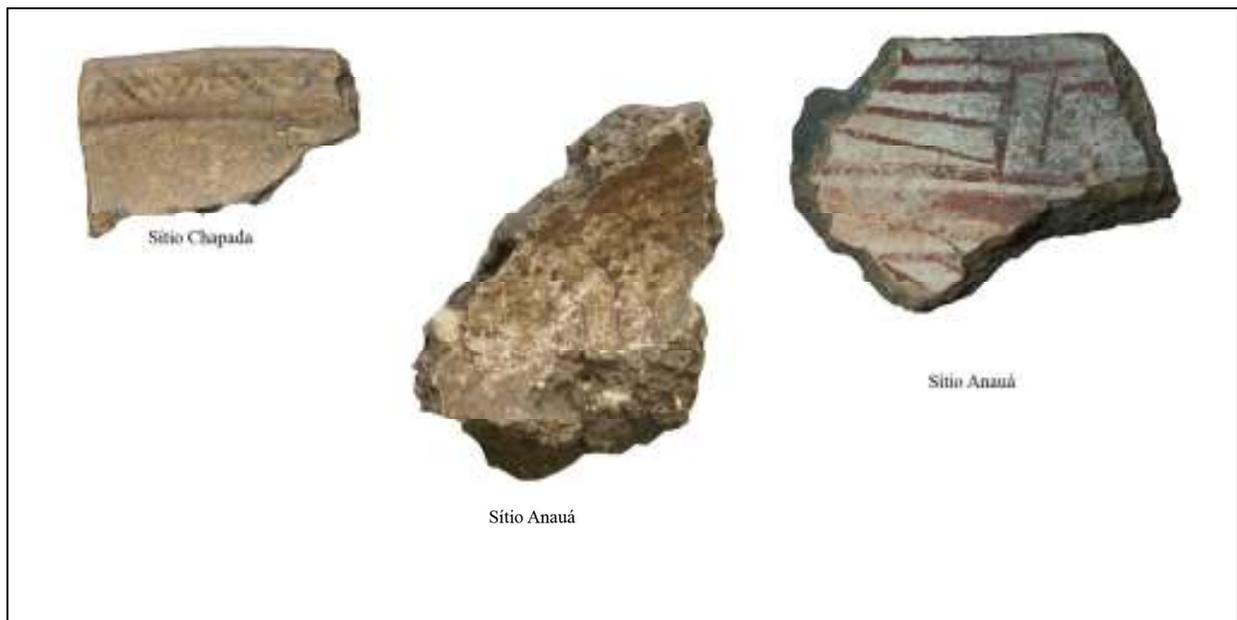


Imagem 37 – Cerâmicas pintadas dos sítios Chapada e Anauá.



Imagem 38 – Fusos do sítio Anauá.

Para confirmarmos nossa hipótese de que o sítio Aldeia do Capim e Aldeia do Baião apresentam um perfil cerâmico similar aos perfis cerâmicos dos sítios Anauá, Chapada, Santo Antônio e Olho d'Água do Pau, existindo uma uniformidade na tecnologia cerâmica nos sítios identificados na região da Chapada do Araripe comparamos os perfis cerâmicos dos sítios pernambucanos e percebemos as mesmas semelhanças entre os sítios de Araripina e Mauriti.



Imagem 39 – Fusos da região da Chapada do Araripe.



Imagem 40 – Cerâmicas da região da Chapada do Araripe.

O perfil cerâmico do sítio Aldeia do baião foi construído por Nascimento em pesquisa apresentada no ano de 1990 e segundo a autora o sítio tem como característica uma cerâmica produzida prioritariamente com antiplástico de bolo de argila e cacos moídos, predominando objetos pintados, utilizando variedades de cores e diversos motivos de pintura, sendo comuns os pigmentos nas cores vermelha, branca, marrom, cinza, e preta. Os tratamentos de superfície são o entalhado, o ponteadado, o escovado, as marcas de cestaria e o unglado.

Outro caracterizador do perfil cerâmico do sítio seria a presença de mica em pó misturada aos pigmentos.

No sítio predominam as tigelas de borda direta e base arredondada, tigelas com bordas reforçadas e pratos com diâmetros entre 6 e 60 cm. Existem nesse sítio vasilhas de boca circular e vasilhas com aplique de alça ou asa. Há também no sítio a presença de fusos e cachimbos.

O Sítio Aldeia do Capim foi estudado por Oliveira (1988) e tem as seguintes características:

A utilização de areia e cacos moídos como principal antiplástico. Os antiplásticos identificados no sítio Aldeia do Capim foram 1) areia, 2) cacos triturados, 3) cacos triturados e areia. A preferência pelo antiplástico cacos triturados e areia dá-se em todas as concentrações do sítio Capim, e em nenhuma delas ocorre em proporção menor que 73%. As Pannels apresentam uma maior proporção desse antiplástico, seguido das Tigelas e os Pratos/Assadores. O antiplástico Cacos Triturados é o de segunda maior frequência no sítio, sendo mais utilizado entre as Tigelas (22% do total de Tigelas) e Pratos/Assadores (19% do total).

Os tratamentos de superfícies encontrados no sítio Aldeia do Capim foram: Alisado, Polido, Pintado (vermelho, branco e preto), Decoração Plástica e Engobado. Há um grande domínio do Alisado dentro desse sítio (52,3% da amostra). Os demais tratamentos se apresentam com frequência maior que o Alisado nos Pratos/Assadores, enquanto nas Pannels e Tigelas há um domínio do Alisado, em detrimento aos demais tratamentos de superfície.

Os tipos de boca identificadas no sítio Aldeia do Capim são as circulares e as quadrangulares tendo uma predominância das bocas circulares em relação às quadrangulares.

Adotando a classificação de Brochado, em que se admitem quatro tipos de vasilhas (tigelas, pannels, pratos/assadores, e jarros), identificou-se as quatro categorias nesse sítio, sendo as tigelas as de maior frequência no sítio (77,02%), seguido dos pratos/assadores (14,94%), pannels (7,47%) e os jarros (0,57%).

Foram identificados três tipos de borda no sítio: Reforçada Externamente, Direta e Extrovertida. As bordas Reforçadas Externamente são mais frequentes entre as Tigelas, ocorrendo também entre as Pannels, e não ocorrendo entre os Pratos/Assadores. As bordas Extrovertidas ocorrem com maior frequência entre as Pannels e em menor proporção entre as Tigelas, os Pratos/Assadores apresentam apenas bordas Diretas.

A partir do que foi observado nos sítios de Mauriti pode-se dizer que há, de fato, uma semelhança nas tecnologias dos sítios cearenses com os sítios de Araripina.

As principais características comuns seriam:

Utilização dos mesmos antiplásticos (Areia, cacos de cerâmica moídos e bolos de argila), que se reforça no sítio Aldeia do Capim que tem a maior freqüência da pasta 1, com areia com cacos de cerâmica moídos e/ou bolos de argila, como ocorre nos sítios cearenses;

Poucas variações qualitativas no tratamento de superfície entres os sítios do Cariri cearense e os sítios de Araripina;

Formas semelhantes nas vasilhas, reforçada pela maior freqüência de tigelas e menor de panelas no sítio Aldeia do Baião, conforme ocorre com os sítios de Mauriti;

Utilização do micaxisto para confecção dos pigmentos nos sítios de Araripina e de Mauriti;

Vasilhas com bocas circulares e quadrangulares em ambos os sítios.

Utilização de apêndices e confecção de fusos.

Dessa forma defendemos aqui que os sítios de Mauriti possuem muitas das características tecnológicas dos sítios de Araripina, o que indicaria um perfil técnico cerâmico para a região da Chapada do Araripe, apesar das diferenças ambientais entre o lado pernambucano e cearense da Chapada do Araripe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eram claras à primeira vista as semelhanças entre os vestígios dos sítios em Mauriti. Por essa razão durante a pesquisa de salvamento arqueológico filiou-se todos os sítios à tradição arqueológica Tupiguarani. A proximidade entre os sítios, o mesmo ambiente e as mesmas características aparentes das cerâmicas já podiam prever que houvesse alguma relação de proximidade entre esses os produtores de tais vestígios. Dessa forma precisávamos sistematizar as pesquisas e discutir essas relações.

Fizemos a pesquisa sem buscar as filiações que vinham sendo feitas anteriormente e a construímos com o foco na tecnologia cerâmica desses antigos habitantes da região da Chapada do Araripe. Com os aportes teórico-metodológicos menos voltados à busca de uma identidade cultural ou uma identidade étnica, como foi comum no passado, buscou-se perceber a presença de um perfil técnico cerâmico.

Construir o perfil cerâmico de cada sítio a partir dos elementos técnicos, morfológicos, funcionais e de design era o primeiro objetivo para se chegar a um perfil técnico cerâmico. Todavia limitou-nos nessa construção o fato de os vestígios dos sítios não terem sido todos coletados, sobretudo nos casos dos sítios Santo Antônio e Chapada que nos forneceram uma pequena quantidade de vestígios em comparação ao universo dos sítios. Soma-se a isso o fato de os objetivos de campo não contemplarem elementos fundamentais para correlação entre os sítios.

Apesar dessas limitações quanto ao número baixo de cerâmica nesses dois sítios, não descartamos o estudo desses pois achávamos que os resultados de suas análises acabariam fortalecendo os resultados oriundos dos demais sítios.

Embora nosso foco principal sempre tenha sido os sítios cerâmicos do Cariri cearense não podíamos perder de vista os estudos de Araripina que ocorrem desde a década de 1980, com as pesquisas de Albuquerque filiando os sítios de Araripina aos Tupiguarani e desde 2005 com Oliveira nos estudos da tecnologia dos grupos ceramistas da região (LEITE NETO, 2008), ou seja, essas pesquisas têm um avanço de mais de duas décadas em relação às pesquisas do lado cearense da Chapada do Araripe.

A proposta de construir o perfil cerâmico de cada sítio de Mauriti e compará-los com os sítios Aldeia do Baião e Aldeia do Capim tinham a finalidade de ampliar a área de estudo tanto no sentido leste-oeste como no sentido oeste-leste para unir os espaços de estudos, pois os estudos arqueológicos de Araripina, apesar das três décadas do início desses estudos ainda são pontuais e abarcam um espaço pequeno de uma área com um grande potencial de pesquisa.

Os resultados mostraram uma homogeneidade tecnológica, referente à tecnologia cerâmica, entre os sítios Anauá, Olho d'Água do Pau, Santo Antônio e Chapada, no que podíamos, desde já, falarmos em um perfil técnico cerâmico da região da sub-bacia sedimentar do Araripe, ou da região do Cariri cearense.

Todavia pudemos constatar através da comparação da tecnologia cerâmica dos sítios de Mauriti com a tecnologia cerâmica dos sítios Aldeia do Baião e Aldeia do Capim, que a tecnologia cerâmica do Cariri cearense se assemelha com a tecnologia cerâmica da região pernambucana da Chapada do Araripe. Por esta razão achamos que esse é só um avanço mínimo no que diz respeito ao conhecimento dos grupos pré-históricos que habitaram a referida região.

Datações futuras podem atestar a contemporaneidade desses sítios, o que viria a confirmar a idéia de um perfil técnico cerâmico para a região da Chapada do Araripe. A datação do sítio Anauá, de 640 ± 40 AP., precisa ser revista, uma vez que foi encontrada no nível 4 (40 cm de profundidade) e os vestígios cerâmicos só apareciam no nível 3. Na ocasião cogitou-se que os Tupi-Guarani fariam covas para fazer suas fogueiras, o que explicaria a diferença na estratigrafia. Como não procurou-se, durante a escavação, contrastar a hipótese da cova, achamos que outras datações seriam fundamentais pra discutir a temporalidade desses sítios.

Acredito que essa similaridade da tecnologia cerâmica de Araripina e o Cariri cearense possa ser confirmada com novos estudos na região da Chapada do Araripe. Desde o fim do trabalho de salvamento arqueológico que deu início a essa pesquisa, vários outros sítios arqueológicos já foram descobertos na região, sendo alguns, inclusive, salvos em outros projetos de arqueologia de contrato. Sítios em Mauriti, Milagres, Crato, Granjeiro, Caririaçu e Missão Velha possibilitariam um melhor conhecimento da região da Chapada do Araripe.

O estudo da década de 1990 realizado por Oliveira aponta para a o contato entre os grupos da Chapada do Araripe e os grupos do sudeste do Piauí. Essa hipótese só seria possível com uma datação mais recuada para os sítios da Chapada do Araripe, pois a diferença entre as atuais datações da chapada e as datações desse grupo ceramista do Piauí é de quase mil anos.

Acredito que a continuidade das pesquisas na Chapada Araripe possa confirmar a idéia, defendida por Oliveira, de um contato, e fortaleçam a criação de um “Estilo Tecnológico” dessa região.

Com todas as limitações achamos que o trabalho tenha contribuído de alguma forma para os estudos dos grupos ceramistas da região Nordeste.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBUQUERQUE, Marcos. Reflexões em torno da utilização do antiplástico como elemento classificatório da cerâmica pré-histórica. **CLIO** - Série Arqueológica, Revista do Curso de Mestrado em História da UFPE, Recife, n. 6, p. 109-112, 1984.

_____. Agricultura pré-histórica no Nordeste. **Agreste**, n. 7, out./nov. Recife: 1985. p. 25.

_____. A ocupação Tupiguarani no Estado de Pernambuco. In: **CLIO** - Série Arqueológica. Nº 4, Número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste. Recife: UFPE, 1991. pp. 15 -16.

BROCHADO, José Proenza. **Alimentação na floresta tropica**. Caderno nº 2. Porto alegre: Editora da Universidade Federal de Rio Grande do Sul, 1977.

_____. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. **CLIO** N.º 03, Recife: UFPE, 1980. pp. 47-60.

BEURLEN, K. Geologia e estratigrafia da Chapada do Araripe. In: **Congresso Brasileiro de Geologia**, 17, Rio de Janeiro, SBG, 1963. pp. 1-47.

CAPRILES, José M. Arqueología e identidad étnica: El caso de Bolivia. In: **Chungara**, Revista de Antropología Chilena. Volume 35, Número 2, Arica: Universidad de Tarapacá, 2003. pp. 347-353.

CHILDE, V. Gordon. **Introdução à Arqueologia**. Coleções saber, Publicações Europa-América, 1977.

COELHO, Jacionira; VIANA, Verônica. **Estudos arqueológicos na área de intervenção da LT 230 KV Milagres/CE-Coremas/PB, circuito 2 (etapa I)**. Fortaleza: CONSPLAN/CHESF, 2005.

DIAS, Adriana Schmidt. **Sistemas de assentamento e Estilo Tecnológico**: uma proposta interpretativa para a ocupação Pré-Colonial do Alto Vale do Rio Sinos, Rio Grande do Sul. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2003.

_____, Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. In: **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 2, n. 1, p. 59-76, jan-abr. 2007.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Cultura Material e identidade étnica na arqueologia brasileira: um estudo por ocasião da discussão sobre a tradicionalidade da ocupação Kaiowá da terra indígena Sucuri'y. In: **Revista de Arqueologia**, 19, 2006. pp. 29-49.

FAGUNDES, Marcelo. **Sítio Rezende**: das cadeias operatórias ao estilo tecnológico – um estudo de dinâmica cultural no médio vale do Paranaíba, Centralina, Minas Gerais. Dissertação de Mestrado, São Paulo: USP, 2004.

FORD, James A. **Método cuantitativo para establecer cronologías culturales**. Washington: Union Panamericana, 1962.

GONÇALVES, Cláudio Ubiratan. Notas sobre o Cariri do início do século XX. **Revista Fluminense de Geografia**, Niterói, v. 03, n. 2, 2006.

HERZOG, André. **O Geopark Araripe**: uma pequena história da evolução da vida, das rochas e dos continentes. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

LAMAZARES, A. M.; SLAVUTSKY, R. Paradigmas estilísticos em perspectiva histórica: del nomartivismo-culturalista a las alternativas postsistémicas. **Boletín de antropología americana**, 22, 1990. pp. 21-45.

LEMONNIER, Pierre. L'étude des systemes techniques, une urgence en technologie culturelle. In: **Te techniques culture**, v1, 1983. pp. 11-33.

LEROI-GOURHAN, André. **Evolução e técnica**: o homem e a matéria. Tradução de Fernanda Pinto Basto. Lisboa: Edições 70, 1984a.

LEROI-GOURHAN, André. **Evolução e as técnicas**: o meio e as técnicas. Lisboa: Edições 70, 1984b.

LUNA, Daniel. **Sítio arqueológico Anauá**: um documento histórico para a rediscussão da presença Tupi no Cariri. Monografia de Graduação. Fortaleza: UECE, 2007.

LUNA, Suely Cristina Albuquerque. **O sítio Sinal Verde – São Lourenço da de Mata, PE: uma aldeia pré-histórica na zona da mata pernambucana.** Dissertação de mestrado. Recife: UFPE, 1990.

_____. O sítio Sinal Verde – São Lourenço da de Mata, PE: uma aldeia pré-histórica na zona da mata pernambucana. In: **CLIO**, V 1, n° 7. Recife: 1991.

_____. **As populações ceramistas pré-históricas do Baixo São Francisco – Brasil.** Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2001.

MACEDO, Joaryvar. Origens de Juazeiro do Norte. In: **Revista do Instituto do Ceará.** Tomo XCII, Fortaleza: 1978. pp. 239 - 251.

MAGGERS, Betty; EVANS, Clifford. **Como interpretar a linguagem da cerâmica.** Washington: Smithsonian Institution, 1970.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil.** 3ª ed. - Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999.

MARTÍNEZ, Victor, M. Fernández. **Teoría y método de la arqueología.** Madrid: Editorial SINTESIS, 2000.

MEDEIROS, Ricardo Pinto. História dos povos indígenas do sertão nordestino. In: **CLIO** V.1 n°. 15. Recife: UFPE, 2002b. pp. 205-234.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. Os historiadores do Ceará. In: **Revista do Instituto do Ceará,** Tomo CXV, Fortaleza: 2001. pp. 71-100.

MENEZES, Edith Oliveira de. O Cariri cearense. In: **Ceará: um novo olhar geográfico.** Org.: José Borzacchiello, Tércia Cavalcante e Eustógio Dantas. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. pp. 339-364.

MONTEIRO, John M. As populações indígenas do litoral brasileiro no século XVI. In: DIAS, Jill. (Org.). **Brasil nas vésperas do mundo moderno.** Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992, pp. 121-136.

NANTES, Bernardo de. **Katecismo indico da lingua Kariris**. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1709.

NASCIMENTO, Ana. **A Aldeia do Baião – Araripina, PE. Um sítio pré-histórico cerâmico no sertão pernambucano**. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1990.

_____. A Aldeia do Baião – Araripina, PE. Um sítio pré-histórico cerâmico no sertão pernambucano. In: **CLIO**, V.1, nº7. Recife: UFPE, 1991. pp.143-206.

NOELLI, Francisco da Silva. José Proenza Brochado, vida acadêmica e arqueologia Tupi. In: **Os ceramistas Tupiguarani**. Organizado por André Prous e Tania Andrade Lima. Belo Horizonte: Sigma, 2008.

OLIVEIRA, Cláudia Alves de. **A Aldeia do Capim: contribuição ao estudo arqueológico da cerâmica Tupiguarani**. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1988.

_____. A cerâmica pré-histórica do Brasil: avaliação e proposta. In: **CLIO**, V.1, nº7. Recife: UFPE, 1991. pp. 11-88.

_____. **Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no sudeste do Piauí – Brasil**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

_____. Abordagens teóricas dos grupos pré-históricos ceramistas no Nordeste. In: **Canindé**, nº 1, Sergipe: 2001. pp. 09-36.

_____. As prioridades das escolhas técnicas. In: **Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira**. OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures. (Org.). Juiz de Fora: MAEA-UFJF, 2008, v. 1, p. 153-168.

_____. As fronteiras tecnológicas de grupos pré-históricos ceramistas do Nordeste. In: **Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani**. Org. Ana Paula Loures de Oliveira. Juiz de Fora: EDUF JF, 2009. pp. 131-150.

OTERO, Clarisa. Entre muros: tecnología cerámica en un recinto del pucará de tilcara (quebrada de humahuaca). In: **La Zaranda de Ideas**. Revista de Jóvenes Investigadores en Arqueología 2. Buenos Aires: 2006. pp. 67-85.

PESSIS, Anne-Marie. Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social. In: **CLIO**, série arqueológica, n° 9. Recife: 1993. pp. 07-14.

PINTO, Estevão. **Os indígenas do Nordeste**. V.2. São Paulo: Brasiliense, 1938.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

RYE, O. S. **Pottery Technology**. Principles and reconstruction. Manuals on archaeology 4. Taraxacum, Washington: 1981.

SANTANA, Eudoro W. **Caderno regional da sub-bacia do Salgado**. Eudoro Walter de Santana (coordenador). Fortaleza: INESP, 2009.

SARAIVA, Antônio Álamo Feitosa. **Caracterização paleoambiental e paleo-oceanográfica da formação Romualdo – Bacia Sedimentar do Araripe**. Recife: Tese de doutorado, UFPE, 2008.

SHEPARD, Anna O. **Ceramics for the archeologist**. Washington D. C.: Carnegie Institution of Washington, 1961.

SILVA, Carla Maria Salgado ; SANTIAGO, M. M. F.; FRISCHKORN, Horst ; MENDES FILHO, J.; VERÍSSIMO, Liano . Isótopos ambientais como identificadores de aquíferos explorados na Bacia Sedimentar do Cariri. In: **XVII Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos**, 2007, São Paulo. Anais do XVII Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos, 2007.

SILVA, Edson Vicente da; Pereira, Raimundo castelo Melo. Problemas ambientais e unidades de conservação no Ceará. In: **Ceará: um novo olhar geográfico**. Org.: José Borzacchiello, Tércia Cavalcante e Eustógio Dantas. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. pp. 211-229.

SOBRINHO, Thomás Pompeu. Povoamento do Nordeste Brasileiro: origens de Juazeiro do Norte. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Tomo LI, Fortaleza: 1937. pp. 107-162.

_____. As origens dos índios cariris. IN: Povoamento do Nordeste Brasileiro: origens de Juazeiro do Norte. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Tomo LXIV, Fortaleza: 1950. pp. 314 - 347.

SOUSA, Marco José Nogueira de. Compartimento geoambiental do Ceará. In: **Ceará: um novo olhar geográfico**. Org.: José Borzacchiello, Tércia Cavalcante e Eustógio Dantas. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007. pp. 127-140.

SOUZA, M. J. N; OLIVEIRA, V.P.V de - Os **enclaves úmidos e Sub-úmidos do Semi-árido** do Nordeste Brasileiro. **Revista Mercator**. UFC. n. 9, 2006. 85-102p.

STUDART FILHO, Carlos. Os Aborígenes do Ceará. In: **Revista do Instituto do Ceará**. Tomo LXXVI, Fortaleza, 1962. pp. 05-75.

_____. Os Aborígenes do Ceará. In: **Revista do Instituto do Ceará**. parte II. Tomo LXXVII, Fortaleza, 1963. pp. 153 -75.

TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

THEBERGE, P. **Esboço histórico sobre a província do ceará**. 2ª edição, anotada por Mozart Soriano Aderaldo. Fortaleza: Secretaria de cultura, desporto e promoção social, 1973.

VALERA, António Carlos. Arqueologia e identidade. In: **Citações 3**. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica, 2008.

VIANA, Verônica. **Estudos integrados do patrimônio cultural ao longo da linha de transmissão 230 KV Milagres-CE/Coremas-PB circuito 2**. Fortaleza: CONSPLAN/CHESF, 2006.

_____. **Estudos Arqueológicos na área de intervenção da LT 230 KV Milagres-CE/Coremas-PB, circuito 2**. Programa de resgate arqueológico. Relatório final de acompanhamento da obra. Abertura de praça. Abertura de estradas de acesso. Escavação de cavas. Fortaleza: CONSPLAN/CHESF, 2009.

ANEXOS

Sítio Chapada

UNIDADE 1

Quantidade de fragmentos: 8
Tipo de aditivo: Bolo de argila e/ou cacos de cerâmica moídos
Tipo de tratamento de superfície: Alisado
Fragmentos de borda: 3
Tipos de lábios: arredondados
Tipos de borda: Diretas Reforçadas Externamente e Extrovertidas
Fragmentos de bojo: 4
Tipos de bojos: Carenado e Não Identificados
Fragmento de base/bojo: 1
Tipo de base/bojo: Plana
Quantidade de objetos reconstituídos: 1
Tipo de objeto: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1.

UNIDADE 2

Quantidade de fragmentos: 5
Tipo de aditivo: Bolo de argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Pintado
Quantidade de grupos: 1 (Pintado de Vermelho)
Fragmentos de borda: 2
Tipos de borda: Reforçadas Externamente
Tipos de lábios: Arredondado
Fragmentos de bojo: 2
Tipos de bojo: Não Identificados

UNIDADE 3

Quantidade de fragmentos: 1
Tipo de aditivo: Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos

Tipo de tratamento de superfície: Brunido
Quantidade de grupos: 1

Fragmentos de bojo: 1
Tipo de bojo: Não identificado

UNIDADE 4

Quantidade de fragmentos: 4
Tipo de aditivo: Areia
Tipo de tratamento de superfície: Pintado
Quantidade de grupos: 2 – Grupo 1 (Pintado de Vermelho) e Grupo 2 (Pintado de Vermelho sobre Branco)
Fragmentos de borda: 1
Tipos de borda: Direta
Tipos de lábios: Arredondado
Fragmentos de bojo: 7;
Tipo de bojos: Não identificados
Fragmento de base: 1
Tipo de base: Plana
Quantidade de objetos reconstituídos: 1
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 6.

UNIDADE 5

Quantidade de fragmentos: 14
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de Tratamento de Superfície: Alisado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 6
Tipos de borda: Direta; Extrovertida; Reforçada Externamente; e Reforçada Internamente e Externamente;
Tipos de lábios: Arredondado; Apontado; e Ponteados
Fragmentos do bojo: 3
Tipos de bojo: Não identificados
Fragmento de base: 5;
Tipo de base: Plana e Semi-plana;

Quantidade de objetos reconstituídos: 4;
Tipos de objetos: Vasilha;
Formas reconstituídas: Forma 1.

UNIDADE 6

Quantidade de fragmentos: 15
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Pintado
Quantidade de grupos: 3 - Grupo 1 (pintado de vermelho), Grupo 2 (pintado

Sítio Santo Antônio

UNIDADE 1

Quantidade de fragmentos: 2
Tipo de aditivo: Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Alisado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 1
Tipos de borda: Reforçada Externamente
Tipos de lábios: Arredondado
Fragmentos de bojo: 1
Tipos de bojós: Não Identificado

UNIDADE 2

Quantidade de fragmentos: 1
Tipo de aditivo: Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Pintado
Quantidade de grupos: 1 (Pintado de Vermelho e Branco)
Fragmentos de bojo: 1;
Tipos de bojós: Não Identificado

UNIDADE 3

Quantidade de fragmentos: 2
Tipo de aditivo: Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Polido
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 1
Tipos de borda: Extrovertida;
Tipos de lábios: Arredondado

de vermelho sobre branco), e Grupo 3 (pintado de vermelho e marrom sobre branco)

Fragmentos de borda: 3
Tipos de borda: Reforçada Interna e Externa; Introvertido; e Extrovertido
Tipos de lábios: Arredondado
Fragmentos de bojo: 12
Tipos de bojós: Não Identificados
Quantidade de objetos reconstituídos: 2
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1.

Fragmentos de bojo: 1
Tipos de bojós: Não Identificado
Quantidade de objetos reconstituídos: 1
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1.

UNIDADE 4

Quantidade de fragmentos: 7
Tipo de aditivo: Areia
Tipo de tratamento de superfície: Pintado
Quantidade de grupos: 1 (Pintado de Vermelho)
Fragmentos de borda: 4
Tipos de borda: Direta
Tipos de lábios: Arredondado
Fragmentos de bojo: 2
Tipos de bojós: Não Identificado
Fragmento de base/bojo: 2
Tipo de base/bojo: Plana
Quantidade de objetos reconstituídos: 2
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1 e Forma 2.

UNIDADE 5

Quantidade de fragmentos: 1
Tipo de aditivo: Areia
Tipo de tratamento de superfície: Polido
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de bojo: 1
Tipos de bojós: Não Identificado

UNIDADE 6

Quantidade de fragmentos: 1
Tipo de aditivo: Areia
Tipo de tratamento de superfície:
Engobado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de bojo: 1
Tipos de bojós: Não Identificado

UNIDADE 7

Quantidade de fragmentos: 4
Tipo de aditivo: Areia
Tipo de tratamento de superfície:
Escovado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de bojo: 4
Tipos de bojós: Não Identificados

UNIDADE 8

Quantidade de fragmentos: 2
Tipo de aditivo: Areia
Tipo de tratamento de superfície:
Escovado associado ao Pintado
Quantidade de grupos: 1 (escovado e
pintado de vermelho)
Fragmentos de borda: 2
Tipos de borda: Direta
Tipos de lábios: Arredondado
Quantidade de objetos reconstituídos: 1
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 2

UNIDADE 9

Quantidade de fragmentos: 15
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila
e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície:
Alisado
Quantidade de grupos: 1;
Fragmentos de borda: 8;
Tipos de borda: Reforçadas
Externamente, Extrovertidas e Diretas
Tipos de lábios: Arredondados, Planos e
Serrilhados
Fragmentos de bojo: 5
Tipos de bojós: Não Identificados
Fragmento de base: 2
Tipo de base: Planas
Quantidade de objetos reconstituídos: 3
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1 (2) e
forma 5 (1)

UNIDADE 10

Quantidade de fragmentos: 11
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila
e/ou Cacos de Cerâmica moídos
Tipo de tratamento de superfície: Pintado
Quantidade de grupos: 4 - Grupo 1
(Pintado de Vermelho), Grupo 2
(Pintado de Branco), Grupo 3 (Pintado
de Vermelho sobre Branco) e Grupo 4
(Pintado de Vermelho e Marrom sobre
Branco)
Motivos: 1 e 5
Fragmentos de bojo: 1;
Tipos de bojós: não Identificado

SÍTIO OLHO D'ÁGUA DO PAU

UNIDADE: 1

Quantidade de fragmentos: 42
Tipo de aditivo: Bolo de Argila e/ou
Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície:
Alisado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 22
Tipos de borda: Diretas; Reforçadas
Externamente; e Extrovertidas
Tipos de lábios: Arredondados; Planos;
Ungulados; Ponteados; Serrilhado; e
Apontado
Fragmentos de bojo: 18
Tipos de bojós: Carenado; e Não
Identificados
Fragmento de base/bojo: 1
Tipo de base/bojo: Semi-Plana
Quantidade de objetos reconstituídos: 4
Tipos de objetos: Vasilha;
Formas reconstituídas: Forma 1(3) e
Forma 5 (1)

UNIDADE 2

Quantidade de fragmentos: 17
Tipo de aditivo: Bolo de Argila e/ou
Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Pintado
Quantidade de grupos: 2 - Grupo 1
(Pintado de Vermelho) e Grupo 2
(Pintado de Vermelho e Marrom)
Motivos: 1
Fragmentos de borda: 7
Tipos de borda: Diretas; Reforçadas
Externamente; Introvertidas; Reforçadas
Internamente
Tipos de lábios: Arredondado e
Ungulado
Fragmentos de bojo: 5
Tipos de bojós: Não Identificados
Quantidade de objetos reconstituídos: 1
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 2

UNIDADE: 3

Quantidade de fragmentos: 7
Tipo de aditivo: Bolo de Argila e/ou
Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície:
Brunido
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 1
Tipos de borda: Reforçado Externamente
Tipos de lábios: Arredondado
Fragmentos de bojo: 1
Tipos de bojós: Não Identificado

UNIDADE: 4

Quantidade de fragmentos: 1
Tipo de aditivo: Bolo de Argila e/ou
Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Polido
Quantidade de grupos: 1

UNIDADE: 5

Quantidade de fragmentos: 1
Tipo de aditivo: Bolo de Argila e/ou
Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície:
Roletado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de bojo: 1
Tipos de bojós: Não Identificado

UNIDADE: 6

Quantidade de fragmentos: 18
Tipo de aditivo: Areia
Tipo de tratamento de superfície:
Alisado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 6
Tipos de borda: Diretas e Extrovertidas
Tipos de lábios: Arredondados e
Apontados
Fragmentos de bojo: 8
Tipos de bojós: Não Identificado
Fragmento de base: 2
Tipo de base: Semi-planas
Fragmento de base/bojo: 2
Tipo de base/bojo: Semi-plana

Quantidade de objetos reconstituídos: 2
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1 e Forma 3

UNIDADE: 7

Quantidade de fragmentos: 118
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Alisado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 37
Tipos de borda: Reforçadas Externamente; Diretas; Introvertidas; e Extrovertidas
Tipos de lábios: arredondados; Ponteados; Dígito Ungulado; ungulados;
Fragmentos de bojo: 60
Tipos de bojos: Não Identificado
Fragmento de base: 15
Tipo de base: Planas, Semi-planas
Fragmento de base/bojo: 6
Tipo de base/bojo: Semi-plana
Quantidade de objetos reconstituídos: 8
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1 (7), Forma 2 (1)

UNIDADE: 8

Quantidade de fragmentos: 57
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Pintado
Quantidade de grupos: 4 – Grupo 1 (Pintado de Vermelho) ; Grupo 2 (Pintado de Branco); Grupo 3 (Pintado de Vermelho sobre Branco); Grupo 4 (Pintado de Vermelho e Marrom sobre Branco)
Motivos: 1; 2; e 4
Fragmentos de borda: 12
Tipos de borda: Reforçadas Externamente; Diretas; e Extrovertidas
Tipos de lábios: Arredondados; Apontados; Serrilhados
Fragmentos de bojo: 29

Tipos de bojos: Não Identificados e Reforçados
Fragmento de base: 3
Tipo de base: Planas e Semi-planas
Quantidade de objetos reconstituídos: 1
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1

UNIDADE: 9

Quantidade de fragmentos: 20
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Polido
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 6
Tipos de borda: Reforçadas Externamente e Diretas
Tipos de lábios: Arredondado
Fragmentos de bojo: 9
Tipos de bojos: Não Identificado
Quantidade de objetos reconstituídos: 1
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1

UNIDADE: 10

Quantidade de fragmentos: 13
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Brunido
Quantidade de grupos: 1;

UNIDADE: 11

Quantidade de fragmentos: 4;
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos;
Tipo de tratamento de superfície: Brunido associado ao Polido;
Quantidade de grupos: 1;

UNIDADE: 12

Quantidade de fragmentos: 2;
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Engobo

Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de bojo:1

Tipos de bojos: Não Identificado

Anauá

UNIDADE: 1

Quantidade de fragmentos: 23
Tipo de aditivo: Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Alisado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 8
Tipos de borda: Reforçadas Externamente, Diretas, Extrovertidas
Tipos de lábios: Arredondados
Fragmentos de bojo: 14
Tipos de bojos: Não Identificado
Fragmento de base: 1
Tipo de base: Plana
Quantidade de objetos reconstituídos: 2
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1 e Forma 3

UNIDADE: 2

Quantidade de fragmentos: 55
Tipo de aditivo: Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Pintado
Quantidade de grupos: 4;
Motivos: 1 e 2
Fragmentos de borda: 15
Tipos de borda: Reforçadas externamente; Diretas; Reforçadas Internamente; Extrovertidas
Tipos de lábios: Arredondados; Serrilhados
Fragmentos de bojo: 28
Tipos de bojos: Não Identificado
Fragmento de base: 5
Tipo de base: Planas e Semi-planas
Quantidade de objetos reconstituídos: 6
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1 (3), Forma 3 (3)

UNIDADE: 3

Quantidade de fragmentos: 5
Tipo de aditivo: Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Polido
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 1
Tipos de borda: Direta
Tipos de lábios: Arredondado
Fragmentos de bojo: 4

Tipos de bojos: Não Identificado
Quantidade de objetos reconstituídos: 8
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1

UNIDADE: 4

Quantidade de fragmentos: 22
Tipo de aditivo: Areia
Tipo de tratamento de superfície: Alisado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 5
Tipos de borda: Reforçadas Externamente e Diretas
Tipos de lábios: Arredondados e Planos
Fragmentos de bojo: 12
Tipos de bojos: Não Identificado
Fragmento de base: 1
Tipo de base: Plana
Fragmento de base/bojo: 1
Tipo de base/bojo: Semi-plana
Quantidade de objetos reconstituídos: 1
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1

UNIDADE: 5

Quantidade de fragmentos: 26
Tipo de aditivo: areia
Tipo de tratamento de superfície: Pintado
Quantidade de grupos: 2 Grupo 1 (Pintado de Vermelho); Grupo 2 (pintado de branco)
Fragmentos de borda: 5
Tipos de borda: Reforçadas Externos e Diretas.
Tipos de lábios: Arredondados
Fragmentos de bojo: 2
Tipos de bojos: Não Identificado
Fragmento de base: 1
Tipo de base: Semi-plana;
Quantidade de objetos reconstituídos: 2
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1 e Forma 3

UNIDADE: 6

Quantidade de fragmentos: 2
Tipo de aditivo: areia
Tipo de tratamento de superfície: Escovado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de bojo: 2
Tipos de bojos: Não Identificado

UNIDADE: 7

Quantidade de fragmentos: 204
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Alisado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 40
Tipos de borda: Reforçadas Externamente; Reforçadas Internamente e Externamente; Reforçadas Internamente; Diretas; Introvertidas; Extrovertidas.
Tipos de lábios: Arredondados; Ungulados; Apontados; Planos; e Serrilhados.
Fragmentos de bojo: 142
Tipos de bojos: Não Identificados e Carenados.
Fragmento de base: 14
Tipo de base: Planas e Semi-planas
Fragmento de base/bojo: 3
Tipo de base/bojo: Planas e Semi-planas
Quantidade de objetos reconstituídos: 9
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1(3), Forma 2(6)

UNIDADE: 8

Quantidade de fragmentos: 244
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Pintado
Quantidade de grupos: 4 Grupo 1 (Pintado de Vermelho); Grupo 2 (Pintado de Branco); Grupo 3 (Pintado de Vermelho sobre Branco); Grupo 4 (Pintado de Vermelho sobre Cinza)
Motivo: 1, 2, 3, 5 e 6
Fragmentos de borda: 52
Tipos de borda: Reforçadas Externamente; Reforçadas Internamente; Reforçadas Internamente e Externamente; Diretas, Introvertidas; e Extrovertidas
Tipos de lábios: Arredondados; Planos; e Apontados
Fragmentos de bojo: 103
Tipos de bojos: Não Identificado
Fragmento de base: 21
Tipo de base: Planas, Semi-planas
Fragmento de base/bojo: 2
Tipo de base/bojo: Planas
Quantidade de objetos reconstituídos: 21
Tipos de objetos: Vasilhas e Fusos

Formas reconstituídas: Forma 1(11); Forma 2(2); Forma 3 (1); Forma 4(2); Vasilha de boca quadrangular (2); vasilha de boca elíptica (1); e Fuso circular (2)

UNIDADE: 9

Quantidade de fragmentos: 48
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Polido
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 6
Tipos de borda: Reforçadas Externamente; Diretas; e Extrovertidas
Tipos de lábios: Arredondados; Dígito Ungulado; e Apontado
Fragmentos de bojo: 33
Tipos de bojos: Não Identificados e Carenados
Fragmento de base: 2
Tipo de base: Planas
Quantidade de objetos reconstituídos: 2
Tipos de objetos: Vasilha e Fuso
Formas reconstituídas: Forma 1(1) e Fuso circular(1)

UNIDADE: 10

Quantidade de fragmentos: 3
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Pintado associado ao Polido
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de bojo: 3
Tipos de bojos: Não Identificados

UNIDADE: 11

Quantidade de fragmentos: 73
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Acanalado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 3
Tipos de borda: Diretas
Tipos de lábios: Arredondados
Fragmentos de bojo: 12
Tipos de bojos: Não identificados
Fragmento de base: 18;
Tipo de base: Planas, Semi-planas
Quantidade de objetos reconstituídos: 9
Tipos de objetos: Vasilha
Formas reconstituídas: Forma 1

UNIDADE: 12

Quantidade de fragmentos: 19
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou
Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Brunido
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 2
Tipos de borda: Diretas e Extrovertidas
Tipos de lábios: Digitado
Fragmentos de bojo: 7
Tipos de bojos: Não Identificados
Fragmento de base: 2
Tipo de base: Plana e Semi-plana

UNIDADE: 13

Quantidade de fragmentos: 4
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou
Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Brunido
associado ao Pintado
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de bojo: 1
Tipos de bojos: Não Identificado
Fragmento de base: 1
Tipo de base: Plana

UNIDADE: 14

Quantidade de fragmentos: 5
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou
Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Roletado

Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de borda: 2
Tipos de borda: Diretas
Tipos de lábios: Arredondado

UNIDADE: 15

Quantidade de fragmentos: 1
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou
Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Ponteadado
Quantidade de grupos: 1

UNIDADE: 16

Quantidade de fragmentos: 2
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou
Cacos de Cerâmica Moídos
Tipo de tratamento de superfície: Engobo
com pintura
Quantidade de grupos: 1
Fragmentos de bojo: 1
Tipos de bojos: Não Identificado
Fragmento de base: 1
Tipo de base: Plana

UNIDADE: 17

Quantidade de fragmentos: 1
Tipo de aditivo: Areia + Bolo de Argila e/ou
Cacos de Cerâmica Moídos;
Tipo de tratamento de superfície: Inciso
associado ao Pintado
Quantidade de grupos: 1